

A Odisseia de um Preto
Velho

A Odisseia de um Preto Velho

Ditado pelo Espírito Severino de Aruanda

Médium Roberto R. Rodrigues

Lilian Campos

Copyright/2019

1ª edição

Copyright © Lilian Campos. 2019

ISBN: 978-65-900535-2-7

Autoria

Lilian Campos

Capa

Roberto R. Rodrigues

Diagramação e Revisão

Davilan Vilela Borges

C198o

Campos, Lilian

A Odisseia de um Preto Velho / Lilian Campos – 1. Ed. – Foz do Iguaçu – PR: Edição da autora, 2019.

352 p.: 14 x 21 cm; EBOOK.

ISBN 978-65-900535-2-7

1. Espiritismo. 2. Mediunidade. I. Título.

CDD: 133.93

CDU: 133.7/49

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida por quaisquer meios existentes sem autorização por escrito da autora.

CARTA AO LEITOR

Saravá a todos os filhos de Deus!

Benditos são aqueles Homens que caminham na luz!

Queridos Leitores.

Que as palavras transmitidas e os aprendizados extraídos nessas folhas possam iluminar suas vidas na terra.

Por meio dessa história eu conto o caminho que percorri em minha última encarnação, a vida de um ser que nasceu escravo e precisava morrer escravo para experimentar todas as vivências em um corpo de carne, quitar débitos de uma existência passada, e assim se elevar e sublimar na luz, para mais tarde, no plano espiritual reconhecer um Bem Maior que pudesse ser empregado no crescimento de todos.

Em minha última vida eu lutei contra o carma que permitiria minha evolução, fiz tudo que podia para fugir e escapar dos débitos contraídos em outras existências, me neguei a aceitar as coisas como eram, e

assim encontrei ainda mais sofrimento, dor e chibatadas.

Espero que meu exemplo possa lhes ensinar que a vida de todo ser humano que pisa na terra é permeada pelo carma, e esse é inevitável e necessário para evolução.

A reencarnação para todos, é de suma importância, então aceitem-na como um presente de Deus para poderem trabalhar e realizar tudo que prometeram antes de reencarnar.

Façam tudo de bom grado e aceitem as dificuldades do caminho, pois são provas programadas e necessárias para sua existência, não tentem fugir, pois não tem como escapar do que está programado para evolução do espírito, de uma forma ou de outra precisam vivenciar certas tribulações, elas são necessárias para o espírito se redimir dos débitos passados, progredir e evoluir em sua jornada.

Tudo que acontece na terra serve como aprendizado, então aceitem com resignação que sacrifícios são necessários para que se alcance a renovação espiritual.

Que Pai Oxalá abençoe todos os seres encarnados na terra, que vivam com muita luz no coração e que aprendam com as palavras singelas que transmito por meio desse querido irmão, amigo e médium.

Faço votos que possam aprender e que esse aprendizado eleve seus espíritos, pois tudo que se aprende é bem-vindo e ajuda em suas evoluções.

Paz na terra aos homens de bem!

Severino de Aruanda.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
------------------	---

PARTE I

CAPÍTULO I – A vida na fazenda.....	13
-------------------------------------	----

CAPÍTULO II – O preço da liberdade	24
--	----

CAPÍTULO III – O poder do amor.....	68
-------------------------------------	----

CAPÍTULO IV – Rendição	114
------------------------------	-----

CAPÍTULO V – A morte visita a casa grande	160
--	-----

PARTE II

CAPÍTULO I – Espíritos livres	218
-------------------------------------	-----

CAPÍTULO II – Nasce uma nova religião.....	257
--	-----

CAPÍTULO III – Resgatando o passado	291
---	-----

CAPÍTULO IV – Iluminando caminhos	335
---	-----

INTRODUÇÃO

No final do século XVIII o trabalho escravo ainda sustentava a economia Brasileira.

Após verem suas tribos dizimadas eram capturados como animais, em seguida, acorrentados e jogados em porões de navios, sem compreender o idioma dos invasores sequer imaginavam o destino que os aguardava, submetidos a condições inumanas poucos sobreviviam as longas viagens. Famintos, sedentos, feridos e doentes desembarcavam em terras brasileiras para serem expostos, vendidos e enviados a fazendas onde sofreriam com a exploração, humilhação e flagelação comum aos negros. Aprisionados e impedidos de retornar a sua terra natal eram obrigados a abandonar seu idioma, crenças, e modo de vida para se familiarizar com a língua portuguesa, adotar a doutrina cristã e se adaptar as rígidas exigências impostas por exploradores que enriqueciam a custas de seus trabalhos.

Nesse período, Minas Gerais era o estado com maior número de escravos, grande parte trazidos de

Angola, assim que chegavam eram logo vendidos e enviados a fazendas que se espalhavam pelos pequenos distritos do estado, mais uma longa e penosa viagem, em que jogados em carroças seguiam acorrentados, recebendo o mínimo de alimentos, constantemente açoitados, coagidos e humilhados, assim seguiam até chegarem às terras de seu senhor, onde iniciavam uma triste e amarga trajetória que se arrastaria por toda vida.

Negro era escravo, não importava a origem, nem todos os escravizados passaram pela tortuosa captura e travessia marítima, havia aqueles que nasciam nessa condição, antes mesmo de entenderem o que era a escravidão já eram escravos. Muitos foram os homens e mulheres que viveram toda uma existência nessa condição, seres humanos que encontraram a liberdade somente após abandonar o corpo físico tantas vezes massacrado pelo homem branco.

Parte I

Sina de Escravo



Em resposta, Jesus declarou:
"Digo a verdade: Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não
nascer de novo".

João 3:3



CAPÍTULO I

A vida na fazenda

Em um pequeno distrito de Minas Gerais a fazenda Bela Vista, propriedade de Sinhô Belizário prosperava graças ao trabalho dos escravos.

No ano de 1790 a fazenda gerava bons lucros com o cultivo de café e criação de gado. Contando com pouco mais de quarenta escravos, grande parte mulheres e crianças o trabalho era árduo.

A fazenda não era diferente da maioria, cercada por mata fechada, mantinha um único portão de acesso, de onde podia se ver logo a frente à casa grande, toda em branco, com portas e grandes janelas azul escuro, residência ampla e confortável onde moravam Sinhô Belizário, Sinhá Ana, as filhas Beatriz e Cecília.

Alguns metros à frente da varanda destacavam-se dois troncos, um em pé e outro deitado, sendo que no último os escravos eram presos com o rosto rente ao chão.

Poucos metros da casa grande iniciava-se pequena inclinação pedregosa que levava a parte mais baixa da fazenda, onde se localizavam duas pequenas senzalas interligadas, completamente contrárias a bela arquitetura da casa grande, essas eram feitas de madeira e barro, com poucas janelas o ambiente era sufocante e insalubre. Nessas pequenas construções os escravos se amontoavam para dormir, e nos poucos momentos de descanso confraternizar.

Nos fundos da propriedade via-se os currais, hortas, a vasta plantação de café, um açude onde podíamos nos banhar, e mais mata fechada que serviam como muros de proteção contra fugas e foi dentro dessa propriedade, na condição de escravo que reencarnei.

Em novembro de 1790, para ser mais preciso, em uma segunda-feira eu nascia na senzala, recebi o nome de Cícero Severino, era mais um escravo, no entanto, não negro, a pele morena denunciava que certamente eu era filho de um branco, isso não importava, pois minha mãe era uma das negras da fazenda, e dessa maneira eu era apenas mais um

escravo sem sobrenome que passaria sua vida prestando trabalhos e servindo seus donos.

Eu cresci acreditando que a condição de escravo era normal, vestia aquilo que minha mãe conseguia costurar com trapos velhos, brincava com outras crianças da senzala, nossos brinquedos eram sempre improvisados, apesar de todas as necessidades éramos felizes.

Quando completei cinco anos iniciei o trabalho nas plantações de café, o serviço era pesado, cansativo, no final do dia as mãos pequenas e frágeis estavam machucadas, ao chegar na senzala minha mãe fazia compressas para atenuar a dor, com olhar triste ela me consolava dizendo que logo eu me acostumaria. Realmente ela estava certa, em pouco tempo as mãos delicadas se tornaram grossas, calejadas, eu não gostava do trabalho, mas nada podia fazer além de acostumar-me a vida dura de quem já nasceu escravo.

Em pouco tempo estava habituado a dura rotina, as quatro horas da manhã eu e outras crianças seguíamos para ordenha, em seguida voltávamos para senzala, fazíamos o desjejum que eram basicamente

sobras da casa grande, as seis horas seguíamos para plantação de café onde ficávamos até o entardecer.

Como criança eu era muito arteiro, alheio a realidade em que vivia, acreditava que tudo era normal, ainda que o trabalho fosse incessante arrumava tempo para as troças infantis. Sempre que possível me reunia com outras crianças, e sorrateiramente espreitávamos a janela da casa grande esperando o momento que sinhá Ana colocaria o bolo de fubá para esfriar, ela já sabia que o bolo sumiria misteriosamente, então fazia um bolo a mais.

Éramos como pequenos ratos roubando comida, impulsionados pela fome, mal sinhá colocava o bolo na janela e nós pegávamos, corríamos para senzala e partilhávamos com todos os escravos, no final a partilha resultava em poucas migalhas, pois eram muitos escravos que disputavam um pedacinho.

Na casa grande trabalhavam as escravas com boa mão para cozinha, uma delas era Tininha, essa vivia atenta aos alimentos que podiam ser aproveitados para nossa alimentação. Eram pedaços de carne que não eram usados, restos de verduras,

sobras de comida, ela separava e nos entregava, os escravos mais velhos eram especialistas em conseguir tubérculos que encontravam em abundância nas matas, isso complementava nossa alimentação, supria o pouco alimento que recebíamos.

Sinhô Belizário e sinhá Ana gostavam de oferecer grandes festas a ilustres convidados, dias em que a casa se enchia de pessoas desfilando com seus trajes elegantes, longos vestidos, casacas, cartolas, festas regadas de fartura para os celebres visitantes.

Nesses dias sempre eram abatidos alguns animais para serem servidos na festa, muitas partes eram descartadas, Tininha separava e nos entregava, na época o feijão era um artigo pouco consumido pela sociedade, um alimento barato destinado aos escravos, com os restos dos animais abatidos, o feijão fazíamos um ensopado, que mais tarde se tornou a popular feijoada. A festa sempre deixava muitas sobras que Tininha nos levava, a comemoração e alegria era nossa também, pois naquelas ocasiões não dormíamos com fome.

A família de Sinhô Belizário era luterana, então nos sábados não trabalhávamos, contrariado ele nos dava o sábado e domingo de descanso. Para nós eram dias de alegria, descansávamos, os adultos sentados em volta da senzala contavam causos enquanto assistiam as crianças brincando, eu e os outros meninos não tínhamos brinquedos, mas criávamos nossas brincadeiras, corríamos e nos divertíamos a nosso modo, alguns iam para o açude aonde passavam o dia se banhando, essas eram nossas diversões.

O tempo passava, logo cheguei à adolescência, completava doze anos, momento em que todos os jovens recebiam sua marca, como não tínhamos um sobrenome, então éramos marcados como gado, recebíamos na pele as iniciais do nome do sinhô. Essa marca carreguei na pele por toda a vida, no entanto a marca mais profunda de minha adolescência veio com a morte de minha mãe. Uma mulher jovem e bonita sofreu muito com as violências e abusos praticados pelos capatazes da fazenda. Um desses abusos resultou em mais uma gravidez, dessa vez ela não conseguiu esconder a barriga como fez comigo, assim que

descoberta foi levada ao tronco, açoitada diversas vezes não resistiu.

Fui obrigado a assistir minha mãe ser presa e chicoteada até a morte, contido e aconselhado por outros escravos me mantive calado, não perguntei nada, qualquer manifestação de revolta ou apelo poderiam gerar graves consequências, poderia ser o próximo a ir pro tronco. Abafada a dor retornei a lavoura de café, os escravos não tinham o direito de sofrer, viver o período de luto, não tínhamos direito a nada!

Por muito tempo sofri a falta de minha mãe, passei a ser cuidado por outras escravas da senzala, João, um escravo três anos mais velho, me deu muito apoio e força, logo se tornou como um irmão. Aos poucos percebi minha impotência diante das atrocidades praticadas contra os escravos. Não podia me rebelar, nada me restava além de aceitar e continuar servindo o homem que ordenou a morte de minha mãe.

Como todo o adolescente era curioso, junto com meus amigos procurávamos diversão espiando as

negras se banharem no açude, nos escondíamos na mata para ver as negras nuas. Foi em uma dessas brincadeiras que vimos sinhozinho Belizário no açude com Tonha, uma das escravas, infelizmente era comum as negras trocarem favores sexuais por alimentos, roupas, calçados, todos sabiam, mas ninguém se atrevia comentar.

Algum tempo depois Tonha passou a agir estranhamente, se cobria com panos, escondia a barriga, não demorou para sabermos que ela estava grávida. Temendo pela própria vida a escrava fez o possível para esconder a gravidez, todos ajudavam como podiam. Quando completei treze anos veio ao mundo Didi, um menino branco, não foi surpresa para ninguém, pois todos sabiam que o pai era sinhô Belizário. Escondemos o menino por muito tempo, sinhô raramente entrava na senzala, nossa preocupação era com os capatazes que não poderiam ver e nem ouvir Didi, para protegê-lo todos se revezavam nos cuidados com o pequeno. Tonha batizou o menino com o nome do pai, todos sabíamos que era uma loucura, ela parecia desconcertada, e para

não a contrariar apelidamos a criança de Didi. (pode ser tirado)

Eu ajudava a cuidar e esconder Didi, logo desenvolvi grande carinho pelo menino. A senzala nunca foi um lugar de alegrias, sempre pairava uma sensação de tristeza e angústia, apesar da união entre os negros, eram raras as manifestações de amor, carinho ou afeto, no entanto, consegui criar laços de profundo amor por Didi, ele e João eram como meus irmãos.

Didi cresceu rápido, um menino muito bonito, moreno, cabelos encaracolados, todos os escravos mantínhamos o assunto em total sigilo, por vezes comentávamos que o menino era o único filho homem do sinhô Belizário, o varão que ele não teve com sinhá Ana.

Anos mais tarde, quando Didi havia completado cinco anos é que sinhô Belizário se deu conta da existência do menino, em uma contagem das crianças perceberam que havia um escravo a mais, para impedir que desconfiassem da origem do menino mentimos que ele era filho de uma escrava que havia

morrido, sinhô Belizário percebendo que aquele era mais um trabalhador, e que poderia tirar algum proveito foi complacente com a situação, permitiu que Didi trabalhasse e poupou todos das chibatadas.

Eu dedicava minha vida ao trabalho e a servidão, minhas alegrias eu encontrava em João e Didi, evitava envolvimento com as escravas pois sabia que poderia me trazer sofrimentos, todas eram obrigadas a servir os capatazes, quando engravidavam eram castigadas, preferia não ter uma companheira e vê-la passar por isso.

Juntamente se encurvaram e se abateram; não puderam livrar-se
da carga, mas a sua alma entrou em cativeiro.

Isaías 46:2



CAPÍTULO II

O preço da liberdade

No ano de 1819, eu completava vinte e nove anos, Didi um belo rapaz com dezesseis e João com trinta e dois.

Sempre fui um homem pequeno e franzino, mas forte, não tinha preguiça, era prestativo e trabalhador, aquela vida de maus tratos me parecia injusta, mas nunca reclamei, a resignação permitiu que chegasse a aquela idade sem nunca ter ido para o tronco.

No final de mais um dia de trabalho árduo, exaustos com a escravidão, eu e João conversávamos sobre a tristeza que cercava nossas vidas, o trabalho forçado em troca de chibatadas, a luta diária para sobreviver com os restos de comida, as longas noites geladas dormindo no chão.

João comentou que ouviu boatos sobre um quilombo que abrigava escravos fugitivos, foi o suficiente para que as ideias de fuga se multiplicassem em nossa mente.

A conversa que se iniciou com lamentos sobre a vida triste se tornou um plano de fuga, em pouco tempo havíamos planejado tudo.

Na calada da noite iríamos até o açude e desceríamos as margens do rio, quando encontrássemos caminho livre seguiríamos a procura do quilombo.

O plano envolvia apenas eu e João, mas Didi ouvindo nossa conversa insistiu em nos acompanhar, tentamos persuadi-lo de todas as formas, explicamos as dificuldades e perigos, mas o menino se manteve firme. Eu temia muito a reação de sinhô Belizário caso fôssemos capturados, não sabia até onde sua maldade poderia chegar, apesar do medo e dos riscos o desejo por liberdade corria em minhas veias, me encorajava tentar.

Com tudo planejado percebi que João se mostrava pensativo, distante, logo percebi o que o afligia. João tinha um forte motivo para ficar naquela fazenda, era apaixonado por sinhazinha Cecília, que escondida correspondia a paixão. Fazia algum tempo que os dois encontravam diversos pretextos para

conseguirem se ver, as vezes era sinhazinha Cecília que chamava João para lhe dar um pedaço de bolo, outras vezes era João que ia até sinhazinha para perguntar se ela precisava que ele fizesse algum trabalho. A moça se alegrava em apenas olhar nos olhos do rapaz, sabia que aquele amor era impossível, temia pela vida de João, se alguém desconfiasse seu pai mandaria João para o tronco e certamente o mataria.

Aquela paixão prendia João em grandes conflitos, parte queria fugir, mas outra queria permanecer perto de Cecília, no final o desejo por liberdade falou mais alto no coração cansado.

Começamos os preparativos para a fuga, com a ajuda das cozinheiras da casa grande, em poucos dias juntamos alguns alimentos, nada mais que algumas bananas, batatas doces cozidas e alguns pedaços de carne. Na noite planejada esperamos alta madrugada, quando todos estavam dormindo pegamos um saco com a comida que conseguimos, e seguimos rumo ao açude, caminhamos algumas horas margeando o rio, em nossa ingenuidade tudo estava dando certo, planejamos tudo com cuidado, mas como nunca

tínhamos saídos da propriedade, não sabíamos que ao descer o rio chegaríamos nas fazendas vizinhas, e não demorou muito para sermos capturados pelos capatazes.

Surpreendidos não tivemos outra opção além de nos entregar, não precisamos falar de que fazenda viemos, as marcas de ferro em nosso corpo denunciavam, fomos acorrentados e levados para sinhô Belizário.

Ao chegar na fazenda foi um verdadeiro alvoroço, assim que passamos o portão vimos sinhô Belizário a família e Gumercindo, chefe dos capatazes, discutindo, pois nunca houve fugas na fazenda, estavam surpresos. Logo que sinhô nos avistou deu a ordem, mandou que colocassem João no tronco que ficava em pé, e eu no tronco deitado, Didi ao nosso lado aguardava sua punição. Olhando-nos como quem não acredita no que está vendo sinhô Belizário perguntou:

— De quem foi a ideia de fugir?

No mesmo instante, Cecília intercedeu em prantos:

— Não os castigue papai, a ideia foi minha! Não acho justo a vida que esses miseráveis levam, sugeri que deveriam escapar, a culpa é minha!

Sinhô Belizário nem suspeitava da paixão entre Cecília e João, entre gargalhadas respondeu ironicamente:

— Você não sabe o que fala menina, que motivos teria para se apiedar desses negros?

Sinhô Belizário não percebia o sofrimento da filha enquanto essa olhava para João no tronco.

E lá estávamos, João, eu e Didi, esperando a sentença de sinhô Belizário, temíamos pelo que nos aconteceria em seguida, então ele continuou:

— Não tenho a vida toda para ficar aqui! Vamos! De quem foi a ideia de fugir? Didi, você ainda é criança, certamente não teria tanta audácia, me conte quem foi!

Didi apavorado, sem saber o que falar respondeu:

— A ideia foi minha! Ninguém me obrigou a nada, fui porque quis!

Sinhô Belizário suspeitava que Didi era seu filho, os traços do menino denunciavam, com o argumento de que o menino era jovem demais para ter a ideia de fugir deixou que fosse sem ser punido.

Disfarçando o medo de ser exposto pelas características de Didi ele disse:

— Vá Didi! Com certeza essa ideia não foi sua, esta é protegendo esses dois!

Didi saiu correndo, voltou para senzala, então sobrou eu e João, sinhô Belizário mais uma vez argumentou com voz irritada:

— E agora! Vão me falar de quem foi a ideia? Foi sua Severino? Ou sua João? Respondam!

Eu sabia que não escaparia das chibatadas, Didi sem saber se beneficiou com a suspeita do sinhô, João contava com os apelos de sinhá Cecília, eu não tinha ninguém que me defendesse, era certo que levaria a punição, então, diante dessa conclusão decidi por me responsabilizar, quem sabe conseguiria livrar João. Enfrentando medo falei:

— Foi iêu sinhô! Foi iêu que teve a ideia e planejei tudo!

Mal terminei de responder e no mesmo instante senti a chibatada nas costas, João não escapou, também foi castigado. Sinhá Cecília sofria profundamente com cada açoitada que João levava, quando recebemos o décimo golpe, sinhô deu ordem para que o capataz parasse e nos tirasse do tronco, enquanto o homem soltava João eu falei:

— Nem doeu!

Sinhozinho Belizário ao ouvir minha provocação se enfureceu, aos gritos ordenou:

— Gumercendo, de mais cinquenta chibatadas nesse negro insolente! Quem sabe assim aprenda a calar a boca!

Arrependido, apelei:

— Não sinhô! Perdoa iêu! Falei brincando!

Mas não adiantou, o castigo me arrancou a pele das costas, fui deixado no tronco praticamente inconsciente.

Na manhã seguinte sinhá Ana, comovida com minha situação foi até o tronco onde eu permanecia, me colocou pedaços de bolo de fubá na boca, me deu

água, lavou os ferimentos. Muito fraco, com dor lhe falei:

— Sinhá Ana, fala pro sinhozinho que falei brincando, que dueu muito! Pede pra ele soltar iêu!

Meia hora depois Gumercindo me soltou do tronco, arrogante e impiedoso disse:

— Levante-se seu preto safado! Vá! Se mande daqui!

Cambaleante fui para senzala aonde as negras lavaram os ferimentos com salmoura, a dor era intensa, não tínhamos medicamentos que aliviassem o sofrimento.

No dia seguinte voltei para colheita do café, as dores eram quase insuportáveis, mas não podia parar o trabalho ou voltaria para o tronco. A noite as negras faziam mais compressas de salmoura, mas a dor não dava trégua, não conseguia dormir ou descansar.

Com o passar dos dias me recuperei, os trabalhos de sol a sol nas lavouras me tornaram um homem forte, mas a tristeza tomou conta do meu coração, não falava com ninguém.

Depois da fuga João foi colocado em outra senzala, Didi permanecia comigo, tentava me animar

com suas brincadeiras, mas minha tristeza era muito grande, eu só pensava na vida miserável que sempre levei, em minha mente se repetia a mesma frase: Uma vez escravo, sempre escravo!

Meus irmãos de senzala me chamavam de louco, tentavam me fazer perceber a impossibilidade de fuga, mas eu rechaçava os conselhos, na minha opinião eles eram covardes por aceitar e se sujeitar passivamente a tudo.

Passei muitas semanas mergulhado em uma tristeza profunda, com o tempo a tentativa de fuga frustrada, as chibatadas se tornaram apenas uma amarga lembrança, já não sofria tanto com as cenas que inicialmente se repetiam sem parar em minha mente.



Dois anos se passaram, era o ano de 1821, a vida seguia sem novidades, a rotina foi interrompida com a chegada de um novo escravo.

Era um final de tarde quando os capatazes jogaram Cumbalaiê na senzala. Didi e eu logo fizemos amizade com o novo companheiro, passamos a

chamá-lo de Cumba, era um negro muito alto, forte. Cumba não conhecia a escravidão, em sua terra natal sempre foi um guerreiro, homem livre, chegou ao Brasil em um navio com poucos sobreviventes, não conhecia nosso idioma.

No início desenhávamos no chão, fazíamos mímicas, tudo para ajudar Cumba a entender a nova vida. Aos poucos ensinamos algumas palavras, as primeiras que ele aprendeu foram, liberdade, comida e mulher.

Cumba como nunca foi escravizado só pensava em fugir, observando a determinação do novo amigo, a ideia de fuga renasceu em meu coração, um homem forte e ágil como ele poderia ajudar muito. Não demorou muito para que nos víssemos envolvidos no planejamento da fuga. Como não sabíamos o caminho do quilombo eu tentava preparar Cumba para a fuga, explicava tudo que conseguia.

Poucos eram os escravos que tentavam fugir, os homens não queriam abandonar suas companheiras, as mulheres temiam ser capturadas e violentadas até a morte, castigo comum as negras

fugitivas, os únicos a se arriscarem era João, Didi, Cumba e eu.

Enquanto planejavamos a fuga João se aproximou de mim e confessou:

— Severino, quando conseguir encontrar o quilombo vou voltar para pegar Cecília.

Surpreso com a ideia retruquei:

— João, ocê sabe que a escravidão tá muito longe de acabá! Sinhazinha foi criada no conforto, como é que ocê vai cuidá dela? Pensa leva ela pra morá não quilombo? E já pensô no risco? Se vortá vão te pegá e matá no tronco!

— Eu sei Severino, aqui nunca vo podê colocá um dedo em Cecília, se iêu tento me matam! — Vortá é arriscado, mas é nossa única chance de ficá junto! E outra coisa Severino, ocê sabe que quando colocá os pé fora dessa fazenda Didi vai tá junto, ele é fio do sinhô Belizário, esse já é um bom motivo pra sinhozinho procura nós até o inferno!

— Iêu sei! mas não podemos dexá Didi! Vâmo primeiro acha o quilombo, depois planejamo sua vórta pra pega sinhazinha Cecília.

— Tá bão Severino! Vo prepará Cecília.

Depois de nossa reunião decidi dar uma volta antes de dormir, foi quando ouvi uma discussão na casa grande, era sinhá Ana e sinhô Belizário que pleiteavam acaloradamente.

Sinhá Ana falava alto:

— Belizário, esse menino da senzala, o Didi, ele é muito diferente dos outros! — Lembro-me de ter visto você olhar para mãe dele muitas vezes, e agora que ele se tornou um homem fica a cada dia mais parecido com você!

— Você é louca mulher? Sabe que não me misturo com negros!

— Por que você o poupou das chibatadas quando ele tentou fugir?

— Ora Ana! Esse menino não aguentaria as chibatadas, é muito fraco e eu acabaria perdendo um escravo!

— E se um dia eu perguntar para Tonha por que ela colocou esse nome no menino, o que ela vai me dizer?

— Você não se atreva a colocar os pés naquela senzala, ou vai se ver comigo Ana!

Achei melhor voltar para senzala e dormir, e a discussão entre os dois prosseguiu, sinhozinho Belizário mentia muito bem, mas no fundo a esposa sabia a verdade, se calava e tentava esquecer o assunto, temia o marido, pois ele já havia sido violento com ela.

Alguns dias depois, eu, Cumba e João fizemos nova reunião secreta para falar sobre a fuga, João já estava desistindo, então lhe perguntei seriamente:

— João, nós vai ou não vai? Ocê sabe que não tem futuro com sinhazinha, vai morrê sem tocá nela!

Planejávamos a fuga quando vimos Didi se aproximando com cara de desconfiado, não queríamos levá-lo junto, pois ele não conseguia correr como nós. Então lhe perguntei:

— Didi, ocê táva espiando nós?

— Ocê vai fugí de novo! Eu não vo ficá aqui!

— Didi, sua mãe tá aqui! Fique e cuide dela, ocê não tem força pra enfrenta a fuga, precisa corrê muito rápido e por muito tempo, ocê não consegue!

— Iêu cunsigo sim!

Percebemos que Didi iria junto de qualquer jeito, então deixamos que participasse do planejamento. Com ajuda de uma vela desenhávamos o mapa no chão. A primeira tentativa de fuga nos deu ideia de qual caminho evitar, então optamos por fazer o trajeto oposto. Partiríamos o quanto antes. Precisávamos pensar na comida, iríamos colocar Didi para pegar o bolo que sinhá Ana deixava na janela, João pediria a Cecília carne seca, eu roubaria uma galinha, água não seria o problema.

No outro dia, Didi com cara de coitado pediu o bolo para sinhá Ana que as pressas, para não ser vista, enrolou um bolo de fubá em um pano e deu para o menino, João conseguiu a carne com Cecília, e eu, na calada da noite, sorrateiramente fui até o galinheiro, matei uma galinha, arranquei algumas penas, espalhei pelo lugar, e saí às pressas, no outro dia os capatazes pensariam ser mais um ataque de raposas, três dias depois estávamos com tudo preparado para fuga.

Por volta das três horas da manhã saímos correndo, chegando ao rio fizemos o caminho

contrário da primeira fuga, aquela parte do rio era mais funda, então nos embrenhamos na mata, a intenção era se afastar o máximo possível das fazendas e achar o quilombo, corremos até amanhecer, e continuamos o dia inteiro sem parar, no final do dia, mata adentro encontramos uma cabana abandonada, provavelmente usada por caçadores, decidimos descansar por uma noite, estávamos exaustos. No outro dia antes de raiar o sol já estávamos novamente correndo, completamente perdidos na mata, encontramos um negro que estava procurando algo, nunca entendemos o que ele fazia naquele lugar. Assustado perguntei:

— Cê também tá fugindo?

— Eu não, e vocês estão?

— Sim, tâmo fugindo, vâmo atrás do quilombo!

— Pois então sigam para o sul, se continuarem por esse caminho encontrarão uma fazenda, o dono dessa propriedade é um homem bom, não faz mal aos negros, lá tem uma senzala e poderão se esconder, os negros lhes darão comida e poderão descansar. Se

seguirem o caminho oposto vão cair na fazenda de um senhor de escravos que não tem piedade!

João me olhou assustado e disse:

— Severino, esse nego pode ta mentindo!

Olhei para o desconhecido e perguntei:

— Como é teu nome?

— Não interessa meu nome! Quero ajudá-los!

Olhei para João, Didi e Cumba e falei:

— Têmo duas escôia, ou siguimo o caminho que ele mostrô, e pra isso temo que descê esse morro, ou vâmo pelo caminho que parece mais fácir, mas podemo cáí na fazenda do branco ruim!

Estávamos com muito medo e enquanto decidíamos por qual caminho seguir o negro misterioso desapareceu na mata. Sem saber qual caminho seguir decidimos procurar o negro para fazer mais perguntas sobre o quilombo, e sem nos darmos conta acabamos dentro da propriedade do senhor de escravos impiedoso. Mal tivemos tempo de recuar fomos surpreendidos por um capataz chamado Agenor que foi logo dizendo:

— Vejam só! Escravos fujões, quanto será que vocês valem? Temos aqui um negro muito grande e forte, outro que é até bem-apanhado, devem valer um bom dinheiro. Esse menino não valerá muito, e esse outro é muito pequeno e fraco, mas serve para ficar na roça!

Em seguida mandou que tirássemos nossas roupas, para ver nossas marcas, assim que viu lembrou das iniciais, e animado disse:

— Esse tem dinheiro, terá que me pagar uma boa recompensa se quiser de volta esses negros!

Sem perder tempo nos amarrou e começamos a viagem de volta, depois de três dias viajando como animais, sem comida e pouca água chegamos na fazenda.

Agenor bateu o sino na porteira, logo sinhô Belizário chegou recepcionando o homem.

— Boa tarde! Como vai! Vejo que trouxe meus filhos?

— Boa tarde Senhor Belizário, encontrei-os bem longe daqui, resolvi trazê-los para o senhor!

— Pois entre Agenor, descanse e fique com nós essa noite.

— Agradeço, mas prefiro ir direto aos negócios.

Sinhô Belizário conhecia muito bem a fama de ambicioso do homem, sabia que teria que pagar para reaver seus escravos.

— Pois bem Agenor, me diga, o que quer?

Agenor me puxou pelo braço, soltou as amarras e me empurrou em direção a sinhô Belizário, como um negociador nato falou:

— Bem senhor Belizário, esse daqui é muito fraco e mirrado, além do mais já está todo marcado, não vou pedir nada por ele, pois não vale nada mesmo!

Em seguida puxou Cumba:

— Esse é bem grande e forte, vale muito dinheiro, os outros dois o senhor me dá o quanto quiser! — A oferta não é ruim, aquele fracote fica como cortesia, os outros dois o senhor decide quanto vale, na verdade vou colocar preço apenas em um.

Quando ouvi Agenor falar que eu era um fracote, mesmo cansado e apavorado senti o sangue ferver em minhas veias, desde que fomos capturados aquele homem me humilhava, olhei para ele e disse:

— Desde que me pego me chama de fracol!
Pois vo te mostra quem é fracol!

Mal terminei a frase e lhe dei um soco, no mesmo instante Agenor caiu, enquanto tentava se recompor falei:

— Iêu sô pequeno mas sô forte! Trabaia de sol a sol deixa nós forte!

Agenor levantou-se e veio para cima de mim, eu já estava preparado para dar outro soco, quando sinhô Belizário gritou:

— Chega! Parem agora mesmo! Severino, além das chibatadas você vai levar dois tapas na cara! — Agenor, me desculpe, deixe comigo que vou dar uma boa lição nesse negro!

Agenor, irritado e desejando vingança pediu um valor absurdo por Cumba, sinhô Belizário pagou, ofereceu pouso e provisões para viagem de volta. Voltando-se para Gumercindo ordenou:

— Leve todos para senzala e deixe-os acorrentados, amanhã, assim que raiar o dia quero todos aqui! — Vamos acertar nossas contas!

Gumercindo cumpriu a ordem com prazer, nos levou para senzala e nos acorrentou os tornozelos e punhos, passamos a noite acordados, ninguém se encorajava a falar nada, sabíamos que o dia seguinte prometia grandes dores e amarguras.

No outro dia, assim que o sol raiou estávamos reunidos em frente à casa grande, os troncos pareciam mais apavorantes que nunca. Dessa vez sinhá Ana e as filhas foram proibidas de interferir. Sinhô Belizário e Gumercindo se despediam de Agenor, que antes de partir fez questão de falar:

— O senhor veja se cuida bem dos seus escravos! Da próxima vez ficarei com eles para mim!

Sinhô Belizário fingiu não notar o desdém do homem, apenas respondeu:

— Não se preocupe, não precisa trazê-los, caso seja necessário eu mesmo irei buscá-los!

Agenor seguiu viagem e nós fomos para o tronco.

Sinhô Belizário era famoso por seus longos e intermináveis discursos quando mandava algum escravo para o tronco. Logo começou o falatório:

— Eu queria saber se dentro dessas cabeças de macaco tem um pouco de cérebro! Não conseguem entender que não tem como fugir? — Aonde quer que forem eu irei encontrá-los!

Deu uma pausa enquanto caminhava a nossa volta, eu e José nos troncos como alguns anos antes, Cumba e Didi parados e acorrentados, em pé ao nosso lado olhavam aterrorizados. Sinhô continuou:

— Severino, eu não vou lhe bater na cara como falei ontem! — Vou lhe poupar dos tapas porque você bateu naquele safado, que mereceu, da próxima vez bata mais! — Mas as chibatadas você vai levar! Seu trabalho é aqui! Não tem que ficar fugindo!

Sinhô Belizário não parava de falar, não aguentávamos mais ouvir as reclamações, acusações, e humilhações, preferíamos levar logo as chibatadas para acabar com aquilo. Olhei para Cumba e percebi que o homem estava apavorado, Didi quase dormindo, João

olhava friamente, enquanto observava meus amigos, pensava:

— Homem! Bata de uma vez e acabe logo com isso!

Mas sinhô Belizário gostava de discursar, sentia prazer em ouvir a própria voz, parecia que aquele suplicio nunca acabaria. Dirigindo-se a Cumba sinhô Belizário falou:

— Cumba! Vejo que você já aprendeu a falar nossa língua! Isso é muito bom, pois entenderá o que vou falar, você vai levar vinte chibatadas!

Voltando-se para mim e João sentenciou:

— Quanto a você João, também levará vinte chibatadas! — Para você Severino, serão quinze chibatadas. — E o menino... Bem, esse é muito fraco! Ainda não aguenta apanhar, levará só uma que é para sentir o quanto dói, e aprender que é escravo e não tem que fugir!

João perguntou:

— Por que Severino levará quinze e nós vinte?

— Porque ele é destemido, e eu admiro isso!

— Agora vamos acabar com isso! Gumercindo, pode

começar com Didi, quero que ele volte logo para senzala!

Gumercindo pediu que Didi virasse de costas e deu-lhe uma chibatada de leve, em seguida ordenou que o menino sumisse.

Didi foi embora sorrindo, afinal, sempre escapava. Nós continuamos no tronco e recebemos o castigo, as primeiras dez chibatadas não sentido, depois mais dez no sentido oposto, essa era uma prática comum, caso contrário a pele das costas não suportaria tantas chibatadas. Quando terminaram minhas quinze chibatadas Gumercindo já me retirava do tronco, pois seria a vez de Cumba, antes que me soltasse completamente, mais uma vez falei:

— Nem dueu!

Sinhô Belizário quando ouviu arregalou os olhos com profundo ódio, tomou a chibata da mão do capataz, e ele mesmo aplicou o corretivo, deu uma chibatada com tanta força que quase desmaiei, senti que aquela chibatada havia cortado tão profundamente até atingir meus ossos, a dor foi tão intensa que me senti desnorreado, não consegui falar mais nada.

Em seguida fui retirado do tronco e arrastado para senzala, desorientado ainda consegui ver que Cumba era o próximo.

Chegando na senzala, as negras já tinham preparado a salmoura, babosa e chás para tratar nossas feridas, pouco tempo depois estávamos os três deitados de costas para cima, a dor insuportável não permitia que dormíssemos em outra posição.

No dia seguinte as quatro horas da manhã voltamos para o trabalho, Didi foi comigo ordenhar vacas, João e Cumba seguiram para o cafezal, afinal, essa era nossa vida.

Dessa vez não me abati tanto quanto na primeira tentativa, pelo contrário, a captura apenas reforçou meu desejo de liberdade, mas sabia que seria necessário esperar o tempo passar para que sinhô e os capatazes esquecessem a última tentativa, aquele não era o momento, pois estávamos sob vigia constante, todos os escravos suspeitos passaram a ser acorrentados durante a noite.



Alguns meses se passaram, as feridas da última surra ainda não estavam totalmente cicatrizadas, mas as ideias de fuga continuavam vivas em meus pensamentos, só pensava em fugir, parecia ser tentado pelo demônio. Apesar do enorme desejo, sabia que precisaria esperar mais algum tempo, enquanto isso continuava o trabalho.

Certo dia, antes de sairmos para colheita, sinhá Cecília chamou João, esse, como sempre foi correndo.

Se aproximando da moça, com todo carinho e respeito João perguntou:

— Sinhazinha mandô me chamá?

— Sim João, levante sua cabeça, olhe para mim, me deixe ver seus olhos.

— Sinhazinha, por que chamô iêu?

— Eu fiz esse pão para você, te vejo muito torturado pelos trabalhos, papai exige muito de vocês.

Então entregou a João o pão e um caneco de café, quando ele estendeu as mãos para pegar o agrado, Cecília rapidamente roubou-lhe um beijo, o que nenhum dos dois sabia, é que Tenório, um dos capatazes e filho de Gumercindo, estava vigiando, e

sem perder a oportunidade, no mesmo instante pegou João pelo braço e o arrastou para o tronco.

Sinhazinha implorou:

— Tenório, por favor! Eu imploro, deixe que João volte ao trabalho, não o leve para o tronco!

Os apelos foram em vão, o capataz ignorou os apelos, arrastando João levou-o para o tronco. Sinhô Belizário estava viajando, e na ausência do pai, Gumercindo era o encarregado das decisões sobre os escravos. E tanto ele quanto seu filho sentiam prazer em torturar os negros.

João passou o dia no tronco, com o sol nas costas, sem água e comida aguardava o castigo, a noite sinhazinha Cecília saiu escondida para lhe dar água, pois sabia que João só sairia de lá quando o pai voltasse. Os outros escravos olhavam de longe, ninguém se atrevia chegar perto, pois sabiam que poderiam ser punidos.

Sinhô Belizário chegou na tarde do dia seguinte, fazia mais de vinte quatro horas que João estava preso ao tronco. Gumercindo aguardava para

lhe contar o ocorrido, ansiava pelo corretivo rigoroso.

Sinhô mal entrou na casa e o capataz o chamou:

— Sinhô Belizário, aconteceu uma coisa muito grave!

— O que aconteceu de tão grave?

— Ontem de manhã, bem cedinho, Tenório pegou João abusando de sua filha Cecília, surpreendeu o negro beijando a menina, e antes que o safado fizesse algo mais coloquei-o no tronco.

Sinhô Belizário empalideceu, parecia cego de ódio, sem falar nada foi direto até o tronco onde estava João.

Agarrando João pelos cabelos levantou-lhe a cabeça, mirando em seus olhos esbravejou:

— Eu não acredito que você fez isso! Como você se atreve a tanto seu negro imundo?

Eu olhava de longe e sofria por meu amigo, nada podíamos fazer além de assistir a triste cena.

Cecília saiu da casa grande correndo, aos prantos colocou-se diante do pai e confessou:

— Papai, imploro, por favor não o castigue! Estou apaixonada por João!

Cecília mal acabará de pronunciar a frase e seu pai lhe deu um tapa no rosto. Os olhos arregalados, a boca seca, respiração alterada, e o corpo tremendo denunciavam o colossal ódio que homem sentia. Ultrajado com a declaração da filha gritou:

— Cale-se! Você não sabe o que diz! Conheço esses negros, não valem nada!

Cecília com as mãos no rosto secava as lágrimas e implorava, mas o pai não lhe ouvia. Sinhá Ana, que sempre desconfiara da paixão abraçava a moça tentando acalmá-la:

— Minha filha, acalme-se! Não fale mais nada! Seu pai não dará ouvidos, está transtornado!

Novamente sinhô Belizário agarrou os cabelos de João e disse:

— Agora você vai pagar por tanto atrevimento! Vai apanhar para aprender a nunca mais tocar em minha filha, só não te mato agora porque é forte e útil no trabalho! — Gumercindo, dê-lhe cinquenta chibatadas!

Gumercindo e Tenório olharam-se sorrindo, sem titubear o capataz iniciou o castigo.

Cecília, em prantos abraçava a mãe e escondia o rosto, não suportava ver a agonia. Belizário se aproximou da moça alertando:

— Que não aconteça de novo, pois na próxima mandarei matar esse preto! — Agora entrem, não quero vê-las aqui fora!

Sinhô e família se recolheram, João levou cinquenta chibatadas e ficou o resto do dia e da noite no tronco. As costas dilaceradas, os punhos profundamente feridos, desidratado e esgotado parecia quase morto.

De madrugada Cecília, esquivou-se pelos cantos da casa, apressadamente aproximou-se do rapaz, alisando seu rosto falou:

— João, abra a boca, trouxe água e bolo para você! — Me perdoe, meu querido João, Sinto muito! Olhe o que meu amor fez a você! Estou muito arrependida por ter lhe roubado aquele beijo, vou acatar as ordens de meu pai, me casarei com o pretendido que ele arrumou, assim ele te deixará em paz! — Eu te amo muito João!

— Eu também te amo muito Cecília! Mas não posso chegar perto de você, sinto medo, cheguei no meu limite! Da próxima vez seu pai me mata, ou baterá no peito que é ainda pior que as chibatadas nas costas!

Naquela época, muitos senhores de escravos praticavam um tipo de tortura pouco conhecido. Ao invés de baterem nas costas optavam por bater no peito, mirando o externo, dessa maneira era mais difícil quebrar as costelas que poderiam perfurar os pulmões e matar o escravo, a intenção era torturar com mais chibatadas e usar de mais força. Matar não era um bom negócio, pois seria um escravo a menos. Os negros temiam esse tipo de tortura.

João e Cecília choravam agarrados ao tronco que prendia o rapaz, despediram-se e a moça retornou a seu quarto, nada podiam fazer além de acatar as ordens de sinhozinho.

No outro dia, logo cedo Tenório soltou João, enfraquecido ele caiu no chão, impiedosamente o capataz ordenou:

— Fique de pé! Pode ir, mas nada de passar na senzala! Siga direto para o cafezal! Chega de folga, volte para seu trabalho!

João passou quarenta e oito horas preso no tronco, com as costas laceradas, esgotado e abalado retornou ao cafezal. Eu olhava meu amigo sem poder me aproximar, foi apenas no final da tarde, ao retornarmos para senzala que João pode receber os tratamentos e cuidados das negras, nesse momento me sentei ao seu lado, olhando em seus olhos tristes perguntei:

— João, meu amigo, o que ocê tem na cabeça? Já tí disse que escravo é escravo e não se mistura com sinhá!

João não conseguiu me responder, tão grande foi a tortura, que estava em estado de choque, sua dor não era apenas física, mas também emocional. Percebi que ele lutava para entender por que tanta crueldade, afinal, era um ser humano. Se todas as pregações de sinhozinho eram verdadeiras, então todos os homens são iguais aos olhos de Deus, por que não podia ficar com a mulher que tanto amava? João ficou dias sem

falar, não se conformava com tanta crueldade por causa de um beijo inocente.

Em uma manhã, enquanto nos preparávamos para o trabalho, João sentou-se ao meu lado, depois de um longo período sem falar com ninguém ele decidiu conversar comigo, confiava em mim, éramos muito amigos. Com o semblante distante e triste me perguntou:

— O que fiz de tão ruim? Por que tanta mardade com nós? Severino, quando ocê quisé escapá me chame, não esqueça de iêu!

Levantou-se e seguiu para o trabalho, eu não encontrei palavras para respondê-lo, o silêncio falou por mim, pois nada explicava tanta crueldade. João nunca mais se aproximou da casa grande e não viu mais Cecília.



O inverno se aproximava, estávamos ansiosos para sairmos em busca do quilombo, mas achei melhor esperar a temporada de frio acabar, ou morreríamos de fome e congelados na mata, então continuávamos nossos trabalhos.

O inverno daquele ano foi cruel, na metade da temporada o frio se tornou insuportável, os escravos eram os que mais sofriam, as senzalas não tinham janelas, apenas algumas escravas tinham um pedaço velho de cobertas, os homens não tinham a parte de cima da roupa, davam-lhes apenas calças feitas de sacos. Para nos protegermos do frio nos juntávamos no fundo da senzala, encostados uns nos outros conseguíamos nos aquecer. Assim como um pai protege com amor o seu filho, eu encostava meu peito nas costas de Didi para aquecê-lo.

Teve uma madrugada que ficou registrada em nossa memória, o frio parecia congelar nossos ossos, as mãos calejadas, os pés descalços eram as partes que mais sofriam, abraçado a Didi fazia o possível para conter o tremor, percebendo meu esforço o menino falou sorrindo:

— Severino, quando pisâmo nas bosta das vaca pra esquentá os pé é tão quentinho! Se iêu pudesse iêu me enfiava dentro de um daqueles monte!

Rindo respondi:

— Pois iêu queria é entrá dentro da vaca! Didi, ocê ainda é pequeno, pode tentá!

Caímos na gargalhada, de certa forma as brincadeiras contornavam a tristeza que aquela situação causava a todos nós.

Poucos conseguiram dormir naquela noite, pois o frio torturava todos, muitos com as costas cheias de feridas sofriam ainda mais. No dia seguinte fomos agraciados por sinhá Ana, que se apiedando nos deu alguns cobertores, as escravas ganharam roupas usadas, e algumas mantas. Percebemos que as negras que trabalhavam na casa grande, e alguns escravos mais submissos recebiam mais regalias, pois nunca tentavam fugir, acatavam a todas as ordens sem reclamações. Eu via aquilo e me revoltava, para mim eram todos uns covardes, no entanto, já nem falava mais nada. O importante era que o pouco que recebemos ajudaria.

A temporada de frio acabou, a rotina continuava a mesma, o trabalho de sol a sol, comendo sempre restos de comida, as vezes ganhávamos um pouco de leite que mal dava para todos, um ou outro

bolo roubado da janela, nos dias mais difíceis era uma galinha que matávamos e depenávamos no galinheiro para parecer que foram as raposas.

Nós sabíamos que roubar não era certo e muito perigoso, mas não tínhamos escolha, se não fosse assim morreríamos de fome, o trabalho era pesado e a comida que nos davam era pouca. Quando conseguíamos uma galinha era uma grande alegria, as escravas aproveitavam o final de semana, ou quando os capatazes dormiam, para preparar.

Depois do episódio com sinhá Cecília nosso amigo João nunca mais foi o mesmo, vivia deprimido, por vezes sinhá Cecília o chamava para dar-lhe comida, mas ele fingia não ouvir, tinha medo de se aproximar da moça.

Cumba quase não falava, pois não entendia nossa língua, no entanto, a palavra fugir ele sabia muito bem o que significava, chegou um tempo em que Cumba só falava isso, em um final de tarde ele se aproximou, me olhou fixamente e disse:

— Fugí!

— Cumba, fale baixo! Ocê tem que pará de ficá falando isso!

Ele me olhou com ainda mais seriedade e repetiu:

— Fugí!

— Cumba! Temô que esperá, fica forte!

Fazia mímicas para ajudá-lo a entender, ele acenou com a cabeça dizendo que entendeu, mas não demorou muito, no outro dia, mais uma vez Cumba se aproximou falando:

— Severino! Fugí! Fugí!

— Cumba, pare de insistí tanto! Ocê não tem vígonha? Ainda não entendeu que é escravo?

Com um linguajar enrolado, e gesticulando ele respondeu:

— Ocê é o primêro a tentá fugí! Não tem vígonha?

Olhei sério para ele e sorrimos divertidamente, sabíamos que ele estava certo, mas era necessário que aguardássemos a melhor época do ano, o momento certo aumentava nossas chances.

O inverno já tinha se passado, os capatazes pareciam ter esquecido nossa última fuga, pois fazia algum tempo que pararam de nos acorrentar durante a noite, a insistência de Cumba se tornava cada vez pior, um dia decidi falar com João sobre o assunto, a noite, enquanto todos se recolhiam chamei João:

— João, vem aqui! Têmo um pobrema! Cumba não pensa em outra coisa além de fugí, já falei que tem que esperá, mas não tem jeito! Tô é vendo que ele vai tentá fugí suzinho e isso nun vai dá certo!! — Acho que já se esqueceram da veis que fugimo, podêmo tenta di novo!

João desanimado respondeu:

— Severino, faiz poco tempo que tentamo e pegaram nós! Iêu não vo tentá di novo! Homí, suas costas ainda têm ferida e ocê quer tentá di novo? Dessa veiz se pegarem nós vão batê até mata!

João não esperou que eu respondesse, saiu de cabeça baixa e foi para fora da senzala. Eu fiquei pensando no que fazer, realmente precisava me recuperar um pouco mais, mas se deixasse Cumba ir sozinho ele acabaria se perdendo, passei a noite

pensando sobre a fuga, no dia seguinte chamei Cumba para conversar.

— Cumba, vo te levá até metade do caminho, depois vorto e ocê vá com Zambi, ainda acho que não adianta tentá fugí, vão acabá pegando nós di novo. Mas já que ocê qué tanto, então te ajudo, mas primêro têmo que juntá cumida pra ocê!

Com sinais Cumba disse que conseguiria fugir, e depois voltaria para me pegar.

— Se ocê vortá então vo com ocê e levo junto meu povo!

Cumba sorriu satisfeito, no mesmo dia começamos a providenciar alimentos, mais uma vez juntávamos e escondíamos tudo que conseguíamos.

Uma negra chamada Rita gostava muito de mim, ela logo percebeu que estávamos escondendo alimentos, à noite, na senzala, veio até mim e falou:

— Severino, sinto que ocê vai aprontá outra veis! Homí, quando é que ocê vai aprendê? Qué morrê na chibata?

— Ocê tá loca Rita? Minhas costa tão parecendo uma sanfona, não vou tentá nada não!

Ela não acreditou, foi embora e não falou mais nada. Dois dias depois, durante a madrugada eu e Cumba nos embrenhávamos na mata. Dessa vez estava muito mais difícil, desde a última tentativa sinhozinho Belizário aumentou a vigilância, planejamos fugir na troca de turno dos capatazes. As fugas anteriores me ensinaram porque caminho seguir, no entanto, a rota que eu havia planejado era impossível devido ao cerco. Estávamos sem opções, então disse:

— Cumba, seja o que Zambi quisé, vâmo tentá um novo caminho correndo pra dentro do mato.

Cumba concordou e saímos em disparada, os capatazes não perceberam, corremos a noite toda, já amanhecia o dia quando parei. Olhei para Cumba e senti uma imensa culpa e dor no coração por deixá-lo seguir sozinho, mas não estava preparado para seguir, aquelas horas de corrida haviam me esgotado, não conseguiria ir muito mais longe. Abraçando Cumba falei:

— Meu amigo, vá com Zambi, agora corra, não pare e não olhe para traiz!

Cumba me olhou com gratidão e sumiu na mata. Eu comecei o caminho de volta para fazenda, corria o máximo que podia. Quando estava a poucos metros da propriedade fui surpreendido pelos capatazes que já haviam notado nossa falta e estavam a nossa procura. Em nossos planos não contávamos com uma nova regra imposta por sinhô Belizário, desde a última fuga os capatazes passaram a contar os escravos durante a madrugada, ao fazerem a contagem daquela noite logo notaram que eu e Cumba havíamos sumido.

Logo que me viu Gumercindo falou:

— Eu tenho é pena de você! Seu negro burro! Onde está seu amigo?

— Iêu não sei do que o sinhô tá falando! Iêu táva passeando um pôco, não ia fugí! Já táva até vortando pra fazenda.

— Você que se explique com sinhô Belizário! Ele vai saber o que fazer!

Os capatazes me amarram, e voltamos para fazenda, chegando fui direto para o tronco. Enquanto o capataz me amarrava comecei a chorar, os escravos

que passavam indo trabalhar apenas me olhavam com piedade. Rita veio até mim e falou:

— O que foi que ocê feiz Severino! Tá loco homí? Vou rezá prá ocê, dessa vez vão te matá!

Rita saiu e João se aproximou:

— Ocê não aprende mesmo! Até pensei escapá também, mas depois da úrtima vez fiquei com medo, a verdade é que sempre vão pegá nós, não têm como fugí dessa vida!

Eu ouvia e chorava, sem poder ajudar João seguiu para o cafezal, alguns minutos depois Didi veio deixar suas palavras:

— Se tivesse me chamado não tinham te pegado! Iêu tinha um prano muito do bão! agora o pobrema é seu!

Todos seguiram para o trabalho enquanto fiquei aguardando o momento, até que ouvi sinhô Belizário falar:

— Quanta honra você voltar para casa Severino! E como você gosta de uma chibata não é mesmo? Pelo jeito adora sentir dor!

Eu me calei, então sinhô Belizário gritou:

— Me responda! Gosta de sentir dor?

— Sinhozinho Belizário, eu não saí pra fugir, fui só dá uma vortinha!

— Pensa que me engana seu negro sujo? Cadê Cumba? Se não me contar onde ele está vai apanhar pelos dois! E quando ele for capturado vai assistir você levar as chibatadas por ele!

Andando ao redor do tronco sinhozinho bufava:

— Como é atrevido e ousado! Além de tentar fugir ainda ensina o caminho para os outros! Por enquanto vai levar vinte chibatadas, quando seu amigo voltar vai levar o restante! — Gumercindo, aplique o corretivo!

Começaram as chibatadas, as feridas da última surra ainda não estavam totalmente cicatrizadas, nos primeiros golpes se abriram novamente, não suportando a dor extrema em pouco tempo perdi a consciência. Ouvi longe a voz de sinhô Belizário perguntando:

— Então! Dessa vez doeu?

Mal consegui responder:

— Sim, dueu muito sinhozinho.

Retomei a consciência quando me jogaram na senzala, completamente atordoado, mergulhava em pensamentos, me arrependia amargamente por ter ajudado Cumba. Rezava para que ele conseguisse, que não fosse capturado, pois se o pegassem eu levaria as chibatadas por ele.

No dia seguinte retornei aos trabalhos, os dias se passavam e nada de Cumba voltar, me perguntava se ele tinha conseguido. Uma semana depois um grupo que procurava Cumba retornou a fazenda, voltaram de mãos vazias. Aliviado eu ria de alegria, comecei a me questionar se não deveria ter ido junto.

Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne.
Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe".

Mateus 19:6



CAPÍTULO III

O poder do amor

Algumas semanas depois sinhá Ana mandou me chamar. As surras me traumatizaram tanto, que bastava alguém da casa grande chamar meu nome para que eu passasse mal, sentia fortes dores de barriga, dominado pelo medo e desespero era como uma criança que não consegue conter suas necessidades, literalmente sujava as calças. Vendo-me obrigado a atender ao chamado de sinhá fui até ela, com a cabeça baixa perguntei:

— Sinhá, o que deseja de iêu?

— Você sabe o que é queijo Severino?

— Nunca ouvi falá, não sei o que é isso!

— Pois então vou te dar um pedaço, mas preciso de muito leite! Traga bastante leite que vou fazer queijo, depois lhe darei um pouco para que reparta com seus irmãos da senzala.

— Sim sinhá, vo agora mesmo pegá bastante leite!

Quando estava me retirando sinhá Ana falou:

— Severino, espere! Antes de ir faça um favor para mim e seus irmãos de senzala, tome um banho! Você está fedendo! — Tem que tomar banho todo dia!

Sinhá Ana percebeu que por conta do medo eu não conseguia me conter e sujava as roupas. Olhando em meus olhos sentiu a tristeza que fazia parte de nossas vidas de escravos. Comovida me deu roupas limpas e me dispensou.

Tomei banho, troquei de roupas e fui pegar o leite, na volta Tenório me parou:

— Para que tanto leite? Estão tentando roubar de novo?

Com a cabeça baixa respondi:

— É pra sinhá Ana, ela pediu pra iêu leva bastante leite!

Continuei meu caminho, chegando na cozinha chamei sinhá Ana:

— Sinhá, tá aqui seu leite, se precisa de mais chama iêu!

— Está bem Severino, obrigada, quando ficar pronto te chamo para dar o queijo.

Voltei para senzala, no outro dia não me aguentei e fui perguntar:

— Sinhá Ana, aquela comida feita do leite já tá pronta?

— Não é assim Severino! Isso demora, quando estiver pronto te chamo!

Voltei para o trabalho. Dois dias depois, no final da tarde sinhá me chamou, fui correndo, ela me deu um pano com algo branco dentro, era o tal de queijo.

— Pegue Severino, leve e reparta com seus irmãos. De um pedaço para cada um e diga que é queeeeeiiiiijoooo.

Voltei correndo para senzala, chamei todos meus irmãos, pedi que se reunissem pois ia dividir algo que sinhá Ana tinha mandado, um por um, os negros se juntaram, com alegria eu repartia em pequenos pedaços e pedia:

— Abra a mão e diga: Queeeeeiiiiijoooo.

E assim fui em todos, pedindo que abrissem a mão e falassem queeeeeiiiiijoooo, e meus irmãos sem

entender repetiam, acreditavam ser algum ritual para comer queijo.

Quando sinhá mandou eu dividir e falar que era queeeeeiiiiijoooo, eu achei que para comer aquele tal de queijo era necessário um ritual especial. A cada mordida repetíamos a palavra queeeeeiiiiijoooo, para nós era uma festa. Me entusiasmei tanto com o queijo que esqueci de deixar um pedaço para mim, fui dando pedaços para todos e quando dei por mim havia acabado. Frustrado e curioso perguntei a um irmão de senzala:

— Que gosto tem esse tar de queijo?

— Tem gosto de queijo!

Fiquei triste, não consegui provar o queijo.

No outro dia sinhá Ana me chamou novamente. Corri para atendê-la.

— Sim sinhá, o que deseja de iêu?

— Severino, quero saber se você gostou do queijo!

Abaixando a cabeça respondi triste:

— Não cumí o queijo, dei pra meus irmão e esqueci de guardá um pedaço pra iêu!

— Mas você é bobo mesmo Severino! —
Venha, vou lhe dar um pedaço para que prove!

Sinhá entrou na cozinha e logo voltou com um pedaço de queijo, me entregou e disse:

— Coma, veja se gosta!

Segurando o queijo olhei o pedaço fixamente e disse:

— Queeeeeiiiiijoooo!

Sinhá Ana fez uma cara assustada e perguntou:

— Que é isso Severino? O que está fazendo?

— Tô fazendo como a sinhá ensinô! Dizendo que é queeeeeiiiiijoooo!

Sinhá não conteve a gargalhada, rindo explicou:

— Não precisa falar queijo toda vez que for comer! Só queria que explicasse a seus irmãos que esse alimento se chama queijo. — Gostou Severino?

— Sim sinhá! É muito gostoso! Esfarela na boca, é muito bão esse tar de queijo!

Ainda rindo sinhá Ana me dispensou.

Voltei feliz para senzala, e desde então sempre que sinhá fazia queijo me dava um pedaço. Bastava ela

me pedir leite que eu corria pegar e ficava esperando, dois dias depois ela me chamava, eu ia feliz pegar um pedaço.

Os capatazes não suportavam ver as sinhás nos ajudando, para evitar problemas escondíamos tudo que nos davam. Certo dia sinhá Ana me chamou, naquele dia ela me deu um bom pedaço de queijo e mandou que voltasse rápido para senzala. Feliz coloquei o queijo dentro das calças, amarrei como pude, e fiz o possível para esconder. Quando estava quase chegando na senzala ouvi Gumercindo falar:

— Preto! O que você está levando nas calças? Andou roubando?

Parei assustado, me virei e respondi:

— Não robei nada! Isso aqui é minhas ferramenta de homí!

Arregalando os olhos o capataz respondeu assustado:

— Como assim? Olhe para seu tamanho, é um mirrado!

— Ié, mas os nego são assim, nós é grande nessa parte do corpo! Se o sinhô é branco e não tem ferramenta grande não tenho culpa!

O capataz me olhou enraivecido, antes que falasse novamente corri para senzala. Gumercindo e seu filho Tenório gostavam de me perseguir, parecia que comigo sentiam ainda mais prazer. Entrando na senzala chamei meus irmãos, queria dividir o queijo, no entanto, quando me viram tirar o queijo das calças ninguém quis comer, percebendo a cara de nojo que todos fizeram me sentei em um cantinho e comi todo o queijo sozinho.



Em 1825, mais velhos, eu estava com trinta e cinco anos, João trinta e oito, e Didi ainda moço com vinte e dois anos.

Depois de tanto sofrimento nos conformamos com a escravidão. A última fuga me deixou marcas profundas e um medo que sufocava qualquer busca por liberdade.

O tempo passava, na casa grande a vida era sempre farta e agitada. Beatriz, filha mais velha havia

partido para capital, sinhá Ana passava os dias com Cecília, proibidas de se aproximar das senzalas e de conversar com os escravos sabiam muito pouco do que acontecia com os negros. Para os escravos nada mudava, a mesma vida sofrida feita de trabalhos forçados, o frio rigoroso dos invernos, o tronco sempre a espera de algum escravo rebelde, a humilhação e perseguição por parte dos capatazes.

Certo dia, após os trabalhos, ainda com o mesmo hábito da adolescência, eu, João e Didi fomos espiar as escravas tomarem banho no açude. Era nossa diversão, mas naquele dia a brincadeira nos deixou lembranças desagradáveis.

Novamente vimos Sinhô Belizário abusando de uma escrava, mas dessa vez a escrava não cedia de bom grado, não adiantou ele oferecer roupas, comida ou calçados em troca, a negra se recusava. No início ele tentou convencê-la com paciência, mas percebendo que a negra não aceitaria então usou de força e brutalidade para conseguir o que desejava.

Sinhô Belizário já estava velho, com cinquenta e cinco anos, mas ainda mantinha o hábito de molestar

as negras, e dessa vez era Zulmira que ele perseguia sem parar, uma negra jovem e muito bonita, com um belo corpo que despertaram os instintos mais primitivos do homem. A cena foi triste, pois quanto mais a negra resistia, mais violento sinhô Belizário se tornava.

Agoniados e impotentes diante da situação fomos embora, não podíamos ajudar, se tentássemos intervir iríamos todos para o tronco, inclusive Zulmira, e no outro dia o sinhô acabaria pegando-a de qualquer jeito. Voltávamos para senzala entristecidos com a cena, olhando para Didi falei;

— Foi assim que ocê nasceu Didi.

— Iêu sei, tenho vontade de vortá naquele açude e dar uma paulada na cabeça daquele sinhô!

— Faça isso pra vê o que acontece com ocê! Vão é te arrancá o coro das costas, vão te colocá naquele tronco e só vai saí quando tivé morto de tanto apanhá!

— É verdade, quem somos nós pra desobedecê? Nós é só escravo, não têm direito di nada!

Ainda comentei com João:

— Logo chega por aí mais um neginho branco!

E como já era esperado algum tempo depois notamos que Zulmira fazia de tudo para esconder a barriga, usava saias mais folgadas, amarrava a barriga com panos.

Algumas negras tomavam chás abortivos, pois não suportavam a ideia de ter um filho que passaria uma vida inteira de escravidão. Sem consciência, sequer imaginavam, mas na verdade estavam recebendo em seu ventre espíritos que necessitavam passar pela experiência da escravidão, muitos eram irmãos que em vida anterior foram capatazes, ou senhores. Eram algozes que na pele de negros poderiam resgatar seus erros do passado.

Zulmira decidiu que teria seu filho, todos ajudavam no que era possível, nosso maior medo era a punição que ela poderia sofrer por ter a criança.

E quando nasceu era outro negrinho branco, que recebeu o nome de Pedrinho.

Recém-nascido, com fome, Pedrinho chorava muito, seus gritos que podiam ser ouvidos de longe

chegaram até a casa grande. Não demorou para que sinhô Belizário fosse até a senzala ver o que estava acontecendo.

Ao ver sinhô Belizário se aproximando uma escrava escondeu Pedrinho embaixo da saia, ele não podia saber que era filho de Zulmira.

Todos os escravos ficaram calados e assustados, Zulmira chorava, temia por sua vida e pela vida de Pedrinho, a escrava que escondia o menino segurou o braço de Zulmira e disse:

— Pare de chorá ou sinhô vai desconfiá! Ele não pode sabê que é teu fiô, ou vai achá que o mínimo é dele, seja forte muié!

João me puxou e falou em meu ouvido:

— Ocê não se meta Severino! Vâmo ficá quieto no nosso canto, mas não vâmo deixá que façam mardade pro mínimo!

Sinhozinho Belizário entrou perguntando:

— E daqui que vem esse choro de criança?

Todos ficamos calados, mas Pedrinho que estava escondido embaixo da saia da negra deu um

grito. No mesmo momento Zulmira se ajoelhou implorando:

— Sinhô por favô não faça mardade pro meu minino!

Olhando de perto o menino ele perguntou:

— De onde veio essa criança? Ela parece branca!

Zulmira apavorada respondeu:

— É fiô de João sinhô!

— Mas como pode ser filho de João? Os dois são pretos, como nasceu uma criança branca?

Interrompendo com esperança de ajudar disse:

— É o queijo sinhô! Esse tar de queijo tá deixando tudo nós branco, inté as criança tão vindo branca!

— Largue mão de ser burro Severino! Desde quando queijo deixa alguém branco? Você por acaso anda roubando queijo?

— Não sinhô! Foi Sinhá Ana que me deu um pedaço.

Então João confirmou:

— É meu fiô sinhô Belizário, urubu quando nasce também é branco, mas depois fica preto!

Sinhô Belizário olhava fixamente a criança, as escravas abraçavam Zulmira, eu e João de mansinho nos colocamos na frente de Pedrinho que não parava de chorar. Até que Sinhô se deu por convencido, no final das contas era mais um escravo para trabalhar, deu as costas e foi embora sem falar nada.

A história foi esquecida, e o menino cresceu, quando completou seis anos ainda não tinha roupas, as escravas faziam remendos de trapos para vesti-lo. Pedrinho saía pouco da senzala, todos faziam o possível para mantê-lo longe das vistas dos capatazes, e assim evitar que o menino fosse logo mandado para colheita do café.

Zulmira entristecida por ver Pedrinho vestido com trapos, certo dia vendo sinhá Ana na porta da cozinha resolveu pedir:

— Sinhá, será que a senhora podia arrumá umas roupa pra meu minino? Tâmo usando trapos pra vestí nele

— Eu nem sabia que você teve um filho! Traga seu menino para até aqui, quero vê-lo!

Zulmira foi buscar Pedrinho, e levou para sinhá, os escravos eram inocentes, a maioria não tinha malícia, Zulmira nem imaginava que quando sinhá Ana visse Pedrinho logo suspeitaria que a criança era filho de Belizário.

— Sinhá, esse é meu minino.

— Esse é seu filho? E quem é o pai dessa criança? Ele é branco!

— O pai dele é João!

— Como pode? Seu filho é branco! João e você são negros, conheci os pais dos dois e todos eram negros, é impossível nascer uma criança branca!

—Fale Zulmira, quem é o pai desse menino?

— Já falei sinhá, é João!

Contrariada sinhá falou:

— Espere aqui Zulmira, já volto.

Sinhá Ana entrou na casa, separou algumas roupinhas de quando suas filhas eram pequenas, eram roupas de menina, mas era o que tinha. Voltando entregou as roupas para escrava:

— Pegue Zulmira, veja se essas roupas servem, e vá embora daqui, não quero mais ver esse menino na minha frente!

Zulmira pegou as roupas e saiu correndo, enquanto isso Sinhá Ana concluía que Pedrinho só podia ser filho de Belizário, pois além de branco era muito parecido. Proibida de ir até a senzala ela nunca tinha visto o menino.

Naqueles dias sinhô Belizário estava em Belo Horizonte em viagem de negócios. Ao retornar chegou cheio de presentes para Cecília e sinhá Ana, entrou abraçando a filha, e quando foi abraçar a esposa notou que algo estava errado, pois ela se esquivou dizendo:

— Belizário, uma escrava veio aqui pedir roupinhas para o filho, será que você não trouxe nenhuma?

Assombrado com a reação da esposa ele argumentou:

— Está louca Ana? Quantos filhos eu tenho? Que eu saiba temos duas filhas, por que eu haveria de trazer roupas para um negrinho?

Andando de um lado para outro sinhá Ana ordenou que Cecília fosse para o quarto. Olhando o marido retrucou com voz irônica:

— Pois então te dou parabéns Belizário! Parece que você não sabe, mas você tem um filho!

Sinhá Ana sempre teve muito medo do marido, mas naquele dia sua revolta tomou proporções gigantescas, não conseguindo conter a dor da traição ela explodiu em acusações:

— Então quer dizer que o senhor fica pregando moral dentro de nossa casa, nos proíbe de ir até a senzala e depois se deita com as escravas? Você não tem vergonha?

Sinhá Ana começou a rasgar os vestidos que Belizário trouxe de presente, os capatazes que ouviram os gritos se aproximaram da casa para ver o que acontecia.

Sinhô Belizário notando que os Gumercindo se aproximava pediu:

— Volte ao trabalho! — Ana está aborrecida, logo se acalma!

Sinhá Ana não parava, jogava os presentes em Belizário, esbravejando acusações cada vez mais graves:

— Seu imoral! Se diz um homem de Deus, prega a palavra em casa, e depois bate nesses miseráveis! — Você sabe que Cecília é apaixonada por um daqueles escravos não sabe? Você quase matou João no tronco para que nunca mais chegasse perto de Cecília, proibiu que se vissem, mas é o primeiro a rolar com as negras! Você não tem vergonha de pregar moralidade? — Quantos filhos você tem na senzala? Fale Belizário!

Sinhô Belizário, que já não tinha mais argumentos, admitiu:

— Que eu saiba tenho apenas um! Foi só uma vez que me perdi, fui fraco e caí no erro!

A verdade era que sinhô Belizário nem sabia quantos filhos tinha na senzala, muitas das escravas que ele abusou abortaram, outras morreram no tronco.

Um pouco mais calma, mas ainda chorando muito sinhá Ana disse:

— O nome do menino é Pedrinho, mas tem outro, um que já é homem feito, esse também é sua cara Belizário! Aquele que chamam de Didi. — Se existe algum tipo de bondade em seu coração quero que mande buscar Didi e traga-o aqui agora!

Quando começou a briga entre sinhá Ana e Sinhô Belizário nós estávamos nos cafezais, ao retornarmos todos comentavam sobre os gritos que ouviram na casa grande. Eu estava sentado do lado de fora da senzala quando vi Sinhô Belizário sair correndo da casa grande, descendo em direção a senzala me chamou:

— Severino! Venha aqui homem de Deus!

Eu já fiquei apavorado, imaginando que ele teria arrumado algum motivo para me açoitar, fui logo dizendo:

— Não fiz nada sinhozinho!

— Não estou falando que você fez algo errado! Quero que vá chamar Didi, diga que mandei ele ir para casa grande agora mesmo!

Levantei-me e saí correndo atrás de Didi, que estava jantando na senzala.

— Didi meu fiô, que foi que ocê feiz? Ocê andou espiando a sinhazinha Cecília foi?

— Não fiz nada Severino! Passei o dia todo trabaiano no cafezar!

— Pois se prepare meu fiô, sinhô Belizário mandô te chamá, qué que ocê vá agora mesmo falá com ele na casa grande!

Didi ficou apavorado, mas não tinha escolha, ordem do sinhô não podia ser desobedecida. De cabeça baixa rumou para casa grande, e não podia ser diferente, afinal, escravo nunca podia levantar a cabeça ou olhar nos olhos do sinhô.

Chegando na casa grande Didi parou em frente a porta e chamou:

— Sinhô Belizário, tô aqui, que foi que iêu fiz? Sinhô Belizário ordenou:

— Entre! Você não fez nada, Sinhá Ana quer falar com você!

Sinhá Ana estava sentada chorando, quando olhou para os olhos de Didi chorou mais ainda, esforçando-se para conter o pranto falou:

— Realmente! Você tem a cara do seu pai!
Você sabe quem é seu pai?

Didi apavorado e mantendo a cabeça baixa respondeu:

— Não sei sinhá!

— Didi, pode falar quem é seu pai, não vai te acontecer nada, vou lhe proteger! Fale! Quero que fale quem é seu pai!

Então Didi apontou com o dedo na direção de sinhô Belizário e disse:

— Severino disse que sinhô Belizário é meu pai.

Belizário olhou para Ana com vergonha, confirmando com a cabeça admitiu que Didi também era seu filho.

Sinhá Ana respirou fundo, secou as lágrimas e continuou:

— Te chamam de Didi não é mesmo? Você sabe por que tem esse nome?

— Minha mãe chamava iêu de Bernardinho, mais os escravo chamam de Didi. — Sinhá, já que sô

fiô do sinhozinho então por que a senhora não me dá a carta de que liberta iêu?

— Didi, você não é minha propriedade, não sou sua dona, então não posso fazer isso. E te digo mais, não adianta tentarem fugir, vão acabar parando em outra propriedade, e acabarão voltando para cá. Posso te prometer que de hoje em diante ninguém mais tocará em você, aqui nessa fazenda será tratado como filho de Belizário, eu também te tratarei como filho, pois sei que sua mãe já morreu faz algum tempo. — Concorda Belizário?

Sinhô Belizário sabia que não poderia discordar da esposa, com a cabeça baixa apenas resmungou concordando. Sinhá Ana continuou:

— E tem mais uma coisa! Acabou essa história de chibatadas, todos são irmãos, não é justo que um seja protegido e que os outros levem surras! Com você e João o tratamento será diferente, mas se aprontarem qualquer coisa eu mando colocá-los no tronco! Não esqueçam que ainda são escravos! — De hoje em diante você ficará aqui dentro, agora quero que vá buscar Zulmira e Pedrinho!

Didi saiu correndo, chegando na senzala e gritou:

— Sou fiô do Sinhô Belizário!

Eu olhei para João e falei baixinho:

— Só o que farta agora é ele se vortá contra nós!

Olhei sério para Didi e perguntei:

— Como é minino branco, agora vai mandá em nós?

— Nunca Severino, ocêis são meus irmão! —
Cadê Zulmira e Pedrinho?

— Tão no riacho, Zulmira foi banhá o minino.

Didi saiu correndo a procura de Zulmira, logo que a encontrou levou ela e Pedrinho para Sinhá Ana.

Belizário quando viu Zulmira entrar com o menino mal podia acreditar no que estava acontecendo dentro de sua casa. Cansado e irritado com a situação comentou ironicamente:

— Esse menino de roupas parece um macaco vestido!

Sinhá Ana fingiu não ouvir o comentário de Belizário, pressionou Zulmira, queria saber de toda

verdade. Depois de algum tempo a escrava não suportou mais a pressão, caindo de joelhos aos pés da Sinhá a negra implorou:

— Me perdoe sinhazinha, iêu não queria! Sinhô Belizário me pegô a força, tive muito medo de ir pro tronco e deixei ele fazê o que queria com iêu!

Sinhá Ana olhava para Belizário com ódio, voltando-se para a escrava ajoelhada aos seus pés falou:

— Levante-se Zulmira! De hoje em diante você e Pedrinho ficarão na casa grande, seu filho e Didi levarão o nome de nossa família, mas continuarão sendo escravos, somente meu marido pode dar-lhes a liberdade, e para isso precisa de autorização do imperador, não é simples como vocês escravos pensam! — Não terão a liberdade que querem, mas terão uma vida melhor, vão ter roupas novas, vão aprender os trabalhos da casa grande que são mais leves que nos cafezais! — Você sabe cozinhar?

— Não sei não senhora! Nós só comemo os resto da casa grande, sei fazê só nossas comidas!

— Não tem problema, Gertrudes que já cozinha a anos em nossa casa vai te ensinar a fazer tudo que o sinhô Belizário gosta de comer! Vai ficar tudo bem, não receberão mais castigos, mas vão trabalhar! Terão uma vida melhor, mas vão cumprir com seus deveres!

Belizário acatava tudo sem reclamar, por dentro se contorcia de raiva, admitia para si próprio que mentira tinha pernas curtas.

Sinhá que sempre foi uma mulher submissa quando viu Pedrinho se revoltou, queria resolver tudo naquele mesmo dia, estava se sentindo extremamente triste, tomar aquelas decisões lhe doíam muito, mas via como algo necessário. Então mandou que Didi, Zulmira e Pedrinho saíssem.

Chamou uma das escravas da casa e pediu que chamasse Cecília.

Logo que a filha entrou na sala sinhá Ana a olhou com carinho e falou:

— Cecília, minha filha, tem um homem na senzala que você gosta muito, estou certa?

Cecília que do quarto ouviu toda discussão respondeu constrangida:

— Sim mamãe, confesso que amo João, mas papai proibiu.

Olhando para o marido com desprezo, sinhá Ana perguntou:

— Belizário, você vai proibir Cecília? Já que o senhor emprenha as negras qual é o problema de sua filha namorar um negro?

Belizário trocava de cor, empalidecia, enrubescia, mas nada podia fazer, espantado com a postura da esposa, olhou para Cecília e disse:

— Vá sua infeliz! Se quer ficar com aquele negro sujo pois então que fique! Mas já te digo, João vai morrer como escravo, pois nunca darei a liberdade a ele!

Cecília saiu correndo, mal podia acreditar no que estava acontecendo, finalmente poderia viver seu amor com João, foi até a senzala para lhe contar todo o ocorrido na casa grande.

Didi, Zulmira e João no mesmo dia foram levados para casa grande, tudo parecia bom demais

para ser verdade, nunca os escravos receberam tantas notícias boas em um mesmo dia.

Existe um ditado popular que diz: Alegria de pobre dura pouco! Assim também era a alegria dos escravos, toda aquela alegria não duraria muito. Pouco tempo depois as coisas começaram a se transformar em um verdadeiro inferno.



Alguns dias se passaram, Sinhá Ana se acalmou. Sinhô Belizário nunca se conformou com as imposições que foi obrigado a aceitar, em sigilo ordenou que os capatazes fossem ainda mais rígidos com os escravos, então esses passaram a perseguir e açoitar os negros por qualquer motivo. Sinhá Ana acreditava que tudo seguia conforme suas ordens, no entanto, nossa vida se tornou ainda mais difícil, o mais perseguido era João, pois esse afrontava o orgulho ferido de Sinhô Belizário.

Para João o namoro com Cecília custava caro, cada vez que encontrava a moça apanhava em seguida, sempre suportava calado, por amor não contava a Cecília o que acontecia. Com o tempo o rapaz

começou a se cansar das chibatadas, e assim passou a se esquivar da moça. Com o tempo os encontros que no início eram constantes passaram a se tornar cada vez mais esporádicos, até que finalmente passou a se esconder da moça para não a encontrar mais.

Certa tarde, quando os trabalhos nos cafezais estavam se encerrando, Cecília decidiu ir atrás de João, queria saber o que estava acontecendo, porque ele a evitava. A moça chegou no cafezal chamando por João, caminhando entre os pés de café gritava seu nome. Quando João ouviu Cecília, o primeiro impulso foi fugir, mas o amor que sentia não deixou. Aproximando-se da moça perguntou:

— Cecília, o que ocê faiz aqui? Estou trabaiando! Se te pegam aqui no meio do cafezar vão colocá a curpa em iêu! Vo levá chibatada!

Olhando para João com carinho Cecília respondeu:

— João! Não precisa ter medo, já te disse, minha mãe permitiu que eu namore você! O trabalho de hoje acabou, os outros escravos já estão voltando

para senzala, e os capatazes não me viram vindo para o cafezal.

João não queria magoar a moça, coçando a cabeça com dúvida confessou:

— Sinhazinha, iêu sabe que deixaram, é que...

João freou o impulso de contar a Cecília sobre as surras, mas a moça notando que algo acontecia pressionou:

— Qual o problema João? Fale, confie em mim!

— Cecília, toda vez que te vejo os capataiz me pegam e dão uma surra!

Assustada Cecília interrogou:

— Meu Deus João! Por que você não me contou? Eu não sabia! Não quero mais Sofrimento!

— De que adianta te contá? Não importa o que Sinhá Ana fale, vo continuá sendo escravo! E pra sinhô Belizário nosso namoro é uma farta de respeito, ele nunca que vai aceitá!

Cecília olhou para João com todo amor, acariciando seu rosto deu-lhe um beijo, entregando-se aos carinhos da moça ele se entregou, sentiam

saudades, envolvidos pelos sentimentos de paixão se amaram no meio do cafezal, entregaram-se ao amor que parecia impossível.

Em seguida, deitados sob um pé de café, o casal olhava o céu em silêncio, abraçados refletiam sobre as dificuldades que os envolviam. João com tristeza quebrou o silêncio e confessou:

— Cecília, fico muito triste pois só posso te vê de longe e não posso nem te tocá. — Ocê é fã de fazendero, tem estudo, iêu sô só um escravo, não sei lê e nem escrevinha meu nome, nunca que vo conseguí liberdade e podê te dá uma vida boa!

Cecília o abraçou com força e pediu:

— Calma João, vamos resolver esses problemas, amo muito você. Para mim não importa se é negro ou branco, não vejo diferença, somos todos iguais, filhos de Deus e irmãos de Jesus Cristo! — Tenho esperanças João! Um dia essa escravidão vai acabar! Sei que um dia seremos felizes, por isso vim atrás de você. — Sinto sua falta!

João a abraçou com ainda mais amor, entregues a esperança de dias de liberdade e felicidade

se amaram novamente. A noite se estendia sobre o cafezal quando se despediram, Cecília voltou correndo para casa grande, e João permaneceu alguns minutos deitado pensando sobre as dificuldades que precisariam enfrentar.

Na senzala eu já estava preocupado com João, pois ainda não tinha voltado do cafezal, me assustei quando vi sinhazinha Cecília entrar correndo. Ansiosa ela me puxou para um canto:

— Severino, venha aqui, preciso falar com você!

— Sim sinhazinha, o que deseja de iêu?

— Severino, Você conhece bem João, são amigos, então peço que nos ajude, ajude nosso amor!

— Fique de olho nos capatazes, se perceber que vão fazer algo com João corra imediatamente para casa grande e me chame, se te pararem no caminho, então diga que está fazendo um trabalho para mim!

— Sinhazinha, sou seu escravo! Vo fica de olho e fazê tudo que pudé pra ajudá, se vê qualquer coisa diferente corro chama a sinhazinha!

— Obrigada Severino!

Ela me abraçou com gratidão e voltou às pressas para casa grande. Quando me virei para voltar para senzala João chegou. O semblante assustado não apagava o brilho nos olhos, concluindo que ele e sinhazinha estavam juntos perguntei:

— O que aconteceu com ocê João? Por que demorô tanto pra vortar do cafezar? — Táva com sinhazinha que iêu sei!

— Fique quéto Severino! Seu boca grande! Ocê não fale isso pra ninguém! Iêu táva com Cecília, tô com medo, os capataiz podê me pegá di novo! Severino, acho que tô com uma costela quebrada, não quero levá otra surra!

— Não se preocupe João, sinhazinha veio conversá com iêu, pediu ajuda, vo ajuda ocêis, mas têmô que conversa e organizá tudo certinho, só assim vão podê ter um poco de paz.

— Ocê acha que é o dono da fazenda Severino? Isso não vai ser fácil!

— Não sô o dono da fazenda, mas sô teu amigo! Quero ajuda ocêis, confie em iêu!

João balançou a cabeça concordando, conversamos sobre os perigos que rondavam aquele romance, para evitar que os capatazes o vissem perto de Cecília eu levaria os recados de um para o outro.

Poucos dias depois Cecília me chamou:

— Severino, preciso falar com João, diga a ele que é algo muito importante, que me espere no cafezal.

— Sinhazinha, eu sei o que ocês vão fazê no cafezar, escuite iêu! Isso é muito perigoso!

Cecília enrubesceu:

— Deixe de assuntos impróprios Severino! Sou uma moça de família, essas coisas são só depois do casamento!

— E desde quando escravo se casa com branco?

— Severino! Pare de fazer perguntas! Vá avisar João!

— Sim sinhazinha, tô indo!

Voltei para o cafezal procurar João, assim que o encontrei me aproximei, para não sermos ouvidos por outros escravos ou pelos capatazes falei baixinho:

— João, a sinhazinha disse pra ocê espera no cafezar, acho que ela vai fazer deitadô com ocê!

João, contrariado com meu comentário respondeu:

— Mas que cabeça suja ocê tem! Nóis vâmo conversa! Vorte e diga que vo espera pra ve o que ela qué!

Voltei para casa grande avisar sinhazinha.

Mais tarde no cafezal os dois se encontraram, Cecília abraçou João com ternura e saudades, lembrando das minhas palavras ele retribuiu o abraço com paixão, crente de que a moça o procurava para se deitar com ele estava afoito. Notando a ansiedade do rapaz Cecília o afastou com carinho, olhando com seriedade falou:

— Se contenha João! Não vim aqui para isso! Precisamos conversar! É um assunto muito sério!

Recompondo-se João falou:

— Discurpe! Fale sinhazinha!

— Eu vou embora João, decidi estudar magistério em outra cidade, vou morar com minha irmã.

Temeroso João perguntou:

— Ocê vai me deixá?

— Não vou te deixar! Vamos dar um jeito de sair os dois daqui!

— Como vâmo fazê isso?

— João, já planejei tudo! Vou de carruagem, e você vai junto, se esconderá entre as malas, vou providenciar comida para você, pois a viagem será longa, quando estivermos bem longe você viajará ao meu lado. Precisarâ ter paciência João, antes precisa se recuperar das últimas surras e ficar mais forte, vou conseguir alimentos que te deem mais energia, enquanto isso fique calmo!

João parecia assustado, receando ser apanhado perguntou:

— E se pagarem iêu?

— Não vão pegar! É um bom plano, tenha fé! Tudo darâ certo e iremos para longe!

João sentiu-se um pouco mais confiante, aproveitando a oportunidade perguntou sobre Didi, Zulmira e João, pois desde que foram para casa grande raramente era vistos pelos escravos da senzala.

— Nossos amigo tão bem na casa grande?

— Estão bem, trabalhando, meu pai nunca accitou a situação, então faz o possível para dificultar a vida deles, principalmente a vida de Zulmira e Didi, mas mamãe os protege.

— Sinhazinha, diga a Didi que nós amamo muito ele, vâmo sempre ser seus irmão!

— Direi para ele João, agora preciso voltar, mandarei que Severino lhe passe os recados.

A data da partida de sinhazinha Cecília se aproximava, os preparativos para viagem eram conciliados com o planejamento da fuga. Sinhazinha procurou o cocheiro que a levaria, esse era conhecido antigo de seu pai, contou seus planos e ofereceu ao homem uma boa quantidade em dinheiro. Necessitado, com família e filhos para sustentar o homem aceitou o risco.

O plano seria esconder João em um saco que seria colocado em cima da carruagem no meio das malas, quando estivessem distantes da propriedade João poderia sair do esconderijo e seguir viagem.

Na data marcada a expectativa era grande para todos, eu sabia que ajudar nessa fuga poderia me custar caro, pois quem esconde, mente.

Logo pela manhã sinhazinha se preparava para partir, enquanto os pais cercavam a moça com carinho, nós nos despedíamos de João. Assim que os escravos começaram a colocar as malas e caixotes na carruagem, eu e Didi colocamos o saco com João em cima do transporte, para escondê-lo colocamos o restante das bagagens em volta.

O combinado era que sinhazinha partiria nas primeiras horas da manhã, no entanto, o que ninguém esperava era que os pais tivessem preparado uma reunião de despedida para filha. A permanência de João em cima da carruagem se prolongou por várias horas, olhávamos de longe, o sol a pino batia sobre o saco.

Enquanto isso na casa grande os pais festejavam a partida da filha, sentiam-se felizes e aliviados, pois assim ela estaria longe de João e logo arrumaria um bom partido.

A partida atrasou várias horas, o sol do meio dia batia nas costas de João, queimando sua pele. O cocheiro cada vez mais inquieto e preocupado com a situação, começou a se arrepender do negócio, percebendo que a moça não conseguia escapar da confraternização pediu que um escravo a chamasse, assim que a moça se aproximou ele confessou:

— Sinhazinha, esse dinheiro que me deu vai ajudar muito, mas começo a pensar no risco que estou correndo, se seu pai descobre esse negro escondido entre as malas estarei em apuros!

Aflita sinhá Cecília pediu:

— Por favor, aguarde mais um pouco, também estou preocupada, mas não posso sair correndo! Isso levantaria suspeitas!

Suando gelado o homem praticamente implorou:

— Sinhazinha, vamos embora logo! Tenho mulher e filhos, se algo der errado a senhora vai se responsabilizar?

— Preciso correr o risco, se algo der errado eu assumo a culpa! Não se preocupe, logo partiremos!

Sinhazinha deixou o cocheiro e pediu que me chamassem.

— Severino, preciso que me ajude, mais tarde meu pai vai notar a ausência de João, quando perguntar diga que ele está em algum lugar trabalhando, invente qualquer coisa, precisaremos de tempo!

— Sinhazinha ordena iêu faço! Sô escravo e cumpro ordem!

— Não precisa falar assim Severino! Eu te respeito muito, só peço que me ajude. Quando eu voltar lhe trarei roupas e queijo! — Seja esperto e inteligente quando meu pai vir procurar João.

— Não se preocupe sinhazinha, farei o possível!

Depois da longa despedida Sinhá Ana deu para filha uma cesta com quitutes para viagem, abraçando a menina falou emocionada:

— Minha filha, que Jesus ilumine seus caminhos, desejo que seja boa professorinha, que encontre um bom marido, tenha lindos filhos, poderá

encontrar um homem com dotes que lhe dará uma boa vida!

Cecília agradeceu, sua aflição se tornava visível, não conseguia mais esconder a ansiedade para partir. Notando a pressa da filha sinhá Ana aconselhou:

— Calma minha filha! O cocheiro não vai te deixar!

— Eu sei mamãe, desculpe, é a ansiedade por começar uma vida nova!

Em seguida sinhazinha abraçou a pai, sinhô Belizário não disfarçava a satisfação, pensava que finalmente sua filha estaria longe daquele negro que ele chamava de sujo.

De longe eu olhava a cena, temeroso via João em cima da carruagem, por sorte o tempo começou a nublar, caso contrário ele teria morrido sufocado dentro daquele saco. A partida que era para ser antes das oito horas da manhã aconteceu depois das treze.

Assim que se distanciaram sinhô Belizário rumou para senzala, estava ansioso para contar a novidade para João.

Quando notei que vinha em minha direção fui a seu encontro avisando:

— Se o sinhô veio procurá João ele não tá, foi pra roça!

— Como você sabe quem vim procurar?

— Adivinhei seus pensamento sinhozinho!

— Negro esperto, agora lê pensamento é? Pois quando ver João diga que vá falar comigo, quero lhe dar as novas notícias!

Sinhô retornou a casa grande e eu voltei ao trabalho.

À noite na senzala, quando todos dormiam, notei sinhá Ana entrando com um lampião, ela suspeitava dos planos da filha, sem poder confiar nos capatazes resolveu ela mesma ir até a senzala conferir se João estava na fazenda. Percebendo que eu a olhava me perguntou:

— Severino, onde está João?

— Sinhá! O que faiz aqui! Se sinhô te péga vai tê problema! — João tá com dor de barriga sinhá, foi no mato!

— Como dor de barriga? O que andaram comendo?

— Não sei sinhá, deve sê o leite, táva meio estranho!

— Está certo, então volte a dormir.

No outro dia ninguém perguntou de João, mas eu sabia que logo viriam procurá-lo, e não demorou muito para Gumercindo perguntar:

— Negro! Onde está João?

— Iêu não sei não! A última veiz que vi táva no cafezar!

Os dias passavam, era uma mentira atrás da outra, até que certa manhã sinhô Belizário foi novamente na senzala, e como sempre, era para mim que perguntavam:

— Severino, onde está João? Chega de desculpas! Quero que vá chamá-lo agora! Faça o que mandei ou quem vai para o tronco é você!

Já não aguentava mais as mentiras e a pressão daquela situação, concluí que, se me levasse para o tronco quem sabe sinhô Belizário esquecesse João. Em tom desafiador respondi:

— Iêu não vo! Não sô babá de João, se o sinhô quisé me batê então que bata!

Olhando-me com um sorriso irônico e malicioso sinhô Belizário respondeu:

— Eu não vou te bater Severino! Quem vai fazer isso é o capataz! Eu tenho mais o que fazer, vou atrás de João! — Gumercindo! Leve esse negro atrevido para o tronco, depois vejo o que faço com ele!

Gumercindo me olhou sorrindo com entusiasmo, sentia prazer em castigar os escravos.

Fui levado para o tronco, rezava para que João e Cecília estivessem longe, pois sinhozinho, Tenório e vários capatazes saíram à caça de João.

A noite sinhô Belizário e alguns capatazes voltaram, não haviam encontrado João, quando passou por mim ele me olhou com raiva, mas não disse nada.

Passei a noite no tronco, na metade do dia seguinte, Tenório e o restante dos capatazes entravam na fazenda. Sinhô Belizário foi ao encontro dos homens e perguntou:

— Cadê João?

Tenório prestou contas:

— Patrão, não achamos o negro! Procuramos a noite toda, perguntamos por ele em várias fazendas, mas ninguém viu nada, parece que ele evaporou!

Sinhô Belizário não escondia a irritação, virando-se para mim perguntou:

— Severino, você participou disso? Quero saber quando e para onde João foi!

— Não sei nada não sinhozinho!

Gritando ele ameaçou:

— Diga agora preto sujo! Ou vai levar vinte chibatadas agora e mais vinte quando eu encontrar João!

Cansado, com fome, sede e irritado com as humilhações que pareciam não ter fim, respondi sem pensar:

— Não digo se não quisé! Pode mandá dá as vinte chibatada!

Sinhô Belizário estremeceu de raiva, os olhos esbugalhados denunciavam seu desejo de me matar, aproximando-se agarrou meus cabelos dizendo:

— Preto atrevido! Pois vai levar vinte chibatadas agora e mais vinte depois!

Arrependido pela resposta impulsiva tentei contornar a situação implorando:

— Perdôa iêu sinhô! Se me perdoá falo tudo que sei! Vi João correndo lá pra baxo!

— E por que mentiu? Por que não contou antes?

— Fiquei quéto em troca de comida!

— Você me paga! Vou fazer você trabalhar igual uma mula! — Vou te perdoar das vinte chibatadas que prometi dar quando achasse João, mas ainda sim levará vinte por mentir! — Tenório, faça o trabalho!

Tenório deleitou-se com a tarefa. Sinhô Belizário estava tão atormentado com a fuga de João que saiu às pressas, juntando-se a Gumercindo seguiu no sentido que eu indiquei. Depois de dois dias embrenhados na mata em busca de João os dois retornaram de mãos vazias. Sinhô Belizário estava convencido de que João, por ser um negro forte, bom para os trabalhos pesados, provavelmente teria sido

capturado por algum outro fazendeiro que não queria devolvê-lo.

Ainda me recuperando das vinte chibatadas me apavorei quando sinhozinho foi até a senzala me procurar. Furioso ele falou:

— Severino! Você me paga seu preto desgraçado, safado! Um dia ainda te mato!

Acuado no canto da senzala argumentei:

— Eu já tomei as vinte chibatadas, e o senhor prometeu que se eu contasse para onde João foi eu só levaria as vinte, e eu já apanhei!

Sinhô deu as costas sem falar mais nada, voltou para casa grande, as buscas por João foram suspensas. Depois daquele dia ficamos muito tempo sem ouvir o nome de nosso amigo.

Pois todo o que se exalta será humilhado;
e o que se humilha será exaltado
Lucas 14:11



CAPÍTULO IV

Rendição

Em 1830 fazia dois anos que sinhazinha Cecília e João haviam partido para capital.

Sinhazinha Beatriz também morava na capital, sabia de toda verdade, mas não contava nada para os pais. Quando foi embora de casa era muito jovem, guardava profundo rancor do pai, dessa maneira ninguém na casa grande imaginava que Cecília vivia com João.

Na época as grandes distâncias e a dificuldades das estradas tornavam as longas viagens perigosas e cansativas, era comum que o principal meio de comunicação se fizesse por cartas, foi assim que sinhazinha Cecília manteve contato por dois anos.

Em uma manhã ensolarada avistei uma carruagem se aproximando da fazenda. Quando essa parou diante da casa grande reconheci o cocheiro, era o mesmo que levou sinhazinha Cecília.

Sinhá Ana vendo que eu estava próximo me chamou:

— Severino, de comida e água para os cavalos!
— É Cecília que chegou!

Sinhazinha Cecília desceu da carruagem com dificuldade, percebi que ela estava com uma barriga grande, os olhos brilhavam. Depois de abraçar a mãe com carinho ela se virou para mim sorrindo e falou:

— Severino! Como vai? Depois mandarei te chamar, te trouxe o presente que prometi!

Olhei agradecido. No final da tarde sinhazinha foi até a senzala me procurar.

— Como vai Severino?

— Bem sinhazinha, e João ele tá bão?

— Estamos bem Severino, como pode ver estou grávida, esse é o nosso segundo filho.

— E João faiz o que na cidade?

Mostrando tristeza no olhar ela respondeu:

— Ele é meu escravo, sei que isso é horrível, mas foi a única maneira que encontramos para ficarmos juntos. — Na rua, aos olhos de todos ele é meu escravo, mas em casa é meu marido! Eu dou aulas para crianças, ensino elas a ler e escrever e João cuida das crianças e da casa.

— Iêu também queria muito aprendê a escrevinhá e lê, mas sei que não ia serví pra nada! Escravo só tem que sabê lidá na roça!

— Severino, conhecimento a gente guarda, é para toda vida e ninguém pode tirar de você, um dia te ensino a ler e escrever! Você quer?

Entusiasmado com a oferta respondi sem conter a alegria:

— Se a sinhazinha quisé me ensiná quero aprendê! Vai pedí pro sinhô?

Ela sorriu com minha empolgação e prometeu:

— Pedirei a ele Severino! Verei o que posso fazer para ensiná-lo. — Agora preciso ir, foi muito bom revê-lo, devemos muito a você, serei sempre grata!

Sinhazinha Cecília estava feliz, os olhos brilhavam enquanto falava de João e da família que construíram.

Sinhô Belizário sequer suspeitava que João era o marido da filha, sempre que perguntava do genro Cecília dava alguma desculpa, dizia que o marido era um industrial muito ocupado, não podia se ausentar

tantos dias para ir até a fazenda. Poucos dias depois a moça se preparava para retornar a capital, antes de partir pediu que me chamassem:

— Severino, estou voltando para capital, quero te agradecer.

— Sinhazinha, por favô, diga a João que nunca esquecemo dele, diga que mandei um abraço!

— Severino, darei seu recado, quero que saiba que nunca esqueceremos todas as vezes que nos ajudou! Pegue, trouxe isso para você!

Ela me entregou um embrulho e foi embora. Voltei correndo para senzala, quando abri o embrulho me emocionei, era o queijo que ela havia prometido no dia que partiu com João, meus olhos se encheram de lágrimas, me emocionei com a gratidão e reconhecimento de Cecília.



Ao completar quarenta anos, eu sentia um enorme vazio, parecia não me restar nada, nunca me envolvi com as escravas da senzala, portanto, não tinha família, meus únicos amigos estavam longe, Didi e Pedrinho na casa grande, João na capital, Cumba

nunca mais foi visto. Sentia-me desmotivado, trabalhava e vivia porque não via alternativa, não sabia o que fazer da vida.

Certa madrugada, quando todos dormiam, percebi que alguém se espreitava do lado de fora da senzala, levantei-me sem fazer barulho e fui verificar quem era. Esgueirando-me avistei um negro forte, vestia pele de animais, sobre as costas uma capa feita com pele de onça, sobre a cabeça destacava-se algo que parecia uma coroa, estranhando aquela figura pensei estar vendo uma assombração.

Com cautela e aproximei na ponta dos pés, quando estava a poucos metros me espantei, não acreditava no que meus olhos viam, era Cumba!

Percebendo minha aproximação ele estendeu a mão dizendo:

— Severino! Sou eu! Cumba! Segure minha mão!

Com imensa alegria respondi sorrindo:

— Cumba! Seu danado, onde foi que ocê se meteu?

— Quilombo, muitos negros, união, família, vortá pra casa, pra nossa família!

Percebi que Cumba ainda não falava bem nosso idioma, continuava com as algemas nos pulsos e tornozelos, a marca de sinhô Belizário podia ser notada de longe.

Curioso interroguei:

— Como vão vortá pra casa?

— Vâmo vortá nadando!

— Ocê tá loco Cumba? Como vão nadá tudo isso? São sete dias até a capitar!

— Nóis é forte! Guerreiro! Vim pra te vê e despedí!

Cumba ficou apenas alguns minutos, tempo suficiente para dizer adeus, não consegui entender como seria essa fuga. Quando partiu fiquei olhando ele sumir na mata, o desejo de liberdade que havia sumido ressurgiu mais forte que nunca. Retornei para senzala pensando:

— Não vo ficá aqui vendo Cumba e os outros irem embora! Se eles conségue iêu também cunsigo! Suzinho minhas chances são mais grande!

Rever Cumba foi o suficiente para que as ideias de fuga renascessem com toda força e se fixassem em minha cabeça, não queria mais esperar, no dia seguinte comecei os preparativos. As fugas anteriores me deram experiências, aprendi que com o tempo o bolo e o queijo ressecavam e se mantinham conservados por mais tempo, as carnes precisavam ser seca, tudo que conseguia enrolava em folhas de bananeira e enterrava, parecia um pequeno rato.

Quando juntei o suficiente fui até a casa grande procurar Didi, queria me despedir.

— Didi, meu fiô, vim me despedí de ocê, vo tentá mais uma vez conquistá minha liberdade. Ocê tá muito bem na casa grande, sua vida agora é boa! Ocê pense bem, nunca faça besteira! De valor no que tem!

Didi ouvia calado, seus olhos suplicavam para ir junto, e antes que pedisse eu falei:

— Nem pense nisso Didi! Inté ropa ocê tem aqui! Se ocê foge e te pegam vai perdê tudo isso!

Antes que Didi respondesse o abracei e voltei para senzala. Quando todas as velas se apagaram peguei meu saco com alimentos e corri para o mato,

pouco tempo depois ouvi passos, me escondi, e no meio da escuridão consegui enxergar que uma das escravas da senzala havia me seguido. Surpreendendo a negra perguntei:

— Ocê tá doida Benedita? Por que veio atrás de iêu?

— Severino, iêu vi que ocê táva escondendo cumida, quero i junto!

— Nem pensá! Se pegarem ocê sabe o que vão fazê? Com as nêga os castigo são pior! Os capataiz vão te usar a força!

— Os capataiz já faz isso com iêu! Me leva junto por favô!

— Benedita! Sei que já fazem essas coisa ruim com ocê, mas se te pegarem vão fazê até te matá! Volte pra senzala, prometo que vórto pra te busca!

Antes que Benedita argumentasse saí correndo pela mata, olhei para trás e percebi que ela voltava para senzala chorando, senti o coração doer, mas levá-la seria um risco ainda maior.

Corri até me perder na mata, quando encontrei um rio procurei um local com pedras para atravessar,

chegando a outra margem continuei em disparada. Quando amanheceu não aguentava mais correr, parei para descansar e comer, sabia que em algum lugar por perto havia um quilombo aonde eu poderia me refugiar, mas aonde era esse quilombo? Eu sentia medo.

Depois de três dias e três noites correndo sem rumo certo, já estava muito longe da fazenda. Exausto não aguentava mais correr, sabia que certamente já estavam atrás de mim, a cavalo seriam mais rápidos, ainda poderiam me alcançar.

Tomado pela exaustão, pavor e afobação, correndo sem olhar onde pisava acabei escorregando em um declive, rolando entre folhas, pedaços de galhos parei alguns metros abaixo, desnortado com a queda ainda pude sentir uma forte dor no tornozelo, percebi que havia machucado gravemente meu pé, tentei me levantar, mas a dor intensa me impedia, caí novamente, fraco, cansado, e impossibilitado de andar fiquei por horas deitado praticamente desacordado.

Algum tempo depois tentei me levantar, precisava continuar a caminhada, vencendo a dor

retomei a caminhada, não demorou muito para que avistasse uma estrada. Fazia quatro dias que corria, a comida que levei se estragou quando molhei ao atravessar o rio, a fome me torturava, o pé machucado doía sem parar, a exaustão, fome, dor e medo me levaram a desistir da fuga. Olhando para estrada decidi sair da mata e seguir o trajeto, sabia que logo cruzaria com alguém que certamente me recolheria.

Cambaleando pela estrada logo avistei uma carroça com dois homens, assim que se aproximaram pararam e desceram; completamente atordoado olhei para os estranhos e perguntei:

— Onde é que tãmo? Quem são ocêis?

— Eu sou Juca e esse é Camilo. Estamos na divisa de Minas e São Paulo. Você é um negro fujão? Está perdido?

— Sou do sinhô Belizário!

— Quem é sinhô Belizário? Nunca ouvi falar esse nome por aqui, você andou muito!

Tudo que eu queria naquele momento era retornar para fazenda de sinhô Belizário, informado de que havia me distanciado muito precisava convencê-

los a me levar de volta. Oferecendo um bom motivo inventei:

— Sinhô Belizário pagô cinco contos de réis pro urtimo que me levô pra ele!

Camilo olhou para Juca com os olhos arregalados, entusiasmado me perguntou:

— Cinco contos de réis? Tudo isso? Pois então vamos é ficar com você! Se vale tanto é porque deve ser forte. Você sabe cortar cana?

— O que é cana?

— Me conte o que você fazia na fazenda que trabalhava? Para valer tanto deve trabalhar muito!

— Eu colhia café, tirava leite, cuidava das hortas, fazia tudo que me mandava, só não sei escrevinhá e nem lê!

Juca fez sinal para o amigo e me pediu:

— Espere aqui, vou conversar com meu amigo, vamos decidir o que fazer com você!

Meus planos de convencê-los e me levar para fazenda parecia não ter dado certo, ouvia enquanto os dois faziam planos, mal sabiam que eu havia mentido

sobre os cinco contos de réis. Quando voltaram Juca falou:

— Sua vida vai mudar! Já ouviu falar de arado?

Eu não sabia o que era um arado, pensava ser um terreno, ou pedaço de terra, mas diante da situação menti:

— Sei sim o que é um arado! Ele é muito grande?

— Não é muito grande não! Vamos, suba na carroça, vou te levar para fazenda e poderá ver.

Chegando a fazenda percebi que a maioria dos escravos eram homens, uma propriedade muito menor e mais humilde que a fazenda de Sinhô Belizário. Fiquei aguardando enquanto os homens chamavam o patrão. Pouco tempo depois um homem de meia idade, calvo, baixo e robusto se apresentou:

— Sou sinhô Dantas, proprietário desse lindo lugar! Aqui plantamos e vendemos cana para as usinas de açúcar. Qual é seu nome? Me contaram que você é bom no arado, é verdade?

— Sô Severino, sô bão no arado sim! Se me derem água e cumida faço qualquer coisa!

— Vão te dar água, comida e poderá descansar um pouco, mas depois quero ver como se sai no trabalho! Voltarei no final da tarde!

Levaram-me para senzala onde me alimentei, descansei e consegui fazer uma faixa para o pé machucado. No meio da tarde Dantas me levou para um terreno, onde fui apresentado ao tal arado.

— Severino, está aqui, mostre-nos por que você vale cinco contos de réis!

— Tenho que puxá isso?

— Sim! Você disse que puxava arado!

— Mas o arado que eu puxava era mais piquenô!

— Ora! Eu vou é te pegar seu negro! Trate de puxar esse arado ou vai levar chibatadas já no primeiro dia!

— Pode deixá! Vo puxá o arado agora mesmo!

Comecei a puxar o arado, Dantas assistia meu desempenho, satisfeito deu-se por convencido. Deu algumas ordens aos outros escravos e retornou para casa, depois de algumas horas puxando o arado percebi que os capatazes pareciam distraídos, por

vezes se afastavam bastante dos escravos, aproveitando a primeira oportunidade corri de volta para o mato.

Mais uma vez fugia, no entanto, dessa vez estava em terras totalmente desconhecidas, sem nenhum alimento. Escondendo-me na mata passei várias semanas me alimentando do que encontrava, eram ratos, sapos, frutas, lembrava dos dias na fazenda, dos bolos roubados e principalmente dos queijos que sinhá Ana me dava, tentava me alegar com a tão sonhada liberdade, para me convencer falava:

— Não é só de queijo que vive o homi! Agora sou livre!

Passaram-se mais alguns dias e o arrependimento era cada vez maior, de que adiantava viver daquela maneira, escondido no meio do mato passando fome, aquilo não era liberdade, comecei a me tornar descuidado, já não me preocupava tanto em achar locais seguros para me esconder, e não tardou para que outro capataz me encontrasse. Surpreendido enquanto dormia acordei quando ouvi alguém falar:

— Vejam só! Você não um dos negros de
sinhô Belizário?

Levantei-me, assustado respondi:

— Sô sim! E ocê é quem?

— Sou Matias. Lembro de você! Estava entre
os negros que Agenor capturou e devolveu a Belizário!
— Qual é seu nome?

Cansado daquela vida, desejoso de voltar para
fazenda decidi falar para o capataz que me chamava
João, pois desde que fugiu com Cecília todos o
procuravam, sinhô Belizário ofereceu uma gorda
recompensa a quem capturasse e levasse João até ele.

— Eu sô João!

O homem abriu um largo sorriso:

— Parece que dei a sorte grande! Faz tempo
que Belizário te procura, ofereceu uma boa
recompensa por você!

Sem perder tempo o homem me amarrou,
levou até a carroça e partiu apressadamente rumo a
fazenda,

No dia seguinte chegávamos à fazenda Bela
Vista. Parando a alguns metros da casa grande o

homem pediu que chamassem Belizário, pois ele lhe trazia algo valioso, enquanto isso eu permanecia deitado na carroça. Ouvi quando ele faceiro informou:

— Boa tarde sinhô Belizário, lhe trago um fujão!

— Estou procurando um escravo que se chama João! Como se chama esse que você trouxe?

— Não sabia que preto tinha nome! Mas quando o encontrei perguntei como se chamava, ele disse que seu nome é João.

Sinhô Belizário fitou o homem com indisfarçada satisfação. Percebendo o contentamento o capataz afirmou:

— Sei que o senhor ofereceu boa recompensa para quem o trouxesse de volta!

— É verdade, ofereci um dobrão para quem o trouxesse! Confesso que já não esperava que alguém o encontrasse, faz alguns anos que esse safado sumiu! Para provar minha gratidão não vou lhe pagar um dobrão, mas sim, três!

Sinhô Belizário estendeu um pequeno saco com a recompensa, os olhos do homem brilharam,

jamais imaginava que receberia tanto. Sem conter a alegria sinhô convidou:

— Entre Matias, vamos tomar uma cachaça para comemorar!

Antes que entrassem na casa sinhô Belizário virou-se e chamou:

— Gumercindo! Leve João para senzala, mais tarde terei uma longa conversa com ele!

Até então ninguém tinha visto o escravo que estava na carroça, foi quando Gumercindo puxou meu braço, e saí rolando pela grama que a mentira foi percebida. Surpreso o capataz gritou:

— Sinhô Belizário! Veja! Não é João! É Severino!

Sinhô virou-se para confirmar, empalidecido correu até onde eu estava.

— Severino! É você? Seu negro safado! Enganou o homem?

Quando Matias percebeu que tinha sido enganado subiu às pressas na carroça, acenando e agradecendo saiu sem perder tempo, não queria devolver a recompensa.

Toda alegria que sinhô Belizário sentiu por de ter recuperado João sumiu naquele momento, parecia não acreditar, vociferando se aproximou ainda mais:

— Negro sem vergonha! Safado! Você me paga! Me paga!

Gumercindo já me arrastava para o tronco quando tentei explicar:

— Sinhô, eu táva com sudadi! Foi por isso que menti! Queria vortá pra fazenda! Não cunsigno mais vivê longe daqui, peguei amô por essas terra!

— Safado! Cale sua boca! Não quero ouvir suas explicações! Vai levar vinte chibatadas por ter fugido, e mais vinte por ter mentido! Que trato foi esse que você fez com Matias?

— Não fiz trato nenhum não! Só falei que era João! — Já que vai me batê quero dizê que fico feliz por sabê que o sinhô não encontrô João!

Mal terminei de falar e Gumercindo iniciou a flagelação, em seguida fui levado para o trabalho no cafezal. Antes de fugir meu trabalho era na leiteria e nas hortas, dessa vez, informado de que eu havia passado por uma fazenda onde me colocaram no

arado, sinhô Belizário providenciou um equipamento igual, exclusivo para mim, essa foi a extensão do castigo.



Em 1836 havia poucos homens jovens da fazenda, a maioria idosos, não aguentavam o trabalho pesado. Dos mais velhos eu era o único que ainda suportava o serviço nos cafezais, para dar conta da colheita muitas mulheres foram enviadas para a plantação. Depois da última fuga, sempre me mandavam para os trabalhos mais pesados. Passava os dias no arado, tocava os bois, tirava leite, fazia as queimadas, me destinavam mais tarefas do que eu conseguia cumprir, sempre arrumando um pretexto para me levar ao tronco.

Eu não entendia por que todos conseguiram fugir, por que minhas fugas era sempre frustradas, me perguntava o que fazia de errado para nunca conseguir a liberdade tão sonhada. Na fazenda nada mudava, no entanto, minha percepção da vida era muito diferente, com quarenta e seis anos, não sentia a mesma disposição da juventude, o ideal de liberdade e o

desejo de fugir pareciam esmaecer em meio a tanto sofrimento.

Benedita, a escrava que tentou me acompanhar na última fuga passou a ser uma boa companheira, depois que retornei à fazenda nos aproximamos.

Nunca fui um homem bonito, não causava interesse nas escravas, sempre evitei envolvimento, pois o sofrimento da senzala não deixava espaço para amores românticos, envelhecia sozinho, mas Benedita com seu carinho cativou meu coração, ela me cuidava, era uma boa companheira, e assim ficamos juntos.

No final do dia e nos finais de semana passávamos horas sentados à beira do açude conversando sobre a vida na fazenda, sonhando com o fim da escravidão.

Fazia seis anos que não víamos João, sentia imensa saudade do meu amigo. Sinhô Belizário já idoso, com sessenta e seis anos, estava cansado, não se empolgava tanto com os castigos que impunha aos escravos, mas mantinha a pose de senhor de engenho, ainda não sabia que a filha estava com João.

Para minha felicidade sinhazinha retornou para mais uma visita. Olhando de longe pude perceber que ela estava mais velha, os anos passavam para todos nós.

A noite Cecília foi até a senzala para uma visita, aproximando-se me abraçou:

— Severino! Venha aqui! Como você está?

Retribuindo o carinho respondi com imensa alegria:

— Iêu tô bem e a sinhazinha tá boa? E João tá bão?

Abaixando a cabeça Cecília demonstrou sua tristeza:

— João está bem, mas... Eu me entristeço pela situação que vivemos.

— Por quê? A sinhazinha devia tá feliz! Aconteceu alguma coisa com João?

— Não posso mostrá-lo para ninguém, não posso lhe dar a alforria, nem o apresentar como meu marido á meu pai...João continua sendo escravo!

— E João sente tristeza cum isso?

— Ele vive feliz, é escravo da mulher que ele ama, então não se sente escravo, ele se vê como meu esposo, não pode se vestir como os brancos, mas se veste como os escravos de dentro de casa, parece não se importar muito com isso!

— E a sinhazinha tá fazendo o que dá vida?

— Eu continuo ensinando as crianças!

— Sinhazinha, será que tô muito véio pra aprendê a lê e escrevinhá?

— Severino, não existe idade para aprender! Vocá ainda quer que eu te ensine?

— Se não existe idade pra aprendê então vo aprendê! Quero sim!

— Severino, antes me responda, você sabe que levando essa vida no campo você usará pouco o novo aprendizado?

— Sei sim sinhazinha, quero aprendê porque quando eu for livre quero lê a carta de alforria com meus próprios zóio!

Sinhazinha se comoveu com meu desejo, com os olhos marejados explicou:

— Não sei Severino, hoje em dia penso que essa conversa de liberdade para os escravos é apenas enganação dos brancos, não acredito muito nisso! — Mas você me ajudou muito, quero retribuir, vou te ensinar a ler e escrever, mas como vamos fazer isso?

Nos calamos por alguns minutos, pensávamos como poderíamos convencer sinhô Belizário a permitir que os escravos aprendessem algo além do duro trabalho na lavoura. Acreditando que era possível tive uma ideia:

— Sinhazinha, iêu te ajudo com o probema de João, em troca a sinhá ensina iêu e os outro escravo a lê e escrevinhá, quero aprendê com meus irmão de senzala! Peça a seu pai, ele vai acha que a sinhazinha tá loca, mas não vai proibí, pra dar as aula a sinhá vai ter que vim na fazenda e vai ficá mais parto dele, ele tem sudadi da fía dele, vai dexá! Pede pra ele que eu ajudo a sinhazinha com João!

— Sua ideia é muito boa Severino, mas não vejo como poderá me ajudar com João!

Com um sorriso matreiro olhei para sinhazinha e expliquei:

— É simpres sinhazinha, iêu te digo! Seu pai tá véio, cansado, já não aguenta mais as briga que antes fazia parte da vida dele. — Ele sente muita farta das fia, vai fica feliz com a ideia da sinhazinha vir mais vez pra fazenda, aproveite e abra seu coração, conte toda verdade! Ele vai briga, se revortá, mas vai acaba aceitando, então sinhazinha vorta pra capitar e traiz João e pede a liberdade pra ele! — Seu pai vai fica muito brabo, mas vai acaba aceitando!

Olhando desconfiada ela confessou:

— Tenho muito medo Severino! E se ele mandar fazer alguma coisa com João?

— Ele tem dois neto que é fio de João! Não vai querê dexá os neto sem pai! — A sinhazinha d'ívia tenta!

Sinhazinha voltou pensativa para casa grande, eu temia a reação de sinhô Belizário, desejava que Cecília e João fossem livres e feliz.

A felicidade dos dois poderia provar as pessoas que brancos e negros podem ter laços, podem andar juntos. E sinhô Belizário teria a oportunidade e cumprir com a promessa que fez anos antes a sinhá

Ana e Cecília quando permitiu que ela namorasse João.

Na mesma noite sinhazinha Cecília se encheu de coragem e contou toda verdade para o pai, a confissão gerou uma grande confusão na casa grande, ouvindo a discussão e os gritos de sinhô Belizário, me arrependi por ter aconselhado sinhazinha, naquela noite dormi preocupado.

No dia seguinte, logo cedo sinhazinha Cecília foi a senzala.

Estendendo a mão com alegria disse:

— Severino, trato feito! Você e seus irmãos de senzala vão ter uma professora! Uma vez por mês virei para fazenda dar aulas, vou ensinar vocês!

Duvidando perguntei:

— E sinhô Belizário deixa?

— Graças a minha mãe que intercedeu, meu pai aceitou assinar a alforria de João e permitiu as aulas, ficarei na fazenda por mais alguns dias para arrumar toda documentação necessária para liberdade de João! Depois volto para capital, em um mês estarei aqui com João!

A moça mal continha a felicidade, eu compartilhava sua alegria, poderia rever meu amigo e aprenderia ler. Com humildade e reconhecimento falei:

— Sinhazinha, quero agradecê por ensiná todos os escravo!

Sinhazinha sorriu e voltou para casa grande, ficaria mais dois dias providenciando os documentos necessários para alforriar João. No final da tarde para nossa surpresa sinhazinha entrou na senzala falando:

— Se reúnam, é hora da aula!

Assustados os escravos se agruparam em um canto, em silêncio olhavam sinhazinha. Com um pedaço de madeira na mão a moça escreveu no chão, em seguida explicou:

— Hoje vamos aprender o b-a-ba! — Vou escrever, depois ler e quero que acompanhem e repitam!

Dessa maneira aconteceu nossa primeira aula, não tínhamos lápis, cadernos ou lousa, escrevíamos no chão. No início alguns escravos se recusaram a participar, não viam utilidade em ler e escrever.

Com animo, fé, empolgação e o coração cheio de certeza eu explicava a todos que precisávamos aprender, pois um dia teríamos em nossas mãos o documento de alforria, e nesse dia poderíamos ler com nossos próprios olhos, minha determinação contagiava todos, e no final a senzala inteira decidiu que aprenderia a ler e escrever para um dia poder ler a carta de alforria.

Um mês depois sinhazinha retornou a fazenda, chegava sem os filhos e João, me contou que decidiu esperar um pouco mais, queria dar tempo para sinhô Belizário se acostumar com a novidade. Com paciência e boa vontade ensinava os escravos, não fazia distinção, instruía todos, idosos, crianças, homens e mulheres. Com alegria nos reuníamos para aprender as lições da sinhazinha, que cheia de carinho cantarolava:

— A, e, i, o, u, ba, be, bi, bo, bu, vamos todos aprender! Soletrando o b-a-ba na cartilha do A, B, C!

Com o passar do tempo aprendemos a formar palavras, alguns conseguiam formar frases, falávamos sem tantos erros, o mais importante era aprendermos o suficiente para ler a nossa carta de alforria.

Em uma sexta-feira ensolarada, a carruagem com sinhazinha chegava mais uma vez na fazenda, no entanto, dessa vez ela chegou acompanhada, trazia um convidado especial.

Sinhazinha desceu da carruagem seguida por um homem muito bonito e bem trajado. Demorei para reconhecer quem estava em sua companhia, meus olhos mal acreditaram quando constatei, era João, parecia um boneco vestido com cartola e roupas de branco.

Quando reconheci meu amigo fui feliz ao seu encontro, vendo que me aproximava ele fez um sinal avisando que logo conversaríamos. Ele sabia que naquele momento a prioridade era enfrentar sinhô Belizário, juntos falariam com os pais de sinhazinha Cecília.

Mais de uma hora se passou até que João saiu da casa grande, e foi direto para senzala, sua visita foi uma alegria para todos nós. Imediatamente o abracei, e nos emocionamos como irmãos que não se viam a longo tempo, lágrimas corriam em nossas faces. Mal

acreditando que revia meu amigo falei com a voz embargada:

— Eu to feliz por te ver João!

— E eu por rever você Severino! — Parece que nunca muda! Não envelheceu nada!

— Pois você parece até mais jovem, sinhazinha deve te cuidá muito bem! Tá parecendo um boneco com essas roupas! Estava acostumado em te ver sem camisa, com calças arregaçadas!

— Severino, meu amigo, sou livre agora! Confesso que me sinto preso nessas roupas! — Para ser sincero com você, gostaria de estar em uma fazenda, não como escravo, mas trabalhando, sendo útil!

João deu uma pausa, respirando pesaroso continuou:

— Você sabe meu amigo, é sinhazinha quem me sustenta, por vezes me sinto envergonhado. Tentei começar os estudos para ser um professor, mas escravos alforriados continuam sendo escravos aos olhos dos brancos, o preconceito é muito grande, não aceitam que os escravos vivam em sociedade! Nunca

poderei avançar nos estudos, Cecília me ensinou ler, escrever, falar corretamente, mas não irei além disso!

— Tô vendo João! Você tá muito mudado, até fala como homem branco! — Você tá feliz?

— Sim, um lado do coração é feliz, pois estou com sinhazinha, mas outro lado se entristece, pois gostaria de estudar, aprender, ser professor, e isso não posso! Em casa faço tudo que posso para ser útil, ajudo Cecília, mas aos poucos o sonho de ser professor morreu, já não existe mais. Não me sinto livre, minha felicidade é estar no coração de Cecília, e a felicidade dela estar em meu coração. — Agora espere, quero que conheça uma pessoa!

João foi até a casa grande e logo voltou com um menino de aproximadamente cinco anos.

— Severino meu amigo! Quero que conheça meu filho mais novo! Pergunte o nome dele!

Olhei para o menino e perguntei:

— Filho, qual é seu nome?

Escondendo-se atrás das pernas de João o menino respondeu sorrindo com a inocência característica das crianças:

— Meu nome é Severino!

João olhou para mim sorrindo, foi um momento de imensa alegria, sinhazinha nunca havia me contado que colocou meu nome em seu filho.

Os filhos do casal Belizário Neto e Severino, nasceram com a pele clara, eram morenos. Para sinhazinha, o nome Severino representava força e liberdade, ela associava o nome a minha força que era descomunal para tudo, desejando que o filho tivesse a mesma característica o batizou com esse nome.

Com o tempo o povo da senzala já tinha aprendido a ler e escrever, as visitas de sinhazinha e João ficaram cada vez mais distantes. Para nós, a vida na senzala continuava a mesma.



Em 1841, o menino Severino estava com dez anos, era uma criança astuta, em suas visitas a fazenda cativava a todos, sinhá Ana sentia grande amor pelo menino, encantava-se com suas brincadeiras, fazia tudo para mimá-lo, sinhô Belizário, por sua vez, rejeitava os meninos, nunca aceitou netos que tivessem

em suas veias sangue de um negro. Com a idade avançada tornava-se cada vez mais ranzinza.

Nessa época eu estava com pouco mais de cinquenta anos, João com cinquenta e quatro e sinhazinha Cecília com aproximadamente quarenta e quatro anos, nós envelhecíamos, e para os negros parecia que a escravidão nunca teria fim.

Eu continuava com Benedita, nossa união se fortificou e desenvolvemos laços de amor, eu chamava minha querida companheira de Benta.

Durante a juventude Benta sofreu várias violências sexuais por parte dos capatazes, quando os abusos resultavam em uma gravidez, a punição era o troco e a chibata que sempre acabavam em abortos espontâneos, com o tempo Benta não pode mais gerar filhos. Dessa maneira nunca nos tornamos pais, a idade avançada e as condições em que vivíamos também colaboravam para que envelhecemos sozinhos. Naquela senzala que trazia tantas histórias de dor e sofrimento éramos o conforto um do outro.

Com mais de sessenta anos eu não pensava em fugir, sonho de liberdade que antes se realizava nas

fugas, agora se resumia na espera pelo fim da escravidão. Eu me sentia velho e cansado demais para me aventurar.

Em um domingo de descanso, sentado ao lado de Benta, olhávamos o lago enquanto lembrávamos dos vários negros que passaram pela fazenda desde que nascemos, então Benta me perguntou:

— Severino, não passa mais por sua cabeça tentar fugir?

— Não penso mais nisso não!

Olhando-me desconfiada ele insistiu:

— Homem, você não tem vontade mesmo? Ou tem medo de que nos peguem?

— Não penso nisso porque estamos velhos, não iríamos muito longe, apesar da idade avançada, nos trabalhos da fazenda ainda somos úteis, então logo que notassem nossa falta iriam atrás.

— Mas e se encontrássemos o quilombo? Teve negros que já conseguiram!

Notando que Benta estava disposta a tentar, senti que algo em meu coração reavivava o desejo de me aventurar mais uma vez:

— Escute Benedita, os riscos hoje em dia são maiores por conta da nossa idade! Mas temos algumas vantagens a nosso favor! Sabemos qual caminho seguir, sei aonde ficam todas as fazendas próximas, então podemos evitar passar perto delas, se pegarmos o caminho que Cumba fez talvez tenhamos alguma chance!

— Então você ainda pensa em fugir não é mesmo?

— Olha negra, eu já nem pensava mais nisso, mas agora parece que o desejo voltou! — Benta, quando se foge não se pode parar, se você quer tentar então tentaremos, mas precisa estar consciente de que podem nos capturar, se isso acontecer sinhô Belizário vai mandar nós dois pro tronco! — Já pensou nisso?

Benta baixou a cabeça pensativa, depois de alguns instantes respondeu:

— Penso que seria a última tentativa! Se nos pegarem o que vão fazer com dois velhos? O máximo que pode acontecer é sermos capturados e sinhô Belizário fazer o que sempre faz, mandar dar vinte chibatadas!

— Está certo Benta! Então vamos embora, vamos tentar uma última vez!

A conversa que começou sem a pretensão de fugir agitou nossos ânimos, começamos a planejar a fuga. No dia seguinte começamos a juntar os alimentos necessários para fuga. Depois das várias tentativas de fuga me tornei especialista em estocar provisões. Dessa vez dei preferência por carne seca, defumados, queijos secos, alimentos que não se estragavam tão rápido, e que duravam mais tempo.

Poucos dias depois tínhamos tudo que precisávamos, e durante a madrugada fugimos.

Iniciamos pelo caminho que Cumba seguiu quando nos despedimos. Se ele conseguiu não era possível que nós não conseguíssemos. Seguimos pela mata, descemos uma ribanceira, andamos a noite toda, dessa vez não corremos, precisávamos poupar energias. Enquanto caminhávamos olhávamos para o céu e conversávamos:

— Sabe Benta, cada estrela dessa no céu é um escravo que morreu!

— É mesmo? E os brancos pra onde vão?

— Esses vão pro inferno!

— Então esse céu só tem preto!

Demos risada, benta suspirou fundo e perguntou:

— E se formos pegos vamos fazer parte dessas estrelinhas?

— Que nada Benedita, sinhô Belizário não é tão malvado para chegar a esse ponto! Ele manda bater forte, mas não mata!

— Severino, por que será que nascemos preto?

— Não sei Benta, acho que demos azar.

Benta calou-se, não fez mais perguntas, eu também me interrogava porque nascemos negros em um mundo onde pessoas como nós sofriam tanto. Não sabíamos nada sobre reencarnação, lei de ação e reação, ou sobre as Leis Divinas e Universais que se aplicam a todos.

O dia amanheceu e nós continuamos a caminhada, andamos o dia inteiro, ao anoitecer resolvemos acampar na mata. Depois de caminhar horas em silêncio Benta falou:

— Acho que não vão vir atrás de nós, deve ser porque estamos velhos, não servimos mais pra eles!



Gostaria muito de concordar com Benta, mas no fundo sabia que não seria tão fácil assim, sinhô Belizário não deixaria uma fuga no esquecimento, tentando disfarçar a preocupação alertei Benedita:

— Eles vão me caçar, não vão deixar barato! Sabem que estamos velhos, que será mais fácil alcançar nós dois, eles vão nos procurar sim! — Benta, o que estamos fazendo é uma tentativa, temos poucas chances! — Agora vamos dormir, pois amanhã caminharemos muito mais.

Benta encostou-se em mim, percebi que ela estava com medo, cansados pelo dia de caminhada logo adormecemos. Assim que amanheceu continuamos a marcha, logo chegamos em uma campina, o lugar era aberto, sem mata, não tínhamos como nos esconder, ao atravessar estaríamos expostos e desprotegidos, nossas opções era retornar ou

enfrentar os riscos. Benta me olhou assustada e perguntou:

— E agora Severino? O que vamos fazer?

— Não temos escolha Benedita, se voltarmos acabaremos chegando em alguma fazenda, precisamos atravessar! — Vamos andar abaixado e o mais rápido que conseguirmos!

Benta concordou e demos início a travessia, a cada passo que dávamos o coração batia mais forte, o medo dominava nossas emoções, ansiosos para alcançar o outro lado andávamos o mais rápido que podíamos, olhei para Benta sorrindo e fiz sinal de que estávamos quase chegando no outro lado, mais alguns passos e estaríamos seguros na mata. Quando faltava poucos metros ouvi:

— Parem agora escravos fujões! Se não pararem vão levar chumbo!

Cumprindo a ordem parei no mesmo momento, consciente de que nossas chances de sucesso eram pequenas, me mantive calmo. Olhei para Benedita, percebi que ela estava apavorada, o rosto

pálido mostrava o arrependimento. Tentando acalmá-la falei:

— Fique calma Benta! Te falei que era difícil! Agora seja forte e prepare as costas!

Os capatazes não fizeram perguntas, sem conversa nos amarraram, jogaram na carroça e seguiram para fazenda de sinhô Belizário. Antes que chegássemos naquelas terras eles já nos aguardavam, estavam avisados de que provavelmente usaríamos o descampado como rota de fuga, Sinhô e Gumercindo conheciam os lugares por onde tentei fugir, foi fácil imaginarem por onde eu seguiria. A viagem foi rápida, eu e Benta não conseguimos ir muito longe, assim que chegamos à fazenda fomos direto para o tronco. Enquanto Benta foi colocada no tronco em pé, eu mais uma vez estava no tronco deitado com o rosto rente ao chão. Não demorou para que sinhô Belizário chegasse, em passos lentos, se apoiando em uma bengala parou e perguntou para Gumercindo:

— Essa negra, é a primeira vez que foge?

— Sim senhor!

— Então pode lhe dar vinte chibatadas e mande de volta para senzala!

Se aproximando de mim olhou com desprezo:

— Agora...esse negro fujão já me deu muito trabalho! Perdi as contas de quantas vezes já fugiu, as chibatadas para ele não resolvem, é sem vergonha e não aprende a lição! —Esse daí já aprontou muito, serviu de guia para negros fujões, encobertou a safadeza de João, é atrevido e não vai criar vergonha nunca! Para ele vinte chibatadas é pouco!

Pensativo parou de reclamar, a idade avançada parecia comprometer seu raciocínio.

Eu me preparava para levar mais açoitadas que Benta, estava conformado, certamente sinhô Belizário mandaria dar quarenta, ou cinquenta chibatadas, aguardava a punição sem falar nada.

Depois de algum tempo Sinhô Belizário continuou:

— Apliquem o castigo na negra! Para Severino o castigo vai ser outro!

Gumercindo iniciou o castigo, Benta suportava as chibatadas com bravura, senti meu coração em

pedaços quando notei que lágrimas desciam sobre sua face. Depois de longos minutos de dor minha querida Benedita foi retirada do tronco. Caída no chão ouviu quando sinhô Belizário sentenciou:

— Agora é a vez desse negro safado! — Para ele as chibatadas nunca serviram de lição, pois hoje aprenderá de uma vez por todas a obedecer e aceitar sua condição de escravo! — Esqueçam as chibatadas, cortem o pé desse safado! Arranquem o pé!

Não consegui acreditar que sinhozinho mandaria cortar meu pé, Benta me olhou apavorada, me senti tomado por um medo que nunca havia sentido antes, atordoadado com a cruel sentença apelei:

— Sinhô Belizário, por favor não faça isso! Eu lhe servi a vida inteira, estou velho, só quero um pouco de descanso e paz!

— Está velho, mas não aprende! Não enxerga que tem minhas iniciais no seu corpo? Você é minha propriedade! Nasceu escravo e vai morrer escravo! — Além de morrer escravo ainda vai morrer sem um pé, será um escravo cotoco!

Nunca senti tanta raiva quanto naquele momento, minha vontade era sair daquele tronco e matar aquele velho. Debatia-me tentando me livrar das correntes que me prendiam ao tronco, dominado por medo e revolta gritava:

— Seu dia vai chegar sinhô Belizário! Seu dia vai chegar!

— Cale a boca seu preto safado! Ainda não aprendeu que palavra de escravo não vale nada! — Gumercindo, faça seu trabalho!

Não adiantou Benta implorar, sinhô Belizário deu as costas e foi embora. Gumercindo trazendo uma peixeira, cordas extras e grossas me amarrou de uma maneira que eu não conseguisse me debater. Olhando-me fixamente nos olhos não demonstrava a mínima compaixão, pegando o grande facão na mão mirou meu tornozelo, com um único golpe certo decepou meu pé.

A dor lancinante e inexplicável me arrancou um grito tão alto que pode ser ouvida nas fazendas vizinhas, no mesmo momento senti o corpo desfalecer, conseguia ouvir Benedita chorando

enquanto segurava minha mão. Sua voz parecia distante, suplicando em prantos ela dizia:

— Me perdoe Severino, eu queria ir com você para um lugar melhor! É minha culpa! Fiz sua cabeça! Fui egoísta! Estou muito arrependida! Me perdoe! Me perdoe!

Desnorteadado e quase inconsciente ainda chorava como nunca fiz em toda minha vida, enquanto Benta me abraçava em pratos avistei que Gumercindo se aproximava novamente, dessa vez trazia nas mãos um ferro incandescente, eu queria gritar, mas não encontrava forças.

Sem aviso o capataz colocou o ferro sobre o ferimento, a intenção era cauterizaria o local e evitar que eu morresse por hemorragia.

O ferro em brasa colocado sobre a lesão me provocou uma dor impossível de ser descrita, só conseguia pensar no inferno, se era verdade que ele existia, os que lá padeciam deveriam sentir essa dor, os pensamentos deram lugar a uma profunda escuridão, perdi a consciência.

Quase sem vida fui jogado na senzala, Benedita se desdobrou em cuidados, algumas horas depois acordei, iniciava-se outra tortura, a dor na perna era insuportável, Benta fazia compressas com ervas, amarrava panos, mas a dor não dava tréguas, sem medicamento, ou qualquer tipo de cuidado médico delirei por vários dias.

Com as ervas e cuidados de Benta aos poucos as dores foram cedendo, quando consegui me sentar na cama, logo fui chamado para retornar ao trabalho.

Ainda fraco e debilitado, aprendendo a me movimentar com apenas um pé retornei ao trabalho. Para conseguir andar improvisei uma muleta, Benta amarrava vários panos no cotoco para proteger da sujeira e evitar impactos, pois cada vez que eu batia o ferimento sentia profunda dor. A idade avançada, a situação insalubre da senzala, os trabalhos forçados, a falta de medicamentos dificultavam a cicatrização, o ferimento demorou muito tempo para se curar.

A dor me acompanhou por um longo período, e junto da dor veio uma imensa tristeza, naquela fase compreendi que, por algum motivo minha vida estava

atrelada a escravidão, de nada adiantava tentar fugir, só me restava a resignação e a completa rendição.

Disse-lhe Jesus: "Eu sou a ressurreição e a vida.
Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e
crê em mim, não morrerá eternamente. Você crê nisso?"

João 11:25-26



CAPÍTULO V

A Morte visita a casa grande

Cinco anos depois sinhô Belizário adoeceu muito, com pouco mais de oitenta e seis anos sentia o peso da idade. As filhas foram avisadas sobre o estado do pai, mas antes que chegassem à fazenda, durante a noite o homem teve um acidente vascular cerebral, desencarnou sem conseguir se despedir das filhas.

Poucas horas depois a casa grande encontrava-se cheia, as filhas, netos, e vários parentes circulavam pelo lugar tecendo os mais variados comentários.

Me aproximei da casa e consegui olhar pela janela, avistei sinhô Belizário no caixão e relembrei os vários anos que vivemos sobre suas ordens, em silêncio refleti:

— Já vai tarde! Vaso ruim não quebra mesmo! Esse demorou para morrer! — Por que não sinto felicidade ao vê-lo no caixão? Por que será que sinto tristeza? Para onde será que ele foi? Será que foi para o inferno? Não importa! Esse não vai mais torturar ninguém!

Confuso com meus próprios sentimentos fechei os olhos e fiz uma oração que senti sair do coração:

— Jesus Cristo, você ouviu eu? Sou Severino, escravo desse homi que morreu, quero pedi que o senhor cuide dele, ele fez muita coisa ruim pra muitas pessoa, mas fez porque era ignorante, ele não sabia que causava tanta dor!

Durante o velório os escravos se reuniram do lado de fora, de longe observavam a movimentação na casa grande. As escravas da casa nos contaram que Sinhá Ana não derramou uma lágrima, não sentia tristeza, os anos na companhia de sinhô Belizário lhe renderam muitos desgostos e sofrimentos, que se transformaram em raiva e mágoa. Com o coração endurecido não conseguia chorar ou sentir tristeza pela morte do marido. Passou os últimos anos cumprindo com seu papel de esposa, não sentia nada, nem amor e nem ódio, apenas indiferença.

Na sala da casa Didi passeava com a bandeja oferecendo cachaça e quitutes aos convidados, sinhá Ana e as filhas conversavam com os parentes, e eu

olhando de fora ficava me perguntando se sinhô estava morto mesmo, algo em mim duvidava que ele havia acabado. Aquela dúvida tirava meu sossego, resolvi chamar Didi para conferir se sinhô estava morto de verdade. Assim que o rapaz se aproximou perguntei:

— Didi, eu fio, será que esse véio tá morto mesmo?

— Acho que sim! Sabe Severino, mesmo sabendo que era meu pai eu não sinto nada! Ele maltratou tanto nosso povo que não consigo sentir amor!

— Didi, eu acho que ele ainda está vivo! melhor não falar mal dele!

Enquanto conversávamos Pedrinho se aproximou para participar da conversa, sabendo que o menino era impetuoso falei:

— Pedrinho, pega esse pedaço de pau e vai lá e bate no véio! Faiz isso para ver se ele está morto mesmo!

Pedrinho pegou o pedaço de pau que eu usava para me apoiar e perguntou:

— Se eu fizer isso ganho o que?

— Ganha nada! Vai lá menino!

Parado e pensativo ele olhava para o pedaço de pau, vacilando, antes de ir comentou:

— Sinhô Belizário tá cheio de flores em cima, tá até cheiroso!

— Claro que está cheiroso menino! Se está coberto de flores é claro que deve estar cheiroso! Agora vá lá! Vamô ter certeza que tá morto!

E Pedrinho foi sem titubear, entrou na sala com o pedaço de pau e bateu no caixão, todos se assustaram com a atitude do menino, uma das parentes falou indignada:

— Mas o que esse negrinho está fazendo?

Pedrinho sem pensar respondeu:

— Estou vendo se meu pai tá morto mesmo!

A mulher colocou as mãos no rosto demonstrando o espanto, com voz gaguejante exclamou:

— Mas que atrevimento desse negrinho!

Sem permitir que continuassem humilhando Pedrinho, sinhá Ana tomou frente da conversa:

— Pois saibam todos que esse ne-gri-nho é filho de Belizário, e não é o único! — Didi que está servindo a todos, também é filho dele! E ainda tem mais, esses são os que ele assumiu, ainda tem muitos outros que ele obrigou que as escravas abortassem! Esse era o Belizário, homem que batia e abusava das escravas!

As pessoas se calaram, um silêncio sepulcral pairou sobre a sala.

Pedrinho muito do arteiro quebrou o silêncio, esticando a mão para a mulher falou sorrindo:

— Sua benção madrinha!

A mulher sentindo-se extremamente ofendida deu as costas reclamando:

— Eu não sou madrinha de preto!

Pedrinho estufou o peito falando:

— Pois a senhora saiba que eu também não sô afilhado de branco!

Ninguém acreditava na cena que se desenrolava na casa grande. Sinhá Ana decidida a mostrar a verdadeira personalidade do marido continuou a narração:

— Estão assustados? Pois digo mais, esse homem que pregava a moral e bons costumes cristãos, além de abusar de várias escravas, fazê-las abortar seus filhos, ainda sentia prazer em mandar chicotear os escravos, proibia que ajudássemos esses miseráveis, até mandou decepar o pé de um escravo idoso porque o pobre tentou fugir das suas maldades! — Esse homem foi um verdadeiro demônio! — Peço a que Deus que tenha piedade dessa alma e o conduza para um bom lugar!

Sinhazinha Cecília intercedeu, levando a mãe para um canto pediu que se acalmasse, os parentes continuavam em silêncio.

O que ninguém imaginava era o que acontecia com sinhô Belizário naquele momento. Jamais passaria por nossas cabeças que o homem, assim que desencarnou, ainda inconsciente, foi arrastado por entidades malignas que admiravam escravizadores, satisfeitos com mais um cooperador pretendiam aproveitá-lo no domínio de irmãos mais fracos, em seus vários anos na terra sinhô Belizário mostrou que sabia como escravizar aqueles que ficaram sobre sua

tutela, agora estava entre aqueles que partilhavam dos mesmos pensamentos.

Algumas horas mais tarde, eu, Didi e João estávamos sentados na escada que ficava na porta da casa grande, conversávamos baixinho quando uma senhora se aproximou falando:

— Pobres negros, estão chorando a morte do seu sinhô!

Didi olhou para mulher e respondeu:

— A senhora não blasfeme assim! Olhe e veja se tem lagrimas em nossos olhos! Esse velho já foi tarde!

A mulher se retirou as pressas, os acontecimentos do velório pareciam inacreditáveis, ficariam por muito tempo na memória das pessoas.

Aproveitando que Didi tinha acesso aos quitutes da casa, com jeitinho pedi:

— Didi, meu fio, bem que você podia trazê pra nós um pouquinho desses quitute que tão sendo servidos no velório! — Parece tão gostoso!

— Severino, não posso! O velho morreu, mas os capatazes estão de olho!

— Deixa disso Didi, agora você é o dono de tudo isso aqui!

Didi sorriu balançando a cabeça:

— Tá bem Severino! Vou ver o que consigo!

Sinhá Ana caprichou tanto nos quitutes, que o velório parecia uma festa, tudo servido em abundância, os parentes e amigos aproveitavam a fartura e do lado de fora os escravos conversavam e riam descontraídos.

Era tarde da noite quando voltei para senzala, podíamos ouvir o alvoroço na casa grande, ninguém conseguia dormir. Pouco tempo depois Didi chegou, trazia nas mãos um pano com vários quitutes, os escravos ao verem as guloseimas se reuniram em volta do rapaz como abelhas no mel. Didi tirou os sapatos e sentou-se com seus irmãos, feliz aproveitava aquele momento que nunca mais teve desde que foi para casa grande. Pedrinho que também participava da confraternização começou a contar como aconteceu a morte de sinhô Belizário, entre mímicas e gracejos arrancou risos dos escravos. A noite na senzala se resumia em alegria, todos estavam de barriga cheia,

aliviados com o fim dos castigos imposto por sinhozinho.



No dia seguinte seguiu o cortejo para o enterro, cercado de pompas a carruagem que levava o caixão era guiada por quatro cavalos pretos, na frente uma bandinha, e atrás as pessoas em passos lentos e lamentações. Durante o trajeto percebi que na estrada havia uma entrada para a mata, em minhas fugas nunca havia me aventurado por aquele caminho, por um momento pensei que se tentasse aquela rota talvez encontrasse o quilombo, mas logo o pensamento se desfez, depois que perdi o pé não me interessava mais pelas fugas, a idade avançada me trouxe sabedoria para aceitar minha condição de escravo. Logo esqueci do lugar e continuamos nosso trajeto.

Sinhá Ana caminhava de cabeça baixa, reflexiva murmurou:

— Poderia ter sido tão diferente! Não entendo o que levou esse homem a ter tanta amargura no coração!

Após o enterro todos voltaram par suas casas, os escravos retornaram ao trabalho. No final da tarde sinhazinha Cecília foi até a senzala, assim que me viu chamou:

— Severino! Como você está? Não consegui conversar com você antes. — Me parece que você não ficou triste?

— Não fiquei mesmo! Olhe para esse cotoco! Ele tem um nome, se chama Belizário!

Olhando para minha perna amputada, o rosto de Cecília se entristeceu:

— Eu não consigo acreditar que ele mandou fazer isso!

— Sinhazinha, acredito que sinhô Belizário passou anos acumulando a raiva que sentia pelos escravos, ele nunca aceitou sua união com João, não se conformou com Pedrinho, Didi e Zulmira na casa grande, nossa fuga foi uma oportunidade para ele extravasar todo ódio acumulado que guardou no coração!

— Severino, você não vai tentar fugir de novo não é mesmo?

— Não vou não sinhazinha, estou cansado e velho demais! E por que João não veio?

— Achamos melhor que ele ficasse em casa com as crianças, sua presença só causaria ainda mais comentários desagradáveis.

Alguns dias após a morte de sinhô Belizário, sinhazinhas Cecília e Beatriz voltaram para capital, no final da mesma tarde sinhá Ana mandou que Gumercindo reunisse todos os escravos e capatazes. Quando estávamos todos em frente à casa grande ela pronunciou as mudanças que aconteceriam na fazenda:

— Quero que todos ouçam com atenção! Belizário o dono dessa fazenda já não está entre nós, de hoje em diante as coisas por aqui serão diferentes! A lei da chibata acabou, não haverá mais castigos e surras, mas isso não significa que estão livres! — Não posso dar a alforria para todos, pois existem questões políticas que determinam isso, e mesmo que os deixem ir embora, em pouco tempo cairão nas mãos de outros fazendeiros e voltarão a ser escravos. É melhor que fiquem aqui, permitirei que usem parte das terras para

construírem suas casas e fazer suas próprias plantações, poderão trabalhar, constituir família.

Todos ficaram surpresos com as novas regras, após uma pausa sinhá Ana continuou:

— Dentro dessa fazenda serão livres, os troncos serão derrubados, e proibirei que qualquer capataz use a chibata para castigá-los, mas deverão trabalhar para o sustento de todos nós! — — Trabalhem por vocês, pelos outros e por mim, precisaremos manter essa fazenda! Compartilharemos tudo, pois somos iguais perante os olhos de Deus! — Conto com a ajuda de vocês para conseguir mudar as coisas por aqui, precisarei de trabalhadores dignos e corajosos, a situação da escravidão ainda vai demorar para mudar, precisamos uns dos outros! Juntos e unidos seremos fortes e conseguiremos viver em paz! Que Deus os abençoe! Voltem a seus afazeres e realizem um bom trabalho para o bem e felicidade de todos nós!

O ano de 1856 foi maravilhoso para os escravos, o melhor que tivemos em nossas vidas, fizemos roças para nosso sustento, construímos

pequenas casinhas de madeira e barro, que apesar de muito humildes eram melhores que a senzala, nossa alimentação melhorou, os capatazes nunca mais usaram a chibata, os troncos foram derrubados, ainda carregávamos nos pulsos as algemas de ferro, essas ainda demorariam muito tempo para serem abolidas, mas a vida era muito melhor, eu e Benta conseguimos um cantinho nosso, um pequeno casebre que arrumamos com o pouco que conseguimos, era muito mais do que imaginamos em toda nossa vida.

A senzala continuou em pé, se tornou um espaço de confraternização para os momentos de folga, e às vezes era usada para prender aqueles que tentavam fugir, pois sempre havia algum escravo insatisfeito. Aquele foi um período de glória, tudo prosseguia com tranquilidade e a paz reinava na fazenda.

Tudo caminhava bem, mas nossa alegria não duraria muito, sem que esperássemos sinhá Ana desencarnou subitamente, com setenta e seis anos teve uma parada cardíaca enquanto dormia; as escravas a encontraram na cama sem vida.

A morte de sinhá Ana trouxe tristeza para todos, ela havia permitido que os escravos tivessem paz.

As filhas foram avisadas às pressas e logo chegaram à fazenda, dessa vez João acompanhava Cecília. O velório feito na sala da casa grande, mais uma vez reuniu várias pessoas.

João nem entrou na casa, a família não aceitava um negro como parente, para evitar mais tristeza para sinhazinha Cecília ele decidiu aguardar do lado de fora, sentado na carruagem assistia o velório de longe. Assim que avistei meu amigo fui cumprimentá-lo, mas antes que falasse João se antecipou:

— Bom dia Senhor Severino, como estas Vossa Graça?

João estava mais mudado que nunca, tentando respondê-lo a altura fiz o possível para dar uma resposta elegante:

— Bom dia Senhor João! Eu sou um homem sem graça!

Olhando-me seriamente João desmanchou-se em uma grande gargalhada, sorriamos juntos enquanto

nos abraçamos saudosos, tentando controlar o riso e mudar o tom da conversa João falou:

— Severino, você é mesmo um arteiro! Veja o quanto aprontou! Tanto fez que até perdeu um pé! Como você faz para trabalhar agora?

— Agora faço trabalhos mais leves, fico na horta, tiro leite, sinhá Ana disse que um dia não vou mais precisar trabalhar.

Abraçados, em clima de amizade sincera descemos o barranco que levava até a senzala, João queria rever os amigos, conversando com os negros logo notou que todos lamentavam a morte de sinhá Ana, para homenageá-la, nós e mais quarenta escravos nos unimos de mãos dadas em volta da casa grande, e juntos oramos por Sinhá Ana, em seguida, de cabeça baixa voltamos para nosso lugar.

Retornando para senzala passamos pelos capatazes, me esquivando do grupo consegui me esconder perto o suficiente para ouvir a conversa de Gumercindo com um de seus companheiros:

— Essa Sinhá era como Deus para esses pretos! Você sabe, também viu, pelas costas de sinhô

Belizário dava tudo que podia para eles! Se sinhozinho soubesse apostou que teria dado na cara dela!

— Dava nada! Ele tinha receio da mulher, temia que ela contasse para todos que ele teve que assumir os dois negrinhos dentro da casa grande! Ele era macho com os escravos, dentro de casa era bem diferente!

Gumercindo balançava a cabeça indignado enquanto falava:

— Eu surpreendi sinhá dando comida para eles várias vezes! Era sobras de carne de porco, para fazerem o ensopado, bolos de fubá, pães.

— Eu também vi! Muitas vezes peguei eles levando bolo de fubá embaixo dos trapos velhos! Pode isso? Eu nunca ganhei um pedaço de bolo de fubá! O muquirana do Belizário nunca me deu nada! Depois que o velho morreu eu não aguentava olhar para cara dessa sinhá e desses pretos, tive que suportar a proteção dela com essa gente! Se ela gosta de preto problema dela, eu não gosto! Ela não tinha o direito de obrigar os capatazes a respeitar esses sujos!

— Concordo com você! Ela praticamente obrigou que respeitássemos esses pretos! Só continuei na fazenda porque preciso do trabalho! Te contei que até queijo ela dava pra esses miseráveis?

— Sério? Queijo mesmo?

— Sim! Queijo branco que ela mesmo fazia!

— Agora entendi! Então é por isso que aquele preto velho vivia levando galões de leite para ela! Mesmo sem um pé ele dava um jeito de colocar o tonel de cinquenta litros nas costas e carregar até a casa grande, e ainda fazia com alegria! Era por puro interesse, para você ver como são expertos esses pretos!

Gumercindo que encontrou no companheiro um ombro amigo, desabafava, colocava para fora todo ódio que guardou durante os vários anos de trabalho na fazenda, inconformado falava:

— Você não vai acreditar nessa! Uma vez peguei esse mesmo preto com algo estranho dentro das calças, quando perguntei o que ele escondia, o safado me respondeu rindo, disse que eram suas ferramentas de homem, que aquele volume era normal

nos negros, pois eles sempre foram mais avantajados que os brancos!

Espantado o homem olhou incrédulo para Gumercindo:

— E você não fez nada para se certificar?

— Queria que eu fizesse o que? Abaixasse as calças do preto para ver? Sinhá na estava olhando de longe! Não pude fazer nada! Mas até hoje tenho certeza de que ele escondia queijo nas calças. — Por mim acabava com todos esses pretos!

Fiquei ouvindo a conversa dos capatazes por um tempo, depois voltei para senzala, eram pobres ignorantes, odiavam os negros porque nossa pele era escura, sequer reparavam que eles não eram brancos, vinham de uma mistura de raças, eram filhos de índio com portugueses, só porque tinham a pele um pouco mais clara sentiam-se superiores. Aproveitavam-se de nossa condição para extravasar aquilo que carregavam no coração, o prazer de torturar, não faziam isso por dever, mas sim porque gostavam.

Hoje compreendo que ninguém tem o direito de castigar um irmão somente pela diferença de raça,

somos todos iguais, filhos de Olorum, o Todo! Fazemos parte Dele, Ele se manifesta igualmente em todos como Centelha Divina, Energia, Consciência Divina, Luz Infinita.

Mais tarde voltei para perto da casa grande, olhava o velório de longe, na sala, sinhazinhas Cecília e Beatriz, Pedrinho e Didi, juntos choravam como irmãos, os meninos tinham a sinhá como uma mãe, ela sempre foi afetuosa e carinhosa com todos.

Enquanto isso os familiares cochichavam pelos cantos, queriam saber por que os escravos choravam tanto a morte da sinhá:

— Acho que choram de felicidade porque ela morreu! Soube que ela mandava castigá-los!

— Não me parece felicidade, vejo tristeza!

— Mas vão chorar por quê? São apenas serviçais, são escravos! E desde quando escravo tem sentimento?

— Você não sabe? A história desses dois negrinhos é diferente! Belizário engravidou a mãe deles, uma das escravas até morreu no tronco, e Ana parece que resolveu acolhê-los!

E assim os buchichos seguiam de canto em canto na sala.

Era madrugada quando fui até a porta da casa grande, me apoiando em meu cajado improvisado chamei Didi. Logo que me viu ele veio às pressas:

— Severino, não percebe que está cheio de brancos aqui? — Fale, o que você quer?

— Tô vendo que tá cheio de branco, mas tem preto também! Vamos sentir muitas saudades, quantas coisas boas ela fez pra nós! — Como estão as coisas por aí?

— Os brancos cansaram, estão todos sentados de cabeça encostada um no outro, alguns estão até dormindo, outros foram embora. —O que vai ser do nosso povo Severino? Os capatazes parecem leões! Eu vou continuar meu trabalho como criado dentro da casa grande, mas não sei o que vai acontecer!

Olhávamos o caixão de sinhá Ana, pensativos nos perguntávamos o que aconteceria.

Notando que Didi segurava uma bandeja perguntei:

— Essa cachaça que você está servindo, será que não pode dar um pouco para mim? Também quero ficar acordado! — Antes de morrer sinhá não fez nenhum queijo?

— Severino, se ela soubesse que ia morrer provavelmente teria feito queijo! Vá até a cozinha e veja se acha algum queijo por lá. Melhor! Espere que eu mesmo vou buscar!

Antes que Didi fosse para cozinha perguntei:

— Didi, se eu entrar para dar uma última olhada na sinhá será que vão me ver?

— Acho que não, até os capatazes já foram dormir. — Espere eu voltar com seu queijo e depois pode entrar.

Poucos minutos depois Didi me trouxe o queijo e um copo com cachaça, sentei na escada em frente a porta e saboreei a pequena regalia, quando terminei entrei na sala, com passos lentos me aproximei do caixão, sentia muita tristeza, olhei seu rosto, tive a impressão de que ela retribuía o olhar com tristeza, por um instante pensei ter visto um leve sorriso em seu rosto, então sorri com gratidão, e com

muito carinho coloquei minha mão direita sobre sua frente e agradeçi:

— Sinhá, tenho grande amor pela senhora! Agradeço os bolos de fubá, os queijos, que Deus ilumine seu caminho!

Ao terminar de falar tive novamente a impressão de ver um leve sorriso em seu rosto, dessa vez me concentrei, envolvido pelo sentimento de amor e gratidão acariciei seu rosto, olhei mais alguns segundos e fui embora, retornei para senzala feliz, pois achei ter visto uma lágrima saindo de seus olhos, e um sorriso em seus lábios.

Fiquei tão impressionado com a expressão no rosto de sinhá Ana que pouco tempo depois retornei a casa grande, corri contar para Didi o que tinha acontecido, rindo e balançando a cabeça ele me explicou:

— Sabe o que acontece Severino? É que o espírito fica dentro do corpo esperando o dia em que Jesus voltará para fazer o grande julgamento, dizem que é o dia do Juízo Final. — Ela deve ter ouvido você!

— Mas que besteira Didi! O dia que ocê morrerê Deus vai é te julgar porque você ficava espiando as negras tomando banho no rio!

— Então ele vai julgar você também Severino, pois você também espiava!

— Didi, meu fio! Até parece que Deus vai ficar olhando para essas bobagens!

Eu e Didi ríamos, passamos algum tempo falando sobre a morte, o pouco que sabíamos era sobre aquilo que ouvíamos falar, não frequentávamos igrejas, não tínhamos instruções, então nossas hipóteses nasciam em cima das poucas coisas que escutávamos.

Já era muito tarde quando voltei para senzala, o lugar estava vazio, fui até minha casinha onde Benta dormia profundamente, me deitei e logo peguei no sono.

Logo o galo começou a cantar e todos se levantaram, dessa vez os escravos não puderam acompanhar o cortejo, os capatazes convenceram sinhá Beatriz de que não era certo um bando de negros seguirem o caixão, quando colocavam o caixão

em cima da carruagem, dei um último aceno para sinhá Ana, consegui ouvir um branco comentar:

— Esses pretos apanharam tanto que ficaram loucos!

Sinhá Ana partiu deixando grande saudade entre os escravos.



Terminado o enterro as sinhazinhas me chamaram, assim que me aproximei sinhá Beatriz explicou:

— Severino, temos que ir embora, voltaremos em um mês. Demos ordens a Gumercindo para que cuide de tudo, proibimos todos os capatazes de qualquer tipo de punição!

— Tá bem sinhazinha, espero que cumpram suas ordens!

Sinhazinha Cecília me abraçou dizendo:

— Ficaré tudo bem, em breve voltaremos.

Assim que partiram os capatazes se apresentaram, reuniram todos os escravos para avisar que não aceitariam qualquer tipo de insubordinação. Agrupados pareciam feras olhando sua presa. No

mesmo dia voltamos para o trabalho, logo percebemos que seríamos comandados por mãos de ferro, ignorando completamente as ordens de Cecília e Beatriz os capatazes aproveitaram-se da oportunidade, por qualquer motivo o chicote cortava as costas dos escravos todos os dias.

Um mês se passou e sinhazinha Cecília retornou acompanhada de João, assim que chegaram foram me procurar, contei tudo que acontecia em sua ausência, inclusive as ameaças dos capatazes caso alguém contasse o que faziam. Com tristeza nos olhos ela me pediu:

— Severino, por favor, tenha um pouco de paciência, logo resolveremos essa situação.

João que acompanhava a conversa, e sabia como era nossa vida, se manifestou revoltado:

— Esses capatazes são lobos em pele de cordeiro! Batem porque gostam de bater! Precisamos fazer alguma coisa!

Sinhá Cecília olhou para o marido sem saber o que fazer, buscava em sua mente uma solução para o

problema, no entanto, naquele momento não podia fazer nada.

— João, sei que não quer ver seus irmãos sofrendo, mas precisamos voltar para capital, logo encontraremos uma maneira de ficar definitivamente na fazenda ou alguém de confiança que possa cuidar de tudo.

No dia seguinte João e sinhá Cecília partiram, mais uma vez os escravos ficavam nas mãos dos capatazes, não tínhamos escolha, só nos restava vê-los partir e rezar para que voltassem com uma solução.

E no próximo mês sinhazinha Cecília voltou, dessa vez mostrei a ela minhas costas cheias de marcas:

— Sinhá, me batem porque sou lento, não consigo ser mais rápido só com um pé!

Benta que estava junto acrescentou:

— Batem sem piedade, e para piorar Severino é bocudo, ainda responde! — Eu já falei para ele, por que faz isso? Não vê que está velho, não pode enfrentar os capatazes! Suas costas já estão brancas de tantas cicatrizes, cortes profundos!

Sinhá Cecília ouvia tudo com lágrimas nos olhos, angustiava-se por não conseguir solução imediata para o problema, visitava a fazenda todos os meses, mas não conseguia conter os capatazes.

Benta me alertava, estava certa, mas seus conselhos não davam muitos resultados, eu continuava enfrentando os capatazes, e cada vez que respondia apanhava mais.

Passou-se um ano até que sinhazinha Cecília voltasse com uma solução, ela e João não podiam sair da capital, mas a irmã aceitou mudar-se para fazenda, Sinhá Beatriz cuidaria da propriedade.

Sinhá Beatriz era uma mulher geniosa, queria tudo na hora ou se irritava, colocava medo em todos nós, apesar do temperamento forte não permitia que batessem nos escravos, sua chegada finalmente nos trouxe um pouco de sossego.

O tempo passou, e sinhá Beatriz tocava a fazenda com a ajuda dos escravos e dos capatazes. Nessa época eu estava com mais de setenta anos, voltando da horta avistei sinhá parada na porta

olhando a paisagem, aproveitando a oportunidade parei para perguntar:

— Bom dia sinhá Beatriz! A senhora não quer que eu traga um galão de leite?

— Um galão de leite? O que vou fazer com tanto leite Severino?

— É que eu sempre trazia um galão de leite para sua mãe!

— E o que minha mãe fazia com tanto leite?

— Ela fazia um negócio branco, esqueci o nome, mas é bom demais!

— Coisa branca? Já sei! Deve ser queijo, mamãe fazia ótimos queijos!

— Isso mesmo! É queijo, sua mãe sempre fazia queijo pra nós! — Que coração bom tinha aquela mulher! A senhora sabe, sempre que ela me dava queijo eu fazia tudo que ela me pedia! — Vejo em seu coração que a sinhazinha é tão boa quanto a mãe, tem coração de ouro!

— Está bem Severino, pois então me traga o leite, vou fazer o queijo!

Eu não perdi tempo, fui direto para leiteria, mesmo com a idade avançada e sem um pé, dei um jeito e consegui colocar o galão nas costas, me apoiando com o cajado, em passos lentos, levei o galão para sinhá. Assim que entreguei o leite ela correu preparar o queijo.

Dois dias depois, no final da tarde sinhá Beatriz entrou na senzala, toda envaidecida abriu um pano branco com meia dúzia de queijos, olhando para os escravos falou:

— Olhem o que eu trouxe para vocês! Se mamãe fazia, então eu também posso fazer, isso é queijo!

Com humildade e doçura eu consegui mexer com os sentimentos de sinhá Beatriz, aquela mulher braba que só reclamava sentiu no coração o desejo de ser tão boa quanto sua mãe. Falando de sinhá Ana acabei mexendo em sua vaidade, isso fez com que fizesse mais queijo do que eu esperava.

Olhando para grande quantidade de queijos temi que os escravos falassem algo que entregasse minha mentira, pois na realidade Sinhá Ana fazia

queijo para casa grande, me dava um pequeno pedaço vez ou outra, nunca fez queijo especialmente para os escravos. Os negros se entreolhavam sem entender, temerosos não comentaram nada, apenas pegaram o queijo e começaram a divisão, cada um recebia um pedaço e aguardava.

Sinhá Beatriz, ansiosa, aguardava que os escravos comessem e aprovassem seu feito.

Quando todos estavam com sua parte, os negros olharam o pedaço de queijo, e antes de dar a primeira mordida, em coro falaram:

— Queijoooo!

Sinhazinha Beatriz surpreendida com a cena me olhou assustada, se aproximando me interrogou:

— Severino, o que é isso? É normal?

Mal sabia ela que a maioria dos negros havia comido o tal queijo apenas uma vez, justamente quando eu entendi mal a explicação de sinhá Ana e fiz todos pensarem que para comer o queijo era necessário um ritual. Desejando que sinhá Beatriz voltasse logo para casa grande evitei comentários, apenas disse:

— É normal Sinhazinha, é uma tradição!

Ela me olhou mostrando estranheza, balançando a cabeça em sinal de incredulidade voltou para casa grande, enquanto isso, nós saboreávamos o queijoooo.

Com a paz e o sossego que sinhá Beatriz mantinha na fazenda, a senzala se transformou em um lugar de amor onde nos reuníamos para compartilhar bons momentos, confraternizar, ocasiões em que sempre lembrávamos de Sinhá Ana com carinho e gratidão.

Aos poucos conquistei a confiança de sinhá Beatriz, um dia conversando sobre os anos de história que aquelas terras registraram, não demorou para que lembrássemos de sinhá Ana e seus deliciosos bolos de fubá. Sabendo que sinhá Beatriz era vaidosa, mais uma vez apliquei meu método para conseguir um bolo para mim e meus irmãos. Com a voz pesarosa falei:

— Que saudade tenho de sinhá Ana! Ela fazia bolo de fubá pra nós, era tão gostoso! Sempre que ela pedia eu trazia tudo que precisava pra fazer o bolo, um

saco de milho triturado, leite, ovos. — Como era bondosa aquela mulher!

Ela apenas balançou a cabeça concordando, não demorou muito me dispensou, retornei para o trabalho, mas antes pude ver que sinhá Beatriz correu para os cadernos de receita. Algumas horas depois foi para fazenda vizinha pedir ajuda para fazer o bolo, sinhá Ana não tinha anotado a receita, pois guardava em sua memória. No final da tarde sinhá Beatriz desceu até a senzala para mostrar a todos o bolo de fubá que fez para nós.

Com o tempo eu e sinhazinha Beatriz desenvolvemos laços de amizade, passávamos horas conversando, um dia ela me olhou desconfiada e perguntou:

— Severino, minha mãe fazia todas essas comidas e dava escondido para vocês?

— Sim, se o seu pai soubesse nós iríamos para o tronco.

— Mas ela fazia queijo, bolo, pão para vocês?

Querendo escapar da conversa, disfarçando, perguntei:

— O que é isso que a Sinhazinha tem na mão?

— É um caderno de receitas.

— Posso ver?

Ela me deu o caderno, eu abri e comecei a ler a receita de bolo de coco. sinhá Beatriz colocou a mão na boca espantada, impressionada me perguntou:

— Como é que é? Mas que diabo é isso? Você sabe ler?

— Sei sim sinhazinha! Sua irmã ensinou eu e todos os escravos a ler e escrever!

— Mas o que vocês tem na cabeça? Aprender a ler e escrever para que, se não vão usar?

— Porque quero ler minha carta de alforria em voz alta! Vai que depois de livre algum capataz tenta de pegar! Precisarei ler pra ele!

Ela me olhava enquanto balançava a cabeça de um lado para o outro, com olhar malicioso ela comentou:

— Vocês são muito inteligentes mesmo! Tem capacidade até para aprender a ler e escrever! Hoje em dia vejo que a única diferença em vocês é a cor da

pele, e a ótima capacidade de manipular as pessoas!
Não é mesmo senhor Severino?

Mais que rápido fechei o livro de receitas e devolvi, disfarçando pressa falei:

— Esqueci que tenho que fazê uma coisa!
Melhor volta pra senzala! Inté mais sinhá!

Enquanto descia o morro olhei para trás, vi Sinhá Beatriz na porta dando risada, percebendo que ela sabia das minhas mentiras, acenei sorrindo enquanto gritava:

— Se um dia a sinhazinha fizé bolo de coco chama iêu pra compartilhar!

Ouvi a grande gargalhada de sinhá Beatriz, enquanto isso eu corria para meu canto.

Apesar dos risos de sinhá Beatriz, ainda sim passei o resto do dia preocupado, achei que ela nunca mais faria nada para nós. Nunca pensei que ela sabia das minhas mentiras e manipulações.

Para minha surpresa, a noite ela desceu na senzala, trazendo nas mãos um grande bolo de coco que deu para os negros, ela me olhou com carinho e falou:

— Escute Severino, não precisa me contar histórias para ganhar as coisas! Sempre dividirei com vocês! Afinal, sou uma ótima cozinheira! Quando quiser comer algo me peça, se eu puder farei.

— Me desculpe sinhá, não queria fazer coisa errada, achei que falando das coisas que sua mãe fazia a senhora também ia fazê pra nós, não foi por maldade não!

— Eu sei Severino, nunca percebi maldade em seus olhos, pelo contrário, o que sempre reparei foi muita ternura e amor, sei que você só queria comida para dividir com seus irmãos. Não se preocupe mais com isso!



No ano de 1866 a fazenda passou a enfrentar sérios problemas de ordem financeira.

Após a morte de sinhô Belizário quem cuidava da administração era sinhá Ana, mas essa não tinha experiência, foi então que o declínio começou.

Com sua morte a propriedade ficou nas mãos dos capatazes por mais de um ano, Gumercindo e Tenório sabiam como dar continuidade ao trabalho de

sinhô Belizário, no entanto, pouco se importaram com as finanças, sua diversão era maltratar, perseguir e torturar os escravos.

Quando sinhá Beatriz se mudou para a fazenda a situação era caótica, sem muita experiência ela começou o trabalho na tentativa de reerguer os negócios, queria dar continuidade aos negócios que por anos seu pai fez prosperar, contudo, a tarefa não era fácil, sinhô Belizário sempre teve faro para os negócios, investia em vários seguimentos ao mesmo tempo, o café e a agropecuária eram os meios principais, mas ainda fazia rodizio nas plantações, cultivava milho, cacau, comprava e vendia escravos, mantinha um bom fluxo nas ofertas da fazenda. Apesar do empenho de sinhá Beatriz ela não tinha as mesmas habilidades que o pai, os tempos de auge da fazenda nunca voltaram, a propriedade mantinha-se bem, mas os lucros eram baixos se comparados a época de sinhô Belizário. A maioria dos negros da fazenda eram idosos, não conseguiam dar conta dos trabalhos pesados, sinhá não tinha condição de investir em novos escravos, então tocava os negócios com o

que tinha. Muitas vezes ouvi seus desabafos, ela se entristecia por não conseguir tocar a propriedade com a mesma maestria com que o pai sempre teve.

Os escravos da fazenda viviam alheios a esses assuntos, mas percebiam a diferença, a fazenda não era a mesma, o lugar antes festivo, cheio de convidados ilustres, por onde desfilavam carruagens e cavalheiros elegantes, agora se tornava um lugar esquecido. As únicas visitas que apareciam na fazenda eram de sinhá Cecília e João com as crianças, que agora já estavam grandes.

Em uma dessas visitas sinhá Cecília chegou sozinha, assim que avistei a carruagem peguei meu cajado e fui o mais rápido que pude para recebê-los, rever meu amigo João era sempre uma grande alegria.

Assim que sinhá desceu da carruagem perguntei:

— Como vai sinhazinha? Veio sozinha? Onde está João?

— Olá Severino, dessa vez João não veio!

— E por que ele não veio?

— Ele não veio porque está doente!

— Que doença ele tem? Sinhazinha, me diga!
Meu amigo está bem?

— Contraindo uma doença dos brancos, preciso entrar Severino, mais tarde conversaremos.

Percebi que algo havia acontecido, ela se esquivava de minhas perguntas, semblante triste, eu voltei para o trabalho, fiquei preocupado com o estado de saúde de João, esperei sinhá Cecília até tarde, mas ela não apareceu.

No dia seguinte sinhá Cecília foi até a senzala me procurar, já estava partindo, queria se despedir, com a cabeça baixa e evitando me olhar nos olhos falou:

— Severino, que Deus lhe abençoe por tudo!

— Sinhazinha, aconteceu alguma coisa? Pode me contar, guardo segredo!

— Severino, sinto o coração apertado, não queria lhe falar isso!

Ela colocou as mãos no rosto e começou a chorar, percebendo que algo grave havia acontecido, comecei a chorar com ela, entre lágrimas implorei:

— Sinhazinha, por favor me fale! O que aconteceu?

— Severino, faz um mês que João se foi, ele morreu!

Senti meu corpo gelar, o coração acelerado, não podia acreditar que meu amigo tivesse partido:

— Como isso aconteceu sinhazinha?

— Ele foi dormir e acordou morto, o médico disse que foi um ataque do coração, ele sempre reclamava de dor no peito, nos últimos tempos andava curvado por conta dessa dor, nós sempre achamos que era por conta dos trabalhos pesados que ele aguentou por anos aqui na fazenda, mas era o coração, uma anormalidade que ele sempre teve, nasceu com isso.

Enquanto ela contava percebi sua desolação, para confortá-la eu parei de chorar, sentia profunda tristeza, amava muito meu amigo João, mas senti que precisava ser forte para ajudá-la naquele momento.

— Sinhá, seja forte! João foi muito feliz com a senhora, viveu anos de alegria, conseguiu ser livre!

— Eu sei Severino, mas como vou viver sem João?

— Vai viver sinhazinha! Tem seus filhos que precisam da senhora!

— Penso nos meus filhos, sei que precisam de mim, mas a vida sem João não será fácil!

— Sinhazinha, João foi homem bom, tinha coração bondoso, deve estar em um lugar de paz, aonde ele estiver deve ficar triste ver sinhazinha chorando desse jeito!

— Também acredito que João está em um lugar de paz!

— Pois então sinhazinha! João viveu bons anos ao seu lado, construiu uma família com a sinhá, teve uma vida digna, morreu idoso e dormindo, deve ter ido embora feliz!

— Que Deus te ouça Severino! Agradeço por tudo que fez por nós, graças a sua ajuda João conseguiu fugir dessa fazenda, foram seus conselhos que me deram coragem para enfrentar papai e exigir a alforria de João. Saiba que sempre tive por você um grande carinho e admiração!

— Eu que agradeço sinhazinha!

Um pouco mais calma ela seguiu para carruagem e foi embora, eu desci até o açude, sentei-me em uma pedra e fiquei lembrando dos momentos com meu amigo, não conseguia acreditar que nunca mais o veria.

A realidade era que todos estávamos envelhecendo, João morreu com setenta e três anos, as sinhazinhas com mais de cinquenta, Didi e Pedrinho eram homens feitos, constituíram suas famílias na fazenda mesmo, e continuavam seus trabalhos na casa grande.

Os capatazes eram outros, mas traziam em suas veias o mesmo ódio pelos negros, Gumercindo havia morrido, o único capataz antigo na fazenda era Tenório e esse também estava idoso e cansado, passava maior parte do tempo incentivando os capatazes mais jovens a maltratar os escravos. Alguns envelheciam e mostravam o coração resignado, ganhavam sabedoria, outros pareciam ainda mais sequiosos de maldade.

Depois que sinhá Beatriz mudou para a fazenda nunca mais os escravos foram açoitados, mas

os capatazes não perdiam a oportunidade de humilhar, maltratar, e sempre que eram informados de algum escravo fujão, se reuniam como feras para caçar o negro, para eles era um esporte, pareciam predadores em busca da presa.

Benta e eu muito idosos passávamos a vida esperando o dia em que veríamos os escravos serem libertados, minha esperança não morria. Eu já estava com oitenta anos, Benta com pouco mais de sessenta, não conseguíamos fazer os trabalhos pesados, então cuidávamos das hortas, tratávamos os animais, tirávamos leite, sempre nos trabalhos mais leves.

Muitos anos se passaram, sinhá Beatriz tocava a fazenda com mais prática que nos primeiros tempos, sinhá Cecília fazia suas visitas, depois que João morreu nunca mais foi a mesma, o brilho que trazia nos olhos se apagaram com a morte do marido.

No ano de 1888 sinhazinha Beatriz ordenou que os capatazes reunissem todos os escravos na frente da casa grande, apesar da idade avançada sinhazinha mantinha a firmeza na voz, quando todos estavam reunidos ela falou em alto e bom som:

— Senhores, venho lhes informar que foi assinada a Lei Aurea, a partir de hoje todos os negros são considerados livres! — A chibata, os troncos, as correntes, tudo isso acabou, os escravos que ainda carregam as algemas de ferro no punho devem ir até os capatazes para que esses as removam hoje mesmo!

Foi um verdadeiro alvoroço, alguns escravos já muito idosos nem ouviram o que sinhá falou, outros não compreenderam, em meio a toda aquela confusão resmunguei:

— De que adiantou aprender a ler! Já estou praticamente cego! Não consigo ler e nem escrever!

Sinhazinha Beatriz mostrando a todos uma folha, continuou a explicação:

— Este é o documento que fala que estão livres! Podem ir para onde quiserem, mas quero que prestem atenção no que vou lhes falar! — Muitos proprietários de escravos vão se recusar a cumprir essa Lei, vai demorar algum tempo até que essa Lei seja colocada em prática e seja válida!

Todos os escravos se olhavam sem acreditar no que ouviam, eu me aproximei e perguntei:

— Sinhá, e se não quisermos ir embora?

— Se não quiserem ir podem ficar, desde que trabalhem e sejam úteis. — Agora se organizem, os capatazes vão remover suas algemas. — Tenório, comece com Severino!

Antes de sair sinhá me pediu:

— Severino, depois volte aqui, tenho uma entrega para você.

— Um entrega para iêu? E o que é?

— Não seja curioso, vá tirar essas algemas, já viveu muitos anos com ela, depois volte aqui.

Quando Tenório removeu as algemas dos meus pulsos e tornozelos me senti estranho, parecia que algo faltava, havia me acostumado, não me sentia livre, parecia que a alma estava presa a aquelas algemas.

Em seguida retornei para junto de sinhá Beatriz, ela colocou em minhas mãos a carta de alforria, com noventa e oito anos eu mal consegui assiná-la, também não consegui ler o que dizia. Sinhá notando minha dificuldade perguntou:

— Severino, quer que eu leia para você?

— Sinhá, a senhora sabe que já não enxergo mais, mas se ocê me diz que esse papel fala que to livre então iêu acredito!

— Severino, ainda tenho algo a mais para você, uma entrega especial!

— E o que é?

— É uma carta da própria princesa que assinou essas leis! Ela escreveu para você!

— Uma princesa escreveu para iêu? É mesmo? E o que ela fala?

— Espere que vou ler. — Caríssimo senhor Cícero Severino, é com muita honra que lhe escrevo essas palavras. Quero te agradecer pelos vários anos de contribuição a nossa pátria, nosso país deve muito a trabalhadores como o senhor, foi graças a seus esforços, dignidade, e força que prosperamos e vencemos. Nossa pátria deve muito as mãos que hoje recebem essa carta, é em meu nome e em nome de toda nação brasileira que lhe parabenido e agradeço.

Meus sinceros votos de felicidade.

Eu ouvi emocionado, nunca imaginei que receberia reconhecimento por todos os anos de

trabalho, enquanto sinhá Beatriz fazia a leitura chorei de alegria. Em seguida ela me entregou a folha, estendendo os braços me abraçou carinhosamente:

— Severino, faço minha as palavras dessa princesa! — Devemos muito a você!

Ouvindo sinhá me emocionei ainda mais, jamais esperei gratidão.

A verdade era que nunca recebi uma carta da princesa, quem escreveu as belas palavras foi sinhá Beatriz, sabendo de tudo que sofri durante uma longa vida de escravidão ela quis me dar algo que reconhecesse meu valor e contribuição. Ela era grata e sentia grande carinho e amizade, dessa maneira conseguiu fazer um amigo feliz.

Na fazenda nunca ficamos sabendo da existência de leis anteriores, a vida reclusa, a distância de outras propriedades nos mantinha alheios a situação econômica do país, nunca soubemos que antes da Lei Aurea ouve uma Lei do Ventre Livre, e uma Lei do Sexagenário.

Os dias seguiam, e mesmo sem as algemas de ferro e com a carta de alforria na mão eu ainda me sentia escravo.

Conversando com Benta confessei meus sentimentos:

— Sabe nega, me sinto escravo ainda!

— Severino, por que não vamos embora?

— Agora não vou! Já estou muito velho, não quero mais ficar me arrastando e sofrendo, agora quero sossego, tenho preguiça!

Como de costume, Benta balançou a cabeça e não insistiu, conhecia minha teimosia.

Nas semanas seguintes os escravos mais jovens foram embora, apesar de carregarem a carta de alforria saíam escondidos mata adentro, queriam evitar os outros fazendeiros

Alguns antes de ir se despediram de sinhá Beatriz, outros saíram fugidos, todos seguiam a procura do quilombo.

Os mais velhos decidiram ficar na fazenda, não tinham para onde ir, em pouco tempo sobraram apenas escravos idosos, e isso gerou um grande

problema, a falta de mão de obra. Os escravos que ficaram mesmo idosos foram sobrecarregados de trabalho, até os capatazes passaram a fazer os trabalhos que antes eram dos negros, e esses reclamavam muito, pois continuavam a receber o mesmo.

Os próximos dois anos seguiram com a mão de obras praticamente escassa, mais uma vez sinhá Beatriz enfrentava dificuldades com os problemas da fazenda.

Em 1890 chegaram à fazenda os primeiros imigrantes, vinham da Europa a procura de trabalho. O primeiro grupo que chegou pedindo trabalho tinha dez pessoas.

Enquanto aguardavam sinhá Beatriz os escravos olhavam de longe intrigados, os novos trabalhadores causaram estranheza nos negros, pois se vestiam de maneira diferente e falavam um português misturado com outra língua, para nós era muito estranho.

Avisada de que um grupo de italianos pedia emprego sinhá Beatriz foi ver o que queriam, logo que se aproximou o mais velho do grupo se apresentou:

— Boa tarde! Me chamo Giancarlo, essa é minha família!

Todos os escravos, curiosos, assistiam de longe. Aproximando-me de Benta falei baixinho em seu ouvido:

— Eita família grande! Deve ser sogro, sogra, primo, tio! Te digo minha nega, essas pessoas vão ser os novos escravos, agora os escravos vão ser brancos!

— Por que você diz isso Severino?

— Porque estou quase cego, mas vejo vultos, sei que são brancos! Estou quase surdo, mas ainda escuto um pouco! Ouvei eles falarem que vieram de longe, em navios, que estão passando necessidades, precisam de comida!

— Você tem razão Severino! Mas como a sinhá vai pagar?

— Eles vão ganhar um pedaço de terra e algumas poucas patacas pra fazer todo trabalho que antes eram dos negros!

Nos calamos e continuamos a assistir a conversa entre o italiano e sinhá Beatriz.

— Senhora, eu e minha família procuramos um lugar para ficar, onde possam nos dar comida, em troca podemos trabalhar, viemos para o Brasil a procura da terra nova, dizem que aqui tem muito trabalho. Descemos do navio até São Paulo, caminhamos de lá até aqui, passamos por muitas fazendas a procura de trabalho, mas todas já estão cheias de imigrantes europeus.

Sinhá Beatriz viu uma oportunidade de reerguer a fazenda, ela precisava de trabalhadores e não podia pagar muito, eles precisavam de trabalho e moradia, seria uma boa oportunidade para as duas partes.

— Eu compreendo a situação de vocês, sei que a Europa atravessa uma grande crise econômica. Desde que os escravos conquistaram a liberdade nossa propriedade enfrenta sérios problemas financeiros com a falta de mão de obra, sendo assim não poderei pagar muito, posso lhes ceder um pedaço de terra para que façam sua casa, e acertaremos um valor por seus

trabalhos. — Precisam saber que esse valor não será muito, e o trabalho aqui é pesado, pergunte aos escravos que eles podem te falar com propriedade!

— Para nós está ótimo senhora! Começaremos o trabalho ainda hoje se a senhora desejar!

— Vou pedir que um dos escravos lhe mostre a propriedade e explique tudo.

Eu que assistia o desenrolar da cena, logo imaginei que ela me chamaria, e acertei, assim que me chamou peguei meu cajado e levantei devagar. Caminhei até sinhá todo pomposo, pois agora eu ia ensinar os brancos a trabalhar.

— Pois não sinhazinha, como posso lhe ser útil?

— Severino, ache alguém para te ajudar, mostrem a esses senhores toda propriedade, expliquem como são feitos os trabalhos.

— Faço sim senhora!

— Senhor Giancarlo, esse é Severino, o escravo mais antigo da fazenda, conhece tudo por aqui, está velho, mas conseguirá mostrar a fazenda para vocês!

Ultrajado com a observação de sinhá, respondi prontamente:

— Eu to velho, mas to forte! Acho que podem ver!

Sinhá sorriu, conhecia minhas manias:

— Severino! ninguém aqui está falando que você é fraco!

— Não tenho um pé, mas consigo fazer as coisas! Vo conta pro senhor, perdi o pé faz muitos anos, isso é para verem como éramos tratados aqui!

Sinhá Beatriz sorria, conformada, ainda tentou me chamar a atenção:

— Severino, pare de reclamar! Você é mesmo um velho ranzinza! Vá chamar outro escravo para te ajudar, e depois chame Tenório para distribuir as tarefas.

Não dei ouvidos a sua advertência, e como um velho ranzinza, continuei:

— Estão vendo como são as coisas! Continuam nos chamando de escravos!

Sinhazinha Beatriz deu uma gargalhada e entrou, sabia que não adiantava argumentar. Eu pedi

que o italiano aguardasse e fui chamar Benta para me ajudar a mostrar a fazenda.

— Benta, sinhá mandô ocê me ajudar a mostrar a fazenda e ensinar o trabalho para os brancos!

— Severino, ela mandô ocê chamar um ajudante!

— Sim nega! Mandô chamar ocê!

— Mas como ocê é mentiroso! Eu tava ouvindo tudo! Ela não mandou ocê chama iêu!

Abaixei a cabeça com um sorriso matreiro, e com todo carinho pedi:

— Vamô lá comigo minha nega! Vamô ser professor de branco!

Benta não aguentou, o olhar sério converteu-se em risos, segurando minha mão me acompanhou.

Passamos o restante do dia percorrendo a propriedade, durante a caminhada o italiano humildemente pediu se tínhamos algo para comer, pois estavam famintos. Benta deu-lhes um pouco do que tínhamos, não foi muito, mas o suficiente para aguentarem até a noite.

Quando voltamos para casa grande sinhá tinha colocado várias mesas do lado de fora da casa, preparou um pequeno banquete com comidas italianas, o povo quando viu rapidamente se agrupou, matavam a fome que os consumia a dias.

Eu e Benta olhávamos para toda aquela comida que parecia muito gostosa, cheio de vontade não me fiz de rogado. Fui até sinhazinha e perguntei:

— Precisa de mais alguma coisa sinhá?

— Não Severino, podem voltar para sua casinha!

— A sinhá tem certeza de que não quer mais nada?

— Tenho Severino!

— Certeza mesmo?

— Podem ir Severino, essa comida é da terra deles, vocês não estão acostumados a comer isso, vão ter dor de barriga, voltem para seus cantos!

Voltamos para nossa casinha sem saber que gosto tinha a comida dos italianos.

Com o tempo os novos trabalhadores levantaram suas casas, mais imigrantes chegaram. Eles

eram diferentes, nunca nos olharam como os brancos brasileiros, eram educados, nos tratavam com respeito e sempre ajudavam os escravos que eram todos idosos.

Um dia, sentado em frente a senzala, pegue meu cajado para me levantar, rapidamente um dos imigrantes, rapaz ainda, correu em minha direção ajudando-me a levantar. Estranhando o tratamento perguntei:

— Por que sempre me ajuda a levantar? Sou um escravo!

O rapaz me olhou nos olhos, com sinceridade respondeu:

— Ouça meu grande amigo, sabemos como foi a vida de vocês aqui nessas terras, te ajudar é o mínimo que posso fazer! — Nossa gente está ocupando o lugar que antes era de vocês, por sermos brancos somos tratados com mais dignidade, recebemos pouco, mas ainda assim recebemos pelos trabalhos, muito diferente da vida que vocês foram obrigados a aceitar. — Quero que saiba, tenho imenso respeito pelos negros!

— Tá certo, mas hoje, pelo menos temos paz!

— Sabe qual é nossa diferença senhor Severino? É somente a cor da pele, nós também viemos para essas terras de navio, passamos fome e hoje trabalhamos por comida.

— Você tem razão meu filho, comida não tem muito não! Mas tronco e chibata acabou! Agradeço sua ajuda!

— Se um dia eu puder ajudar me chame, farei de coração e com muito amor!

Os imigrantes em sua maioria eram bons e humildes, souberam fazer suas vidas, guardavam todo dinheiro que recebiam, e assim que juntavam uma boa quantia seguiam para outros lugares tentando conquistar sua independência, dessa maneira, a fazenda sempre recebia novos imigrantes.

Parte II

O outro lado da vida



E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá,
já não haverá luto, nem pranto, nem dor,
porque as primeiras coisas passaram.

Apocalipse 21:4



CAPÍTULO I

Espíritos livres

Em 1890 eu completei cem anos, o Brasil mudou muito, a fazenda tinha poucos negros, a maioria dos trabalhadores eram brancos.

Sinhá Beatriz mandou construir uma casinha um pouco melhor onde eu e Benta vivíamos, passávamos os dias juntos, fazíamos alguns trabalhos nas hortas e conversávamos muito.

Em 1894 muito debilitado, sem forças para nada, me sentia cansado da vida. Enquanto Benta mexia na horta encontrei na cozinha um pote com feijão, percebi que o alimento estava estragado, não estava com fome, mas resolvi comer.

Não demorou para que sentisse os efeitos do feijão estragado, comecei a sofrer com uma complicada indigestão. Logo Benta percebeu meu estado, tentei esconder a verdade, mas em pouco tempo ela percebeu que eu mentia, conhecendo minhas manias ela me pressionou:

— Severino, não minta! Fale o que ocê andou comendo!

— Tá bem nega! Iêu falo! Comi aquele feijão que táva na cozinha!

— Ficou doido véio? Comendo comida podre! Aquele feijão era pra jogar fora!

As dores eram tantas que eu já não entendia o que ela falava. Meu quadro piorou muito em poucas horas, fortes dores abdominais e diarreias, vomito, sentia meu corpo se desfragmentar.

Benta ao meu lado corria de um lado para o outro, preparava seus chás, me limpava e socorria a cada espasmo de dor, passamos a noite assim.

No outro dia quando acordei me sentia completamente esgotado, olhei ao meu lado e percebi que Benta dormiu sentada me cuidando, quando ela viu que acordei, levantou-se rápido e sentou-se ao meu lado na cama, acariciando minha cabeça falou chorando:

— Homí de Deus, você quer liberdade né? Por isso faz essas coisas!

— Liberdade Benta? Não sei o que é liberdade! Acho que nessa terra todos nascem presos! Nunca fui livre, quem sabe agora possa ser!

— Severino, seus pensamentos são livres! Com eles você pode ir onde quiser! Quer sabe a verdade? Sempre fomos livres, só que não subémo aproveitá esse tipo de liberdade!

Eu mal conseguia ouvir o que Benta falava, via vultos a nossa volta, com extrema dificuldade ainda consegui falar:

— Nega! Vo te falar algo que nunca disse! Eu te amo!

Benta segurava minha mão com força, as lagrimas corriam pela face e pingavam sobre meus dedos, desejando falar para ela tudo que tinha em meu coração, usei as poucas forças que me restavam:

— Eu te amo muito minha nega! Amor é isso, é passar por tudo que passamos, partilhar dores e felicidades, é estar juntos em todos os momentos, dar bons conselhos, seguir de mãos dadas até nas fugas não é mesmo? — Amor é ser amigo, irmão,

companheiro para tudo! — É isso que você foi em minha vida!

Enquanto falava e segurava a mão de Benta, percebi que saía uma luz do seu coração. Olhava admirado aquela luminescência, logo notei que atrás dela surgia um clarão brilhante, fechei os olhos e senti meu corpo gelar, rapidamente o frio deu lugar a um forte calor.

Sem entender o que estava acontecendo abri os olhos, dessa vez notei um clarão de luz ainda mais brilhante, olhei com dificuldade e percebi que no meio desse clarão estava João. Sentado em um tronco, sem camisa e calças arregaçadas, era jovem e forte, muito diferente do João que me visitou anos atrás. Assustado, perguntei:

— João! O que faiz aqui? Você já não morreu?

Mostrando os dentes alvos em um largo sorriso ele respondeu:

— Severino, se você pensa que estou morto então errou! Não estou morto, estou aqui com você!

— Mas como pode?

— Pode porque a vida é somente vida! É assim, o que morre é só a carne velha! Se você olhar para trás vai ver seu corpo velho deitado na cama, mas você continua vivo! Agora me dê sua mão, vem pra cá homem! Não faça perguntas!

Comecei a perceber que a nossa volta havia alguns homens vestidos com roupas brancas, ainda mais assustado, perguntei:

— Quem são esses? O que é isso?

— Não faça tantas perguntas Severino! Venha logo aqui! Depois entenderá tudo!

Quando fui dar a mão para João notei que minha perna amputada estava recuperada, senti imensa felicidade, olhei para os homens no ambiente e notei que faziam coisas estranhas, tentando entender por que se movimentavam de um lado para o outro me virei, foi quando enxerguei Benta sentada ao lado da cama, chorava enquanto segurava minha mão. Consegui ver meu próprio corpo, magro, debilitado e marcado pelas incontáveis chibatadas, a boca torta e aberta demonstrava o extremo sofrimento que antecedeu o desencarne.

A cena me causou profunda aflição, quando vi que Benta chorava me aproximei e comecei a chorar com ela, desesperado tentei voltar para meu corpo, meu mundo parecia desabar, não conseguia acreditar ou aceitar.

Envolvido pelo completo desespero, percebi que um buraco negro se abria embaixo de meus pés, comecei a sentir muita dor, olhava para Benta chorando e me chamando, vê-la naquela situação me desesperava, eu chorava ainda mais, antes que pudesse falar qualquer coisa fui tragado pela abertura que se abriu sob meus pés, o cenário do quarto desapareceu, fui puxado para um lugar escuro.

Caído no chão olhava ao redor, tentava entender que lugar era aquele, parecia a fazenda, no entanto, o céu era escuro, sentia muito frio, olhei para minhas mãos e notei que pareciam apenas pele em cima de ossos, fui tomado por extrema dor, sede e esgotamento. A imagem de Benta não me saía da memória, culpava-me por não ter falado antes o quanto a amava. Não conseguia me levantar, sem

forças me arrastava pelo barro, sentia-me deprimido, aquele lugar era impregnado de tristeza.

Entre a imagem de Benta surgiam as lembranças das chibatadas, de sinhô Belizário, do tronco, e de Gumercindo cortando meu pé, a cada lembrança parecia reviver as dores que senti naqueles momentos.

Arrastava-me procurando alguém que pudesse me ajudar, mas não encontrava ninguém naquele lugar, parecia uma fazenda abandonada. Olhando com mais atenção, algo me chamou a atenção, notei incontáveis troncos espalhados por todo lugar, forçando a visão percebi que em alguns troncos havia escravos pendurados.

Com muito esforço e dificuldade consegui me levantar, fui até um dos escravos que estava pendurado, quando o toquei ele implorou:

— Me ajude por favor! Ele está voltando! Vai me bater mais!

— Quem está voltando?

— Aquele desgraçado, o capataz! Gumercindo!

Recuei assustado, Gumercindo estava morto, olhando ao redor percebi que os escravos pendurados expressavam enorme revolta, ao mesmo tempo que imploravam por ajuda, blasfemavam, pronunciavam palavrões, sentiam profundo ódio.

Tentei soltar o escravo, mas logo percebi que não conseguiria desfazer as amarras, eram feitas de um material que nunca tinha visto. Atormentado o negro continuava pronunciando palavrões contra tudo e todos.

Continuei caminhando, não conseguia ver nada além de troncos e mais troncos com escravos pendurados que gritavam dominados por dor e ódio.

Algum tempo depois avistei alguns capatazes se aproximando, passaram por mim sem falar nada, percebi que não podiam me ver. A chegada daqueles escravizadores piorou o quadro, eram seres assustadores, pareciam cadáveres andando, usavam chapéus sombrios, sem olhos podia-se ver apenas um buraco negro, seguravam chicotes estranhos, que se pareciam com rabos ou caudas de ossos, enquanto caminhavam entre os troncos falavam grosserias,

notava-se muito ódio, aproximavam-se dos escravos e iniciavam as mesmas torturas que tantas vezes presenciara e sofreu na fazenda. Não entendia por que não conseguiram me ver, chocado com o cenário, saí correndo daquele lugar.

O tempo naquele lugar parecia ser diferente, eu nunca sabia se era noite ou dia, o céu sempre cinzento como se estivesse nublado, era como se o sol e a lua não conseguissem aparecer.

Eu caminhava sem rumo, cheguei em um local onde a paisagem era ainda mais confusa e assustadora, ainda lembrava a fazenda, no entanto, tudo parecia ao contrário, como se o mundo estivesse do avesso, em alguns lugares o pasto crescia para baixo, a vegetação era escura e diferente, o ar gelado me fazia lembrar das noites de inverno na senzala.

Eu caminhava naquele ambiente carregado de energias negativas, sentia-me sufocado, sequer imaginava, mas o que tornava o ambiente tão pesado eram as energias condensadas, criadas pelos escravos da região.

Já havia perdido a noção do tempo quando cheguei em outro lugar, encontrei mais troncos, com mais escravos pendurados, a situação era a mesma, agonizavam, sofriam, choravam e blasfemavam, imersos em completa revolta não conseguiam criar consciência. Dessa vez encontrei escravos presos por correntes que pareciam cordas de aço que saiam do chão.

Depois de passar por tantas paisagens surreais, compreendi que estava morto, me perguntava como aquilo podia acontecer, de onde vinham aqueles troncos, chibatas, correntes tão diferentes, não sabia que eram criados pelas mentes dos escravizadores.

Mais seguro de que não podia ser visto pelos escravizadores, continuei caminhando entre eles, apesar das lembranças de Benta, das dores ainda consegui manter a lucidez. Andando entre troncos, escravos agonizantes e capatazes cadavéricos me surpreendi quando reconheci sinhô Belizário entre os escravizadores.

Aproximei-me, queria ter certeza que era ele mesmo, lembrei das vezes que assisti ele fazendo suas

pregações na casa grande, parecia um pastor falando sobre o inferno cheio de lava e fogo, para meu espanto era sinhô Belizário, mas não estava só, junto dele estava sinhá Ana, que o agarrava pelo braço, implorava para que parasse de bater nos escravos, puxava suas roupas, chorava, ele a empurrava na lama, ela se levantava com o vestido e o rosto sujos de barro, e voltava a suplicar para que ele parasse. Incrédulo, parei observando a situação, logo percebi que aquele momento se repetia sem parar, parecia uma cena de filme reprisada.

Muitos daqueles espíritos viviam presos em agrégoras de pensamentos que se repetiam constantemente. Em suas mentes passava e repassava sempre a mesma cena, eram verdadeiros prisioneiros de seus próprios pensamentos. Como eu guardava boas memórias, trazia Benta nos pensamentos, apesar da tristeza de deixá-la, conseguia manter a lucides.

Lembrava das descrições do inferno, um lugar feito de lava e fogo, aquilo era diferente, então não deveria ser o inferno, se eu não estava no inferno

então deveria ter uma saída, e se houvesse uma eu encontraria.

Decidi ir até a casa grande, por fora a casa parecia abandonada, em ruínas, entrei, o lugar completamente escuro e cheio de lama, a sensação de frio era ainda maior. Percebi que lá não encontraria nada, dei as costas e saí tentando compreender o que acontecia naquele lugar, que mais parecia de um pesadelo.

Continuei procurando uma saída, ainda sofria com as dores na barriga, diarreia e vômitos, apesar do grande mal-estar ainda conseguia sentir certa paz e calma. Pensava em Benta e nossos momentos juntos, dela brigando porque comi o feijão estragado. Lembrava de João e os vários anos de amizade sincera, em pensamentos eu chamava meu amigo:

— João! Bem que você poderia estar aqui comigo!

Resolvi me afastar da casa grande, caminhei um pouco e logo cheguei no barranco que levava para senzala. Esperançoso tentei ir mais rápido, talvez encontrasse alguém. Quando entrei na senzala mal

pude acreditar no que via, várias escravas choravam, as roupas cobertas de sangue, reviviam os abortos que sofreram quando encarnadas, mergulhadas em profunda tristeza, lamentavam em prantos a morte dos filhos que abortaram, o choro ecoava pelo lugar como um coro de dor.

Impactado saí correndo, depois de alguns metros, avistei uma pequena senzala, essa destacava-se na escuridão, podia-se notar que dentro havia um pouco de luz. Aproximei-me com cautela, depois de tantas barbaridades, receava o que encontraria.

Do lado de fora via-se apenas escuridão, mas dentro, parecia ter velas acesas que iluminavam o pequeno espaço. Empurrei a porta devagar e entrei vacilante, me deparei com uma intensa luminosidade que embaçou minhas vistas, esforçando-me para olhar, percebi que no meio da forte luz havia um homem negro. Nunca tinha visto uma figura tão singular, usava uma camisa branca, com mangas largas e bufantes, por cima da camisa um colete dourado, uma calça folgada com elásticos nos tornozelos e listras verticais, o sapato era o mais engraçado, pois tinham

pontas muito finas e longas que se enrolavam parecendo caracóis. Era realmente um homem muito diferente dos que eu já tinha visto. Desconfiado decidi perguntar algo para saber se ele podia me ver:

— Ocê pode me vê?

— Essa pergunta era eu que deveria fazer! — Sim, posso vê-lo! Então quer dizer que suas vibrações aumentaram?

— Minhas o que aumentaram?

— Deixe isso para lá senhor Cícero Severino, vou te ensinar tudo aos poucos!

— Como sabe meu nome? Ninguém nunca me chamou assim, só minha mãe!

— Sim! Sua mãe, que por sinal é a mesma moça que você escravizou em outra vida, mas isso você vai lembrar na hora certa! — Siga o conselho de uma velha escrava que um dia foi mãe daquela moça que você escravizou, tenha paciência!

— Não entendo nada do que o senhor está falando! Nunca escravizei ninguém, eu que era escravizado! — Sua voz é mansa, suave, até parece a voz de sinhazinha Cecília e João quando me falavam

com carinho! Se fala assim, então deve ser um homem bom!

Ele deu uma gargalhada e me abraçou, pude ver lágrimas caírem de seus olhos e rolares pelo rosto.

— Severino, sei que não está entendendo nada! Sou seu Guardião, ou Exu, chame como preferir!

— Exu? Mas o que é isso?

— Mais tarde vou despertar suas lembranças do passado, mas antes precisa criar consciência de onde está agora! Olhe ao seu redor, isso é uma senzala, você já não viveu muito tempo como escravo? Agora é livre, onde estão suas correntes?

— As correntes sumiram!

— Sumiram porque agora você é livre! Mas de que adianta essa liberdade se você continua pensando como escravo? Continua preso a essa fazenda! Então se liberte e seja livre!

— Mas que é o senhor?



— Se quer saber mais sobre mim então eleve seus pensamentos!

— Como se eleva os pensamentos?

— Você já ouviu falar de Jesus Cristo?

— Já, na casa grande quando sinhô Belizário fazia as pregações, como pode sinhozinho falar de um homem tão bom como esse Jesus e depois fazer tantas coisas ruins!

— Falava, mas não tinha, e ainda não tem consciência, discursava para manipular a família! Muitas pessoas fazem isso, são do tipo que dizem: faça o que digo, mas não faça o que eu faço! — É comum encontrarmos esse tipo de pessoas como dirigentes de casas espíritas, templos e igrejas, gostam muito de falar, mas pouco seguem o que falam e pregam. — Agora quero que feche seus olhos, esse lugar não é uma senzala! Está na hora de compreender isso!

— Mas eu sinto tudo como se estivesse vivo!

— Você está vivo, mas não em um corpo material. — Quero que pense em um lugar muito bonito!

— Pode ser na fazenda?

— Pode, mas desde que seja um lugar que você gostava muito enquanto esteve na terra!

Não entendi por que ele me mandou lembrar da terra se eu estava na terra, achava muito estranho tudo que ele me falava, não entendia nada.

Fiz o que ele me pediu, fechei os olhos, lembrei de Benta, de Cumba, João, Didi, os tempos de juventude quando brincávamos no açude, as crianças correndo em volta da senzala nos dias de descanso.

Em seguida imaginei um lugar muito bonito, grama verde, belas árvores, pássaros cantando em volta de uma casa grande, escravos livres, sem correntes, me senti feliz como se estivesse vivenciando aquele momento, o sentimento de alegria me envolvia completamente, sorria contente. Quando abri os olhos o lugar que imaginei se estendia a minha frente, tinha se tornado uma realidade, não precisava mais fechar os olhos e imaginar, pois a imagem estava lá, sem saber como, criei minha própria Aruanda, meu próprio paraíso, meu guardião, que continuava ao meu lado falou:

— Agora sim! Esse lugar muito melhor! Mas continua velho e sem um pé! Vamos resolver isso! Você agora é um espírito que venceu todas suas

provas, não precisa continuar assim! — Feche os olhos novamente, quero que se lembre do tempo que era jovem e forte!

Fiz o que ele falou, fechei os olhos e lembrei dos meus trinta anos, senti o vigor daquele corpo jovem, forte e saudável, quando abri meus olhos estava com meu pé, sem rugas, era jovem e forte.

Sem acreditar que era eu quem fazia tudo aquilo, passei a achar que aquele homem era um anjo, por mais que ele não se declarasse assim, era dessa maneira que eu o via.

— Severino, agora apague essa casa grande da sua pequena Aruanda! Olhe, veja aquele cantinho ali, está vazio, imagine e crie uma casinha para você! Severino, você merece ter seu canto, faça uma casa como sempre sonhou enquanto estava encarnado.

Então imaginei a casa grande se apagando, em seguida pensei em uma casinha de madeira e barro, coberta de palha, semelhante a senzala, dentro criei um fogão a lenha, uma mesa, um banquinho, tudo muito humilde, mas de acordo com o que sempre sonhei.

Quando abri os olhos me surpreendi com tudo que criei.

— Como posso fazer tudo isso se estou morto?

— Tem certeza de que está morto?

— Sim! Claro! Morri de dor de barriga e me borrando!

Ele deu uma grande gargalhada, colocando o braço sobre meu ombro falou ainda sorrindo:

— Meu pequeno Severino! Mesmo com uma vida longa de escravidão conseguiu encher esse coração de alegria! Espírito guerreiro é assim mesmo, cai, se levanta, e logo está pronto para outra! — Ainda vamos conversar muito aqui nessa casinha. Já que é tão bom em criar as coisas, por que não cria um assento para mim?

Entusiasmado com a possibilidade de criar as coisas, no mesmo instante criei um assento confortável para meu amigo, o mais confortável que consegui imaginar. Sentamo-nos e conversamos por várias horas. Minha primeira pergunta foi:

— Você tem um nome não tem?

— Tenho sim, mas vamos usar um nome especial, pode me chamar de Sete Adagas, esse é meu risco e minha proteção, em breve entenderá o que isso significa. Sou do oriente, muitos anos atrás eu te recolhi das profundezas do umbral, o lugar para onde você foi quando desencarnou como proprietário de escravos, capitão do mato e escravizador.

— O que isso significa? Eu já morri antes?

— Sim, um homem pode morrer e renascer muitas e muitas vezes, quantas forem necessárias para sua evolução, até o momento em que será apenas luz, então será outro universo. É complicado e difícil para você entender agora, mas entenderá tudo ao seu tempo.

— Tenho pressa de aprender! Se estou morto quero aprender tudo!

Mais uma vez ele soltou sua gargalhada:

— Severino, tem muito tempo para aprender, agora poderá estudar, e com toda evolução que conquistou em sua última encarnação poderá ajudar outros a evoluir. — Com o tempo poderá relembrar tudo que aprendeu em outras existências. Terá

permissão para trabalhar semeando no coração dos encarnados a boa nova que a espiritualidade leva para terra, esse trabalho iluminará mentes que se encontram na escuridão, dará visão á olhos cegos. Aprenderá a lutar contra forças malignas, transformá-las em luz e fazê-las voltarem para Deus Todo Poderoso, Criador de Tudo!

Eu me sentia hipnotizado com suas palavras, elas entravam pelo meu Ori, enquanto ele falava eu conseguia ver tudo, conforme via, aprendia, tudo muito rápido.

Deu uma pausa para que eu assimilasse todas as informações que ele transmitiu mentalmente, depois de alguns instantes continuou:

— Vou revelar uma prévia de suas encarnações, apenas dos últimos mil anos, por enquanto poderá ver apenas essas, mas isso despertará módulos dentro de seu espírito, um módulo por vez que expandirá sua consciência, e com o tempo poderá lembrar mais.

Ele elevou uma das mãos aos céus e com a outra tocou minha fronte, despertando meu chacra

frontal, em minha mente se desdobraram várias de minhas encarnações, ajudando-me a compreender meu amigo continuou a elucidação:

— Em uma de suas existências você foi um sacerdote, um mago, encontrava na natureza maneiras de ajudar as pessoas.

Rapidamente várias vidas se desdobraram em minha mente, Sete Adagas continuou:

— Antes de nascer como escravo, você foi um fazendeiro, essa sua vida não era para ser de expiação, mas sim, de provas, nas quais, infelizmente você sucumbiu. — Como já era um espírito iluminado, durante a vida se arrependeu dos erros cometidos, atingiu consciência e se regenerou, mas junto da consciência veio o arrependimento e culpa que se transformaram em uma profunda depressão te levando ao desencarne, essa condição resultou na queda de suas vibrações, fazendo com que fosse atraído para o Vale dos arrependidos, uma zona do baixo umbral destinado a espíritos que se enredam nas teias do arrependimento e culpa, esse é um plano onde muitos espíritos passam longo tempo de sofrimento,

revivem infinitas vezes as cenas que lhes causam arrependimento, situações que viveram na terra e continuam repetindo nesse vale.

Muitos espíritos quando encarnados, optam por uma vida inteira de futilidades, não alcançam o mínimo de elevação, alguns poucos, no último minuto de vida conseguem se conscientizar e se elevar a luz, esses se salvam das trevas, no entanto, são casos muito raros, podemos dizer que um em um milhão. A maioria após o desencarne segue para as zonas umbralinas.

Eu ouvia com atenção tudo que ele me contava, e ele continuou:

— Severino, quando foi fazendeiro, era proprietário de muitos negros, inconsciente acreditava que bater nos escravos era necessário, pois somente assim aprenderiam. Enquanto muitos proprietários castigavam os negros por prazer, você fazia por acreditar ser correto, no entanto, um episódio mudou sua consciência.

Certa vez em sua propriedade uma negra foi levada ao tronco, por ordem sua os capatazes

açoiaram a negra, enquanto estava no tronco recebendo o castigo, ela olhou diretamente em seus olhos, naquele momento você sentiu o sofrimento daquela mulher, o arrependimento tomou conta do seu coração, depois disso o olhar da negra não saía de sua mente, aos poucos o arrependimento se converteu em uma profunda depressão. Após seu desencarne e o estágio nas zonas profundas do umbral você foi resgatado, após se preparar para novo processo de reencarnação ficou decidido que voltaria como escravo, e a negra que despertou sua consciência enquanto sofria no tronco, viria como sua mãe.

Ouvindo Sete Adagas me esclarecer sobre os acontecimentos me perguntava quem era meu pai, pois nunca soube quem era.

— E quem foi meu pai?

— Seu pai era Gumercendo, e Tenório seu meio irmão.

A revelação de Sete Adagas me levou a profundas reflexões, mas naquele momento o que mais de despertava interesse era compreender e

relembrar o que eu havia aprendido em outras existências, sequioso perguntei:

— Então eu fui um sacerdote? Um mago? Conhecia os poderes da natureza?

— Sim, a muito tempo, em um lugar na terra que já não existe mais, pois foi engolido pelas águas do mar, nesse período você foi um mago.

Em verdade eu tinha mais conhecimento do que podia imaginar, os trabalhos de Sete Adagas aguçavam minha consciência e aos poucos eu reconhecia que sabia muitas coisas, que meu conhecimento e evolução eram muito maiores do que eu jamais supunha enquanto encarnado como escravo.

Ensinamentos que as pessoas levariam anos para aprender em uma faculdade eu conseguia assimilar em um único dia. Meu amigo me explicava sobre Magos Negros, Dragões, um bravo Cavaleiro que matou um Dragão e livrou a terra de muitos sofrimentos, falava sobre mestres que trabalhavam na terra através do Ori dos encarnados, ajudando em suas evoluções, em poucos dias relembrei vários

conhecimentos que adquiri em minhas existências terrenas e no plano espiritual.

Sete Adagas era um Exu muito poderoso, um guerreiro que andava pela escuridão garantindo o cumprimento das leis, não apenas as leis terrestres, mas também as Leis Universais, comuns em todas as galáxias. Com paciência e sabedoria ele me esclarecia:

— Severino, o que você lembrou até agora foi apenas uma prévia! Existe uma Grande Aruanda aguardando por você!

— O que é Aruanda?

— É um plano espiritual mais elevado, com conhecimentos filosóficos, científicos, e espirituais, onde vivem muitos irmãos como você, com o tempo recuperara completamente sua memória passada, o período que passou no corpo físico fez com que esquecesse muitas coisas, mas aos poucos tudo voltara.

— Em Aruanda todos os espíritos trabalham, alguns atuam junto a encarnados que se mostram dispostos a trabalhar com a espiritualidade maior. — Nem vou perguntar se você tem interesse, pois seu espírito já responde, ele se ilumina, o caminho de aprendizado

não será fácil, mas com certeza, você não terá dificuldades.

— Quero ver esse lugar!

— Vou te levar, mas antes visitaremos uma zona inferior, parecida como aquela que você esteve.

— Vou voltar lá para baixo?

— Não! Vamos para um lugar ainda mais abaixo!

— Temos que ir?

— Sim, lá tem uma pessoa que você ama, que está pronta para ser trazida para luz.

Enquanto ele falava eu já havia compreendido nossa tarefa, disposto a seguir para nova jornada me mostrei pronto, minha consciência que estava mais expandida já me permitia voitar, mas ainda me sentia inseguro, peguei na mão do meu Guardiã, ele me olhou sorrindo ele afirmou:

— Com o tempo não vai precisar da minha ajuda, você sabe que pode voitar sem segurar minha mão, mas vou respeitar seu tempo!

Seguimos para a zona baixa que ele mencionou, em pouco tempo estávamos dentro da

casinha onde passei os últimos anos com Benta. Notei que ela estava muito mais idosa, e doente. Surpreso com a aparência da minha nega, perguntei:

— Quanto tempo se passou? Benta envelheceu tanto! Há quanto tempo desencarnei?

— O tempo onde estávamos é muito diferente, ela envelheceu sim, já se passaram seis anos desde que você partiu. — Benta só não foi embora logo em seguida porque é uma mulher muito forte, se tornou uma vovó querida por todos, um espírito sublime!

Após meu desencarne Benta se tornou benzedeira, curava as doenças dos imigrantes, dava conselhos a todos que a procuravam buscando uma palavra amiga e cheia de sabedoria. Mesmo idosa ela ainda cozinhava e cuidava das crianças dos trabalhadores, sem compreender o idioma dos imigrantes ela fazia com amor, e sempre sorria com alegria e gratidão.

Depois que parti ela sofreu bastante, enfrentou a tristeza e devotou a vida fazendo o bem ao próximo, salvou muitas pessoas de doenças como malária,

picadas de cobra. Agora com noventa anos era chegado o momento de descansar.

Olhávamos Benta enquanto ela se preparava para dormir, quando ela se deitou na cama sentei-me ao seu lado, acariciava seus cabelos com carinho. Logo ela adormeceu, olhava minha querida companheira que parecia uma vela se apagando lentamente. Logo percebi o espírito se deslocando para acima do corpo, eu a abracei, consegui sentir seu corpo espiritual. Enquanto irmãos do plano espiritual trabalhavam no desenlace dos corpos eu alisava seu rosto, senti algum tipo de tristeza, mas logo lembrei do que aconteceu quando me entreguei a esse sentimento. Voltei minha atenção para Benta, a abracei com ainda mais amor e carinho. Os irmãos que faziam o desligamento, cortavam o cordão de prata e tantos outros cordões que formavam uma espécie de teia, quando todo processo foi finalizado o espírito de Benta estava livre, o corpo na cama ficou gelado, era como se uma luz tivesse se apagado dentro de uma casca vazia que ficou na cama.

Agora em corpo espiritual peguei Benta nos braços, ela continuava adormecida, inconsciente do que acontecia, achei engraçado não sentir o peso do corpo, ela parecia leve como uma pluma. Acompanhado por Sete Adagas retornei para minha casinha no plano espiritual. Ao chegar, com todo amor e carinho criei uma cama confortável onde coloquei Benta. Deixando-a em repouso me voltei para Sete Adagas.

— E agora?

— Deixe-a descansar.

Enquanto observávamos Benta notei que um irmão chegava da casinha, logo que se aproximou ele se apresentou como Lutero, mentor de Benta. Mostrando grande humildade e elevação ele me olhou com sinceridade e falou:

— Estou muito agradecido e feliz pela ajuda! Vemos que a irmã estava dormindo quando desencarnou, lhe devo muito senhor Severino, pois cuidou dela durante o tempo que viveram juntos.

— O que fiz foi por amor. — Posso ficar com ela um pouquinho?

— Claro que pode, também ficarei por perto.

Algum tempo mais tarde todos se foram com a promessa de retornar em breve, Benta permanecia adormecida. Enquanto eu aguardava o despertar de minha companheira puxei um banquinho onde me sentei ao seu lado, criei um cachimbo, um pouco de fumo e fiquei dando meus pitos. Eu não sentia fome ou sede, as vezes tinha uma sensação de estomago vazio que logo passava, no entanto, sentia saudades de alguns hábitos que mantinha enquanto encarnado. E pitar meu cachimbo era um desses hábitos.

Pouco tempo depois Benta abriu os olhos, me olhou sentado ao seu lado e perguntou:

— Severino! O que ocê tá fazendo aí sentado?

— Nega! Você está acordada?

— Quero dormir, mas você não deixa! Fica aí com esse pito, vem deitar comigo véio!

Sorri da minha querida Benta, ela continuava a mesma, com carinho alisei seu rosto e pedi:

— Dorme nega! Mais tarde me deito com você!

Benta fechou os olhos e continuou dormindo, percebi que ela ainda não compreendia a nova situação.

Pouco tempo depois três irmãos chegaram para visitar Benta. Eram dois mentores, espíritos de alta elevação que a ajudavam em seus trabalhos na terra, e seu guardião, espírito muito antigo de uma falange pouco conhecida, que atua na linha de frente em batalhas, encarregado de proteger Pretos Velhos.

Sete Adagas que acompanhava o pequeno grupo me informou:

— Severino, é chegado o momento de se despedir, Benta precisa ir.

Olhei para meu amigo mostrando o desapontamento, queria continuar com Benta ao meu lado. Um dos mentores de Benta, percebendo minha decepção esclareceu:

— Severino, vocês nunca estarão separados.
— Benta tem uma missão sagrada com as crianças do plano espiritual, ela irá para um local de recuperação, e em seguida para um centro de conscientização conhecido como Casa da Consciência que fica em Aruanda, poderá vê-la quando quiser! — Ela será

reintegrada em sua pátria verdadeira, enquanto estava no plano físico Benta cuidava e ensinava as crianças dos imigrantes, após sua recuperação e conscientização dará continuidade ao trabalho, só que agora, com crianças desencarnadas.

Compreendi que precisava deixar Benta seguir sua jornada, me aproximei e dei-lhe um beijo, seu guardião e mentores se encarregaram de removê-la.

Após a partida de Benta perguntei para Sete Adagas:

— E agora? O que vou fazer aqui? Eu não deveria ter ido para um hospital e Centro de Conscientização também?

— Você não precisava de um Centro de Conscientização, já tem consciência do que é! Agora venha, vou te levar para um lugar!

— Para onde vamos agora?

— Vamos para o Oriente Médio!

— Para onde?

Antes que ele respondesse estávamos em um plano astral sobre o antigo Egito, me surpreendi com a rapidez com que chegamos no lugar. Mais tarde

compreendi que pela vontade de Sete Adagas fomos deslocados pelo espaço e tempo, indo instantaneamente para aquele lugar. Olhei ao redor, estávamos no meio do deserto, sentados na areia, Sete Adagas a minha frente, com os olhos fechado e pernas cruzadas em posição de lótus. Abrindo os olhos ele me fitou fixamente e perguntou:

— Severino, você se sente doente?

— Não!

— Você percebeu que se curou muito rápido, recuperou seu pé amputado, e agora, aparenta ser mais jovem? Até criou seu próprio lugar para morar!

— Sim, minha vontade fez isso!

— Devido suas inúmeras encarnações você adquiriu muito conhecimento, não necessita de hospitais ou escolas, para ajudá-lo despertei algumas de suas memórias, o restante vira aos poucos. — Daqui algum tempo te levarei a um local onde terá acesso a suas vidas passadas, então você entenderá que não está na condição de ser atendido, mas sim de prestar atendimento a quem necessita!

— Que lugar é esse?

— É uma região da África, vivemos aqui a mais de 2 mil anos a.C. — Severino, somos amigos desde essa época! Percebe que você não tem nada de jovem? É um espírito muito antigo! Está consciente de que pode reencarnar novamente, mas precisamos que fique e nos ajude a recuperar irmãos sofredores em zonas umbralinas, seu trabalho aqui poderá ajudar muitos desencarnados e encarnados!

— Eu sei que reencarnei muitas vezes, mas não lembro de todas minhas vidas, somente da experiência como escravo. — Como poderei ajudar se não lembro?

— Aos poucos vai lembrar, reconhecerá sua verdadeira essência, existem barreiras que precisa vencer, procure em seu mais íntimo, acabará descobrindo que já foi um Mago Branco em uma terra que não existe há muito tempo, dominava as ciências naturais desse globo, tanto no plano físico quanto do astral. — Severino, você manipulava muito bem energias que iam desde as mais densas até as mais sutis.

Depois de alguns segundos de pausa ele continuou:

— Se desejar poderá ter a aparência daquela época, no entanto, sua última existência como escravo mostrará as pessoas que a humildade carrega sabedoria, e que essa não é motivo para vaidade e soberba. — Te levarei para um setor de Aruanda onde aprenderá com espíritos como você, irmão que já caminharam por milhares de anos, que foram escravos, uma falange de Almas Benditas que trabalha pela caridade. — Esses espíritos após o desencarne recuperaram sua essência, seu verdadeiro Eu, venceram as manifestações do ego, e assim retornaram ao TODO, agora você é como eles! — Você compreende?

— Sim, compreendo.

— Severino, antes de irmos quero te dar um presente, na verdade algo que já era seu, que você plasmou a muito tempo em uma de suas várias existências, que se manteve até hoje devido suas altas vibrações.

Sete Adagas me entregou um cajado que parecia ser de madeira, ao longo da peça notei algumas escrituras egípcias, olhando com atenção e cuidado reconheci que dizia: Paz e amor aos homens da terra.

— Disso eu me lembro! Não achei que voltaria para minhas mãos! Estava pensando em criar outro.

— Sei que durante minha ausência você estudou algumas coisas, mas isso não significa que sabe tudo! Existem informações que pertencem somente a sua essência. — Esse cajado é um potente condutor de tudo que sua mente cria, pode armazenar, aumentar e transmitir a energia da sua força criadora, um amplificador do seu verdadeiro Eu! Você não precisa dele para se apoiar!

— Eu sei meu amigo, entendo o que esse cajado representa, não preciso dele para me apoiar ou andar, posso voitar, eu assimilei as equações do tempo, posso navegar pelo passado ou futuro, compreender as inúmeras probabilidades de fracassos ou sucessos na caminhada humana, posso prever o futuro a partir das atitudes no hoje.

Depois daquela longa conversa fomos para Aruanda. Sete Adagas me integrou a um Centro de estudos especializado na elucidação de espíritos antigos como eu. Nesse lugar tive acesso a um tipo de arquivo que continha todas minhas encarnações, pude ver meus erros e acertos, lembrei de tudo que havia aprendido, readquiri a compreensão de línguas e escritas, desde as mais antigas até as atuais.

Não há diferença entre judeus e gentios, pois o mesmo Senhor é
Senhor de todos e abençoa ricamente todos os que o invocam.
Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo
Romanos 10:12-13



CAPÍTULO II

Nasce uma nova religião

Permaneci uma temporada naquele lugar, o tempo de estudo naquele centro me fez lembrar e despertar todo potencial que eu havia adquirido durante as várias existências.

Algum tempo depois Sete Adagas veio me visitar, dessa vez não usava as roupas singulares de outrora, vestia um manto branco, assim que avistei meu amigo falei sorrindo:

— Agora eu sei quem sou!

Sete Adagas retribuiu o sorriso com um abraço, olhando-me com serenidade falou:

— Severino, precisamos conversar!

Sáímos caminhando lado a lado, em seguida ele iniciou a explicação:

— Acontecerá uma reunião em que vários Magos Brancos foram convocados. — O tema a ser discutido será a evolução mundial, com foco principal na Pátria do Evangelho, em pauta estará a missão desse país que em breve fundará uma nova religião. —

Severino, essa religião realizará um trabalho de caridade que levará muita luz a humanidade, no entanto, enfrentarão adversidades. — Para que alcancem o sucesso esperado tudo precisará acontecer como o planejado!

Eu ouvia a tudo com extremo interesse, Sete Adagas recebendo minha completa atenção continuou:

— Várias falanges de espíritos estarão reunidas, pois esse será mais um marco na evolução do planeta. — Apesar de todo empenho da espiritualidade maior, precisaremos ter muito cuidado, pois a mesma religião que virá para levar luz aos homens na terra poderá ser deturpada, levando também a trevas.

Dessa vez Sete Adagas parou a caminhada, olhando-me com preocupação falou:

— Severino, em torno dessa nova religião se formarão diversas opiniões equivocadas, ela enfrentará muitas dificuldades, será julgada, apedrejada, e crucificada como foi com Cristo. — Muitos médiuns levantarão sua bandeira procurando benefícios próprios, com isso enganarão seus irmãos. — Para

sobreviver e atingir seus propósitos terá que vencer o racismo e o preconceito gerado por ideais arianos, esses até hoje julgam como demoníacos os cultos dos povos africanos.

Interrompendo Sete Adagas perguntei:

— Mas o que tem haver os cultos africanos com essa nova religião?

— Essa será uma religião universalista, abraçará e unificará sem preconceito as crenças de várias outras religiões, inclusive as africanas que hoje já se manifestam nessa pátria. — Por isso precisaremos contar com espíritos como você, que em sua última encarnação na terra foi escravo, conviveu com muitos irmãos com raízes, costumes e crenças africanas. — Você poderá mostrar seu lado de luz, sabedoria e humildade, exemplificar a caridade que conquistou enquanto viveu nas trevas da escravidão.

Eu me alegrei com as possibilidades de evolução para os irmãos na terra, sentia-me contente em poder ajudar.

No dia da reunião eu estava presente. O lugar parecia-se com um grande centro de convenções,

vários espíritos discutiam sobre a fundação dessa nova religião. O tema inicial foi a importância que essa teria no trabalho entre encarnados e desencarnados. A diversidade cultural que se estabeleceria por meio do trabalho realizado com médiuns, isso criaria elos entre culturas orientas e ocidentais.

Em seguida foi abordada a importância do Espiritismo no Brasil, pois esse abriu as portas para a espiritualidade, possibilitou a interação entre os dois planos, no entanto, agora se mostrava engessado em conceitos, a cada dia mais fechado a cultura europeia, caindo no mesmo equívoco já visto na igreja católica, quando o dogmatismo cristalizou a consciência dos homens.

O objetivo agora era mostrar ao mundo uma religião universalista, sem preconceitos e discriminações, todos com o mesmo objetivo de propagar a caridade pura, conscientizando os homens de que eles são iguais, fazem parte do TODO.

A discussão prosseguia, foram colocadas em pauta todas as dificuldades que a nova religião enfrentaria, como também os benefícios que essa

alcançaria se conseguisse superar os obstáculos iniciais. Depois de muito planejamento foi deliberado que em novembro de 1908 seria fundada a Umbanda.

Antes da fundação nosso trabalho já existia, a espiritualidade sempre amparou os homens na terra, tanto encarnados como desencarnados, no entanto, por meio da Umbanda poderíamos trabalhar de forma mais direta e efetiva com os encarnados que se mostrassem dispostos.

Após a reunião Sete Adagas me chamou a atenção:

— Severino, você acha que vai continuar sem fazer nada? Passar o tempo todo sentado e fumando esse cachimbo que você criou? Se assim está muito enganado! — Vou te apresentar a um grupo de irmãos que trazem histórias parecidas com a sua, que também passaram pela escravidão, hoje são especialistas no resgate de escravos que ao desencarnar foram arremessados na escuridão. Você vai ajudá-los nos trabalhos com irmãos encarnados na terra, e com esses escravos desencarnados que se encontram no umbral.

Sete Adagas mal terminou a explicação e volitou rumo a nosso destino, tentei segui-lo, mas não conseguia atingir sua velocidade, parando no ar e me falou:

— Você pode ir tão rápido quanto eu, basta querer! — Como não sabe o caminho, apenas pense em mim e estará comigo!

Segui as instruções de Sete Adagas e rapidamente chegamos ao nosso destino. Era um pequeno espaço em Aruanda, notei vários espíritos de escravos e também escravizadores, esses ao se elevarem em consciência foram recolhidos e agora passavam por aprendizados.

O lugar era muito organizado, parecia com um grande quilombo, vários casebres, centro comunitário, tudo comandado por um sábio ancião que se identificou como dirigente do lugar. Logo fui apresentado a outros irmãos, a maioria aparentava mais de sessenta anos, espíritos sábios, muito antigos, a maioria já havia sido sacerdote em épocas remotas, se diziam entidades de trabalho, conhecidos como Pretos Velhos.

Dentro do mesmo espaço havia um agrupamento de índios, junto com os Pretos Velhos formavam uma comunidade. Cada um criava sua própria casinha, aonde tinham seus momentos de repouso, meditação e realizavam reuniões para conversar sobre os problemas na terra e planos mais inferiores. Sempre que se reuniam era para encontrar a melhor maneira e momento para ajudar aqueles que necessitavam de socorro e amparo. Muitos daqueles espíritos já eram conhecidos na Umbanda, Pai Jacó, Pai João, Pai José, Pai Joaquim, Pai Norberto, Pai Fabrício. Formavam uma falange muito antiga, criada quando começaram a chegar os primeiros escravos no Brasil.

Esses grupos formavam caravanas, que desciam até zonas baixas procurando e recolhendo escravos desencarnados. Alguns estavam há anos naquelas regiões, dominados pelo ódio e revolta impossibilitavam qualquer tipo de ajuda, e assim prolongavam por anos o próprio sofrimento. Muitos até os dias de hoje se encontram na mesma situação, presos em um ciclo de ódio e revolta, sendo

perseguidos e caçados constantemente por escravizadores que procuram que faça seus trabalhos contra os encarnados na terra, sempre em troca de favores.

Para cada lugar dentro de Aruanda existe uma falange, e cada uma dessas falanges tem como ponto energético o cruzeiro de um cemitério, regido por Omulú, o Orixá da Cura, que por meio de suas vibrações, abre as passagens entre o plano físico e extrafísico, mesmo Orixá regente da falange dos Exus Caveiras, responsáveis por fazer a passagem dos irmãos desencarnados. As falanges de Pretos Velhos auxiliam nos desenlaces, proteção de irmãos que já ganharam luz, nosso trabalho acontece em qualquer lugar que possamos ser uteis.

Fui designado para auxiliar nesses trabalhos, para ajudar, muitas vezes baixávamos ao máximo nossas vibrações, transfigurávamos nossas vestes como as de religiosos, pois assim conseguíamos ganhar a confiança daqueles que se encontravam transtornados.

No início, muitas vezes a tarefa me parecia difícil, vivíamos entre a crosta e o umbral, procurando por espíritos de escravos que já estavam a muito tempo desencarnados, tentávamos tira-los do delírio em que se encontravam, quando conseguíamos, eram levados para postos de assistência, onde se recuperavam, quando se mostravam restabelecidos seguiam para centros de estudos, a maioria logo reencarnava, pois necessitava aprender o perdão. Por alguns anos foi esse meu trabalho.

No ano de 1912, Sete Adagas convidou-me para conhecer um Centro de Umbanda na cidade do Rio de Janeiro. Até aquele momento existiam poucas terreiras, assim como foi previsto, a religião era perseguida, os trabalhadores recriminados, as casas apedrejadas, quando davam abertura aos trabalhos encontravam resistências de todos os tipos. Depois de me atualizar sobre o desenvolvimento da religião, Sete Adagas me falou:

— Severino, quero te apresentar um irmão que trabalha com um encarnado. O lugar é muito bem

organizado, seguem as diretrizes da Umbanda, o trabalho é voltado a caridade. Aceita?

Sorri para Sete Adagas, ele percebeu minha aprovação, seguimos para crosta e logo chegamos ao centro de Umbanda. Quando nos aproximamos percebi que vários espíritos trabalhavam com os encarnados, entre ele avistei um rosto conhecido, era João, ele se preparava para iniciar os trabalhos com o médium. Sem ser visto por meu amigo, transfigurei minha aparência, mudei as roupas e me aproximei falando:

— Antes que comece esse trabalho, quero ter uma conversa séria com o senhor!

João me olhou, e sorrindo respondeu:

— Mas que negro forte! Você não me engana Severino! Senti sua vibração, sabia que estava por perto! É uma alegria recebê-lo! Que saudade meu amigo!

Nos abraçamos como irmãos que passaram muito tempo sem se ver, feliz por rever meu amigo falei emocionado:

— Digo o mesmo João, que saudade! Mas por que não te encontrei em Aruanda?

— Porque pertenço a uma ordem de irmãos que trabalha com médiuns.

— João, me explique, como você faz isso?

— Não vou dizer não! Você continua um velho curioso! Se quer aprender venha ver de perto!

Sete Adagas que acompanhava nosso reencontro falou:

— Vai lá Severino, você vai lembrar como se faz! É uma habilidade curiosa e até engraçada, não esqueça que quando estive encarnado na Judeia você dominava essa arte!

Comecei a assistir tudo que acontecia, notei que em cima da terreira estava nosso plano astral, onde os trabalhadores desencarnados ficavam até o momento em que desciam, se aproximavam do médium e iniciavam o trabalho.

Eu e João descemos, ele iniciaria o trabalho com o médium, eu queria ver de perto, criei um banco para me sentar, um cachimbo, e disse para João:

— Agora me mostre como faz!

Enquanto o médium se concentrava, João me explicava como acontecia o trabalho:

— Como pode ver Severino, existe um espaço reservado para o trabalho dos médiuns, nesse espaço se forma um plano paralelo, pode se dizer que é um plano extrafísico dentro do plano físico. — Os médiuns quando se unem, em concentração, pensamentos elevados formam uma corrente de energia magnética, muito parecida com um aro de luz, essa energia benéfica envolve a todos, permitindo com que seus chacras se abram, principalmente o coronário, ao qual chamamos de Ori. Isso torna os médiuns receptivos a todos os tipos de espíritos. — Está entendendo Severino?

— Sim, compreendo muito bem! — Se os médiuns se abrem a todos os espíritos isso quer dizer que estão acessíveis também a aqueles que se encontram transtornados, desequilibrados, inconscientes e capaz de fazer o mal!

— Sim, para evitar isso é necessário que o médium esteja equilibrado, seu Ori é como uma porta aberta, o desequilíbrio impede que o médium

identifique quem entra. — Repare e veja como acontece!

Observei que todos os médiuns tomaram seus lugares um ao lado do outro formando uma corrente, concentrados, alguns pensavam em seus guias, chamavam seus nomes, outros elevavam os pensamentos a Jesus Cristo. Logo os Ogas iniciaram os toques, e esses entoados com amor dispersavam correntes de vibrações que envolviam a mente dos médiuns que unidos criavam um campo vibracional, eu podia ver seus corpos espirituais brilhando.

Notei que João se posicionou atrás do seu médium de trabalho, uniu seu chacra coronário ao do médium, dando-se a incorporação, outros médiuns passavam pelo mesmo processo, a diferença se dava na forma como o espírito se unia, alguns se ligavam somente pelo chacra coronário, outros faziam a união de todos os chacras, alguns apenas tocavam no Ori do médium e faziam a transmissão por meio de telepatia, essa variação se dava pelo tipo de afinidade entre médium e espírito.

Os médiuns naquele momento de entrega e doação se tornavam aparelhos de transmissão, eram manipulados conforme a possibilidade e necessidade do trabalho. Alguns irmãos do plano espiritual concluíam ser mais conveniente bloquear os chacras que não seriam utilizados, ativavam somente os chacras ligados a partes específicas do cérebro, dessa maneira despertavam somente as capacidades necessárias a aquele momento.

A união pelo Ori ou chacra coronário é realizada através da glândula pineal, nesse tipo de ligação várias partes do cérebro são ativadas, isso possibilita que nossas emoções sejam transmitidas através do médium, tudo é feito com cuidado, carinho e respeito pelo médium que se doa como aparelho, e assim permite a realização do trabalho.

Quando se findavam os trabalhos, aos poucos os espíritos se desconectavam dos chacras dos médiuns, o último chacra a ser desconectado era o orí, e nesse momento o médium recuperava a consciência e voltava ao domínio de si. Percebi que alguns médiuns no momento da desconexão davam um

sobressalto, percebendo minha estranheza diante do acontecimento, João logo me esclareceu:

— Esse sobressalto acontece por conta do desequilíbrio nos chacras do médium, principalmente do coronário, esse desequilíbrio gera um desbalanceamento entre as vibrações do médium e do espírito, essa diferença vibracional causa um tipo de choque no momento da desconexão.

Continuei minhas observações, quando todos os médiuns estavam conscientes se iniciou o encerramento, todos retomaram a seus lugares e se uniram novamente em uma corrente de orações, no plano astral fazia-se uma corrente parecida, formávamos um campo eletromagnético em volta de todo lugar, dentro desse campo podíamos ver as agrégoras mentais formadas pelas perturbações dos consulentes, toda essa energia negativa era condensada dentro desse campo, em seguida levada para um lugar adequado no plano astral, onde eram dissolvidas.

Encerrados os trabalhos, os médiuns seguiam para seus lares, todavia, o trabalho no plano espiritual continuava, irmãos desencarnados e perturbados,

acolhido durante o trabalho, eram encaminhados para lugares condizentes com suas necessidades. Os pedidos dos consulentes eram discutidos com seus guias e mentores, levava-se em conta a possibilidade e merecimento do consulente, e conforme fosse decidido, equipes eram destinadas aos lares prestando ajuda necessária.

Em muitos casos os consulentes não obtinham a ajuda que buscavam, pois muitos de seus pedidos eram considerados insensatos. Alguns, ambiciosos e materialistas, insatisfeitos com o que tinham pediam mais bens materiais, outros buscavam vingança, acreditavam que podiam comprar as entidades com oferendas de bebidas, charutos, nesses casos, o que recebiam eram conselhos, levávamos palavras que pudessem despertar a consciência dessas pessoas.

Em outros casos as equipes de ajuda não conseguiam prestar o socorro necessário, uma vez que o ambiente familiar impossibilitava qualquer ajuda, geralmente famílias que viviam em completa desarmonia. Corriqueiramente víamos consulentes que durante a consulta adotavam uma conduta falsa,

tentavam transmitir para entidade algo que não eram, quando visitávamos suas casas era evidente que os problemas aconteciam por conta do orgulho entre os casais, o egoísmo, a vaidade, as brigas e as baixas vibrações impediam que nos aproximássemos e inspirássemos bons pensamentos que poderiam ajudar na solução de muitas das dificuldades vividas por aquelas famílias.

Havia também aqueles que necessitavam passar por determinadas provas, as quais solucionariam problemas de existências anteriores, nesses casos não podíamos interferir, dávamos apoio para que vencessem suas dificuldades. Muitos consulentes recebiam a graça de ter seu pedido atendido, para esses não pedíamos nada, apenas desejávamos que fizessem a caridade, que ajudassem outros irmãos sem pedir nada em troca. Suas necessidades eram atendidas conforme suas condutas na vida, os extremamente sovinas, materialistas, orgulhosos e egoístas recebiam o necessário, que eram conselhos para que se conscientizassem da necessidade de mudança.

Depois que foram encerrados os trabalhos da nossa parte, fui até João para me despedir:

— João meu amigo, foi muito bom revê-lo!

— Severino, digo o mesmo, quando quiser vá visitar minha choça! Basta pensar em mim que chegará ao lugar. — Se desejar poderemos trabalhar juntos, mas antes teremos que conversar com o responsável pelos trabalhos em nossa colônia.

Nos despedimos, eu retornei para minha pequena Aruanda, queria refletir sobre tudo que tinha visto naquele centro de umbanda, me sentei em meu banco, acendi meu cachimbo, me encantava com o amor e misericórdia de Deus que oferece tantas oportunidades aos seus filhos. Naquele instante senti saudade de Benta, resolvi visitá-la mais tarde, antes queria refletir um pouco mais sobre os aprendizados daquela noite.

Imerso em reflexões soltei meu cachimbo, quando me dei conta estava com as pernas cruzadas, em posição de lótus, fechei os olhos e logo me lembrei de uma vida antiga, no oriente, quando eu era um indiano, com a imagem fixa na mente, me senti

transportado para o cume mais alto de uma montanha no Himalaia, olhava as nuvens iluminadas pela lua, não sentia o frio comum a aquela região, sentia apenas a luz da lua, olhei ao meu redor, em seguida voltei os olhos para o mais alto no espaço, envolvido pela beleza do lugar elevei meus pensamentos ao TODO, meus pensamentos se deslocaram, mergulhei em uma viagem pelo espaço, para muito longe, consegui ver a grandiosidade do Universo que vai muito além da nossa imaginação, naquele momento, compreendi o infinito. Envolvido por uma paz plena e profunda retornei ao meu centro, olhei novamente ao meu redor e contemplei as várias montanhas, admirado com o que via, me fiz uma velha pergunta, a mesma já feita por muitos filósofos:

— De onde viemos? E para onde vamos?

Percebi que para essa pergunta ainda não tinha a resposta, então saí do meu estado de transe e voltei para minha pequena Aruanda.

Olhando para a cama confortável que criei para Benta, me dei conta de que nunca tinha me deitado nela, enquanto encarnado jamais tive a

oportunidade de dormir em uma cama, decidi repousar, deite-me, senti o conforto, fechei meus olhos e adormeci.

Espíritos em condições mais elevadas não sentem necessidade de dormir, ou se alimentar, se desejarmos, podemos plasmar alimentos ou dormir, não por necessidade, apenas por uma questão de vontade. Diferente dos encarnados não usamos desses meios para nos refazermos, buscamos nas energias solares e nos ambientes salutareos onde vivemos o que precisamos para nosso refazimento.

Em nossos momentos de sono não temos sonhos assim como acontece com os encarnados, pois esses em momentos de liberdade espiritual e emancipação do corpo físico seguem para outros planos astrais, muitos acordam com as impressões do que vivenciaram em espírito, fazendo com que as experiências pareçam sonhos, nós, desencarnados estamos na condição de espíritos livres, não necessitamos do sono para usufruirmos dessa liberdade espiritual.

No dia seguinte convidei Cambina, um amigo que me acompanhou em visita à Benta.

A colônia que Benta ficava se situava em uma subdivisão no quarto anel, pequeno espaço localizado dentro de Aruanda, local onde viviam apenas mulheres, irmãs que enquanto encarnada eram freiras, pretas velhas, e agora recolhiam, encaminhavam e cuidavam de crianças desencarnadas. O espaço era semelhante a um orfanato.

Logo que chegamos avistei Benta, ela parecia mais jovem, brincava de roda com as crianças, feliz por revê-la, me aproximei falando:

— Nega veia! Que saudade! Quer dizer que você cuida dessas crianças?

Benta me olhou surpresa, emudecida apenas me fitava, percebendo que ela não encontrava palavras, me aproximei e a abracei, olhei em seus olhos que me lembravam lindas jabuticabas pretas, sentindo sua emoção me emocionava também, sorrindo lhe perguntei:

— Com tanto trabalho por aqui é difícil de se ver não é mesmo?

Ela sorriu contente, me envolveu em um caloroso abraço que dissipou toda saudade contida por muito tempo, recompondo-se da forte emoção ela respondeu:

— Sim Severino, meu trabalho aqui é em tempo integral, eu ajudo a cuidar das crianças.

— Elas são inocentes, muitas não compreendem que estão desencarnadas, sentem falta de suas mães, aguardam o momento de reencarnar, fazemos o possível para que tenham uma estadia feliz nesse plano, aqui são preparadas, educadas, desenvolvidas com inclinações para certas áreas nas quais atuarão quando reencarnarem.

Enquanto conversávamos Benta me mostrou a colônia, o lugar era lindo, via-se vários setores que proporcionavam diversas atividades as crianças, onde estudavam, faziam trabalhos manuais, espaços próprios para as brincadeiras, alojamento com refeitório, quartos com várias camas. Tudo voltado para educação e desenvolvimento de disciplina, as crianças arrumavam suas camas, cuidavam de seus pertences, dormiam todas as noites, se alimentavam de

caldos. Apesar de toda dedicação das cuidadoras, as crianças sentiam falta terra.

Durante a visita aos dormitórios notei que cada cama tinha um baú onde as crianças guardavam suas roupas, Benta percebendo minha observação se adiantou na explicação:

— Elas têm suas roupas, ainda não sabem plasmar o que necessitam, então nós criamos aquilo que elas necessitam, às vezes plasmamos quitutes, docinhos, refrigerantes, para alegrá-las, tudo com moderação para que não criem hábitos, mas ainda sim elas sentem falta das coisas da terra. — Agora estamos preparando algumas delas para que possam trabalhar com médiuns.

— Eu assisti João trabalhando com o médium, mas como vão fazer para que elas consigam realizar o trabalho? Precisarão de entendimento e preparo!

— Sim Severino, elas estão sendo ensinadas na escolinha, instruídas para que compreendam a seriedade do trabalho que farão. — Se quiser pode ir junto em nossa próxima excursão, algumas já estão trabalhando com os médiuns, para elas é sempre uma

feita, um momento de alegria onde podem comer seus doces, brincar de cavalinho com o médium, para os médiuns elas levam sua doçura, alegria e inocência. — São espíritos que terão uma missão na terra.

— Não compreendo por que aguardam sendo que poderiam reencarnar?

— Suas vidas foram interrompidas, necessitam aguardar o período que era previsto para sua vivência na terra, deve-se aguardar que se conclua o ciclo que deveriam ter vivido. Esses espíritos carregam a mesma fisionomia e pensamentos da última encarnação, são inocentes, no entanto em outras existências tiveram vidas completas, onde muitos ganharam luz e evolução e hoje tem habilidade para trabalhar com os médiuns.

Benta deu uma pausa e continuou a explicação:

— Severino, muitas mães quando perdem seus filhos blasfemam e se entregam a revolta, no entanto, não compreendem que os guias do plano espiritual sempre estiveram e estão tentando ajudar, o que impede que recebam nossa ajuda são suas próprias vibrações baixas. — É comum vermos mães envolvidas por influências negativas, se tornando

surdas aos nossos apelos, de forma inconsciente ignoram o plano espiritual que tenta alertá-las sobre os perigos que rondam seus filhos, a falta de atenção de muitas mães, por vezes contribui para o desencarne precoce dessas crianças, que ao terem suas encarnações interrompidas se veem impedidas de viverem suas provas e expiações. — É todo um ciclo Severino, as mães têm importância vital no desenvolvimento da criança, até que essa se torne adulta, e de forma natural se desligue dos cuidados maternos, contraindo matrimônio a vida segue, até o momento em que o papel nos cuidados se inverte, então os filhos cuidam dos pais.

— Benta, me diga, elas só descem para brincar de cavalinho com o médium?

— Não Severino, fazem muito mais! A inocência e a doçura comum às crianças fica registrada no médium, que acaba adquirindo um pouco dessas características. — Para as crianças o trabalho com o médium e os consulentes é de grande importância, pois colocam em prática os aprendizados que recebem no plano espiritual, a disciplina, o bom

comportamento, o tratamento adequado com os consulentes, fazem trabalhos para criar correntes de vibração que ajudam famílias, crianças, gestantes que ao receberem suas bênçãos tem os laços com o filho fortalecido. — Algumas dessas crianças foram ensinadas a criar campos de vibração utilizando velas azuis ou rosas, que ajudam muito no processo de reencarnação daqueles espíritos que se encontram no ventre materno. Fazem também o trabalho de limpeza no ambiente e no médium, por isso são sempre os últimos a se apresentarem ao trabalho. Além disso, é também uma oportunidade de experimentarem um corpo de carne, para que em sua próxima reencarnação já tenham conhecimento e mais facilidade.

— Então elas não lembram de como é ter um corpo de carne?

— Severino, muitas dessas crianças tiveram desencarnes traumáticos, após serem recolhidas passaram por um tratamento aqui no plano espiritual, esse tratamento permite que esqueçam esses traumas e impede que sintam perturbações, assim perdem

também a lembrança de como era viver em um corpo físico.

Enquanto assistíamos as crianças que brincavam distraídas, Benta continuava a explicação:

— Como algumas dessas crianças são espíritos muito antigos, guardam conhecimentos de suas encarnações anteriores, são capacitadas para o trabalho com os médiuns, mas mantém as características infantis, muitos desses conhecimentos se mantêm adormecidos, é por isso que em vários casos não conseguem atender aos apelos feitos pelos consulentes, principalmente quando esses lhes perguntam sobre questões relacionadas a vida conjugal, financeira.

— Durante o atendimento aos consulentes as crianças sempre estão acompanhados por mentores e guias, que os instruem a dar as respostas condizentes a cada caso, no entanto, é comum que em certas ocasiões tentem escapar das perguntas, procurando brincadeiras e distrações, pois esses assuntos para elas são difíceis e desinteressantes.

— E como elas são levadas até o plano terreno?

— São sempre levadas e acompanhadas por monitoras, que asseguram a ordem e disciplina das crianças, são constantemente lembradas que devem pôr em prática os ensinamentos recebidos no plano espiritual, mantendo a ordem e o bom comportamento. — A ajuda dos trabalhadores da casa é muito importante nesses momentos, pois também tem o dever de ajudar na educação dessas crianças. — Para as crianças é um momento de descontração, pois tem a oportunidade de saborear as guloseimas que são servidas durante o trabalho, por mais que eventualmente plasmemos guloseimas para elas aqui no plano espiritual, aquelas que experimentam na terra são diferentes, são pequenos momentos de alegria, pois o tempo de trabalho para elas é sempre mais curto, para que possam estar presente é criado um campo de proteção, porém, devido as energias densas da terra, não podem permanecer muito tempo, nessas ocasiões é comum que sempre queiram prolongar a partida. — No final dos trabalhos são organizadas em

filas, seguem para o transporte que as traz para o plano espiritual, sempre retornam na expectativa do próximo trabalho.

— Não vejo crianças maiores ou adolescentes, essas ficam aonde?

— As crianças mais velhas ficam em outro setor, algumas são destinadas aos trabalhos com a linha de esquerda, chamadas de Exu Mirins, outras podem trabalhar com os médiuns, assim como os Erês são espíritos de luz, que abraçam tarefas diferentes, muitos trabalham no resgate de espíritos sofredores que desencarnaram na mesma faixa de idade, atuam em diversas áreas, também fazem a limpeza do médium e do local, são muitas vezes travessos, mas assim como os Erês carregam em sua essência a inocência e amor.

— Vejo que nem todas podem trabalhar com os médiuns, essas fazem o que?

— Bem Severino, essas permanecem na erraticidade aguardando oportunidade para o reencarne, aprimoram capacidades que serão uteis quando voltarem para o plano físico. Aquelas que são

aptas assumem o compromisso de trabalhar com o médium e se tornam os pequenos Erês, entidades tão queridas nos centros de umbanda. — Muitas dessas crianças são como tantos outros irmãos que se encontram no plano espiritual, estão há muito tempo aguardando oportunidade para reencarnar.

— É verdade Benta, a terra passa por uma fase em que o índice de natalidade caiu muito, atualmente os casais preferem não ter filhos, outros assumem a homossexualidade e não conseguem constituir família, tudo isso contribui para que aumente a quantidade de irmãos que aguardam uma oportunidade de reencarnar. — Nossos irmãos encarnados têm razão quando dizem que existem muitas crianças que necessitam de adoção, mas muitos dos espíritos que aguardam a oportunidade de reencarnar necessitam fazê-lo em determinadas famílias, são irmãos que precisam passar por determinadas provas e expiações que só podem ser vividas no ambiente social e familiar próprio.

— Sabe Severino, acredito que seja uma questão de tempo, em breve haverá uma nova

conscientização no planeta, as pessoas passarão a compreender a importância de se estabelecer uma família, sentirão necessidade de respeitar a todos.

— Minha Nega, infelizmente os encarnados ainda não compreendem a necessidade de respeito e aceitação, por isso discriminam tanto aqueles que escolheram caminhos diferentes. — Nós sabemos que aqueles que se encontram encarnados como homossexuais sofrem muito, vivenciam uma árdua batalha íntima, vários desses irmãos reencarnaram em determinado sexo por um propósito, são pessoas que vivem em conflito, pois trazem traços de vidas passadas quando eram de sexo oposto. — Em verdade é a luta entre o ego e o espírito, mas tudo isso será superado. — Benta, com o tempo esse desequilíbrio entre o número de encarnados e desencarnados irá se equilibrar, é apenas uma questão de consciência, um dia todos entenderão que tudo na criação e na existência depende de um princípio masculino e feminino.

Benta me olhava com carinho, sabia que nosso tempo juntos chegava ao final, conscientes de que é

nossa condição não existe tempo ou distância que nos separe, olhei sorrindo para ela:

— Benta, a conversa foi esclarecedora, foi muito bom te ver, mas precisamos voltar para nossas tarefas. — Você sabe minha Nega, estamos sempre juntos, em breve nos reencontraremos.

Despedi-me de Benta, e voltei para minha pequena Aruanda, chegando encontrei Sete Adagas que me aguardava:

— Severino, vim para me despedir, você já não necessita de um guardião para te ajudar. Minha linha de trabalho é diferente dessa que você está agora. — Minha tarefa é estar junto com minha falange dando suporte aos trabalhos feitos por Pretos Velhos, vamos na linha de frente quando esses descem a zonas muito profundas, os protegemos contra o ataque de irmãos revoltados. — Então meu velho amigo, hoje me despeço por um tempo!

Abracei meu amigo com gratidão, realmente eu não necessitava de seus cuidados, havia lembrado de tudo que precisava, estava trabalhando, ele havia cumprido com sua missão.

Antes de ir, Sete Adagas fez um sinal no ar mostrando-me a assinatura de sua falange.

Depois daquele dia me entreguei aos trabalhos com a Falange da Paz Divina, a qual eu havia me engajado, juntos levávamos a bandeira com a Estrela de Davi, representando a união entre o Cristianismo e o Judaísmo.

Como está escrito: Por minha vida, diz o Senhor, diante de mim
se dobrará todo joelho, e toda língua dará louvores a Deus.
Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus.
Romanos 14:11-12



CAPÍTULO III

Resgatando o passado

Em nossas excursões, os trabalhadores da nossa falange mantinham as roupagens dos tempos de escravidão, pois assim era mais fácil a aproximação e resgate de escravos. Em uma de nossas reuniões habituais na colônia de Pretos Velhos, foram destacados vários irmãos para atuar em diversas faixas, quanto mais baixa a faixa, mais densas eram as vibrações. Seguíamos em caravanas, cada uma para a faixa a qual foi enviada, fazíamos essas excursões de tempos em tempos, sempre tentando resgatar o maior número possível de irmãos.

Dessa vez fui designado para um trabalho mais difícil, durante nossas peregrinações encontrávamos falanges de espíritos malignos, conduzidos por outros de hierarquias mais elevadas, independente do mal que nos cercava, mantínhamos sempre o objetivo, resgatar irmãos sofredores.

Entre 1914 e 1918 as reuniões em Aruanda eram constantes, todos se empenhavam em ajudar,

resgatar, auxiliar os irmãos que perdiam suas vidas na primeira guerra mundial. Várias falanges diferentes se reuniram, formando inúmeras caravanas que seguiam para Europa. O cenário era desolador, eram muitos irmãos em estado de total desequilíbrio, perturbados com a tragédia que os cercava. Durante os anos de guerra, muitos desencarnaram, nosso trabalho era incessante, e mesmo com o término da guerra o trabalho no resgate e recuperação desses irmãos continuou por um longo tempo.

No ano de 1922 eu e meu grupo saímos a procura de irmãos com os quais tivemos contato em nossa última encarnação, com o pensamento fixo em sinhá Ana e sinhô Belizário, fui direto para a região onde eles estavam quando eu desencarnei, a cena ainda se repetia, mas agora eu compreendia o que acontecia com os dois.

Sinhô Belizário criou uma agrégora, na qual ambos se mantinham presos, levantou um tronco com um escravo sem identidade, no qual despejava seu ódio em constantes e intermináveis chibatadas, sinhá Ana por sua vez fazia tudo para impedi-lo, pois

acreditava que a cena era verdadeira, a criação mental de Belizário os mantinham presos na cena que se repetia sem parar.

Assistindo a cena decidi que primeiro abordaria sinhá Ana, que estava atirada no chão, coberta de lama. Quando desencarnou ela se manteve presa ao corpo por algum tempo, sentia-se culpada pelos maus tratos que sinhô Belizário praticava aos escravos, após se desfazer dos despojos materiais foi atraída para junto do marido.

Baixei minha vibração o máximo que pude, pois só assim ela poderia me ver, mantive minha consciência plenamente elevada, me aproximei e a abracei, ela não me reconheceu, apenas me olhou suplicando:

— Por favor, ajude não consigo pará-lo! Ele me empurra, já não estou mais aguentando, não quero mais viver essa vida, há anos ele pratica maldades terríveis a essas pessoas que não escolheram ser negras!

— Se acalme sinhá! Esqueça um pouco esse momento, vamos conversar. — Aquele homem que

ele está chicoteando não existe, ele criou um cenário, sei que a senhora não me compreende, mas não é de verdade, não é real! É uma situação criada pela mente dele!

Olhando ao redor ela me perguntou:

— Onde estou? Não entendo! Não consigo sair daqui e isso não para!

— Sinhá, a senhora sabe qual é seu nome? Sabe quem é?

Olhando para o vazio daquela escuridão ela balbuciou:

— A última coisa que lembro é que eu estava na cozinha, mas meu marido morreu, eu não deveria estar aqui!

— Sinhá, se a senhora está vendo alguém que já morreu, será que também não se encontra na mesma situação?

— Se estou falando com você é porque estou viva! Apenas não consigo me levantar!

Percebi que a conversa demoraria e exigiria muita paciência.

— Sinhá, vamos entender o que aconteceu? Se não gosta de ver escravos serem chicoteados então pode confiar em mim, olhe para mim, para minhas roupas, também sou um escravo. Só sairei do seu lado quando conseguir ajudá-la. — Ajudarei a senhora a lembrar, mas precisará ser forte!

Notei que ela não estava em condições de ouvir e compreender, mas ainda estava decidido a ajudá-la, queria removê-la daquele lugar, com cuidado comecei a falar:

— Sinhá, olhe para meus olhos, não lembra de mim? Lembra que me dava queijo? O queijo que a senhora fazia era muito gostoso!

— Sim! Eu fazia queijo! Tinha um escravo que sempre me levava o leite, eu gostava tanto dele! Era sempre tão doce, gentil, não importava quanta chibatada levasse, estava sempre sorrindo.

— Sabe por que eu sorria sinhá? Porque meu espírito era livre! A senhora gostava daquele negrinho?

— Sim! Gostava muito! Eu fazia quitutes para que ele dividisse com seus irmãos de senzala.

— A senhora lembra do bolo de fubá?

— Sim! Me lembro!

— E para quem a senhora dava o bolo?

— Dava para esse mesmo negrinho!

— A senhora lembra o nome dele?

Ela não me respondeu, voltou a olhar fixamente para o nada.

— Sinhá, ao invés de olhar para essa escuridão, olhe em meus olhos! — Lembra do negrinho? Seu nome era Severino!

Ainda olhando para o nada seus olhos começaram a derramar lágrimas, vendo sinhá naquela situação eu sentia imensa compaixão, naquele momento meus olhos também comecei a chorar. Segurando em suas mãos, tentei mais uma vez ajudá-la a lembrar:

— Sinhá, nunca esquecerei sua generosidade, todas às vezes nos deu queijo e bolo que tornavam nossos dias mais feliz, jamais esquecerei seu carinho, e o carinho de suas filhas.

— Filhas? Eu tinha filhas?

— Sim! Duas sinhazinhas, Cecília e Beatriz.

Mais uma vez seus olhos se perderam na escuridão, percebia que ela tentava compreender o que estava acontecendo, eu precisava tirá-la daquele lugar, mas para isso era necessário que ela alcançasse um pouco de consciência.

— Sinhá! Agora se lembra de mim?

Voltando o olhar para mim ela deu um sinal de que recuperaria a memória, esboçando um pálido sorriso ela com agitação:

— Sim! Sim! Me lembro! É você Severino! Me ajude! Me ajude por favor!

— A sinhá lembra o que falava para sinhô Belizário enquanto ele chicoteava os escravos?

— Sim, lembro, eu falava: Pare em nome de Jesus!

— Isso Sinhá! Agora pede para Jesus!

Ela olhou para Belizário e disse:

— Belizário! Pare em nome de Jesus!

Ele, que até aquele momento estava absorvido pela tortura ao escravo, parou e olhou para Ana sentindo-se envolvido por suas vibrações de fé, no

mesmo instante os dois começaram a brilhar, pareciam dois faróis a se iluminar na escuridão.

Bastou falar com fé o nome de Jesus para que se elevassem um pouco. Mas para levá-la eu ainda precisava que ela compreendesse que estava desencarnada.

— Sinhá, se está vendo o sinhô, é por que se encontra na mesma condição que ele, a senhora não me disse que ele tinha morrido?

— Sim, é verdade, ele morreu! Mas não entendo!

— Sinhá, a senhora está viva, apenas passou para o outro lado, é difícil para entender agora, mas preciso que se esforce para compreender só um pouco, a senhora passou para um lugar onde ficam as almas, mas veio para um lugar que é ruim, pode ir para um muito melhor!

Percebi que quanto mais eu tentava explicar, mais aumentava a confusão, então decidi ser direto:

— Sinhá, a senhora está morta! Morreu um ano depois de Belizário, o espírito é diferente daquilo que vocês liam nas escrituras sagradas. — Pense sinhá,

não foi Jesus quem disse: Na casa de meu pai existem infinitas moradas? Essa é uma dessas moradas! — A senhora morreu em carne, mas o espírito não morre, é isso que senhora não consegue entender agora, saiba que na terra já se passou muito tempo, as carroças agora são diferentes, faz anos que vocês estão nesse lugar, um umbral que criaram com suas mentes!

Apavorada com a realidade ela ficou atormentada, se escorava nas pedras do vale, perguntando-se o que era umbral. A luz que ganhou quando chamou por Jesus aos poucos foi se extinguindo, dando lugar a escuridão, para que conseguisse levá-la era importante elucidá-la naquele momento.

— Sinhá, tudo que está vendo é construído pelos pensamentos de pessoas que estão na mesma situação que a senhora! Alguns chamam esse lugar de inferno, outros de purgatório, eu quero ajudá-la a sair desse estado de consciência!

— Mas onde estão os capetas de chifres, o rio de lava!

— Sinhá, o inferno é criado pelos pensamentos repetitivos de vocês! As pessoas criam seu inferno, a senhora e o sinhô criaram esse lugar, que nós chamamos de umbral, enquanto houver pessoas pensando como vocês, lugares como esse continuarão existindo!

Ela olhou para suas mãos que estavam em estado de putrefação, então começou a reviver sua morte, o período que ficou presa em seu corpo no caixão. Apavorada ela me perguntou:

— Você está morto também?

— Sim, mas em verdade, mais vivo que a senhora!

— Foi Belizário que te matou?

— Não! Ele morreu antes que senhora.

— Eu me lembro, fui enterrada viva!

— Não sinhá! A senhora estava morta, o que aconteceu é que ficou presa dentro do corpo! Eu fui ao seu enterro, mas não podia imaginar que seu espírito estivesse preso no corpo dentro daquele caixão!

Finalmente ela começou a aceitar, ainda muito confusa chorava copiosamente, fazendo o possível para evitar que ela se entregasse ao desespero, continuei:

— Sinhá, lembre-se de Jesus, e deseje sair daqui!

Ela não me ouvia, mantinha-se com o pensamento fixo nos momentos da morte.

— Sinhá, venha, segure em meu braço! Levante-se! A senhora lembra como se reza? Vamos fazer juntos a oração que Jesus nos ensinou?

Ela me olhou e sorriu como fazia nos momentos em que me dava queijo, aos poucos voltou a brilhar, e juntos oramos, quando terminamos eu lhe disse:

— Sinhá, vamos orar mais uma vez?

Enquanto orávamos sua vibração aumentava, e eu elevava a minha também, sem ela perceber lhe aplicava passes, logo os irmãos da minha falange chegaram para recolhê-la.

Ainda muito confusa, antes de ir ela me falou:

— Severino, quero sair daqui! Me ajude por favor!

— Sinhá, continue rezando!

Ela continuou a oração, pouco depois fechou os olhos, foi levada inconsciente para uma colônia de recuperação, onde ficou por muito tempo. Durante sua recuperação sempre que podia ia visitá-la, podia ver que durante o sono ela continuava revivendo a cena criada por ela e Belizário, todo aquele cenário era alimentado pelos dois.

Meu trabalho naquele lugar não havia terminado, sinhô Belizário continuava batendo no escravo que ele criou. Baixei novamente minha vibração e me aproximei dele, tamanho era seu envolvimento com a situação que ele não percebeu minha aproximação, para chamar sua atenção aguardei, quando ele levantou o braço para dar mais uma chicotada eu segurei seu pulso, enraivecido ele relutou, puxou, mas eu mantive seguro.

— Sinhô Belizário, já chega! O senhor está batendo em algo que não existe! Esse escravo o senhor criou com sua mente!

— Como pode dizer isso? Cale a boca seu escravo, você será o próximo!

— Sinhô, basta! Isso não é um escravo, olhe para mim, lembra quem eu sou?

— Claro que lembro! É aquele fujão!

Naquele momento ele esqueceu da sua criação, que imediatamente desapareceu, voltando sua atenção e ódio para mim se atirou em minha direção. Mantendo-me firme em minha posição perguntei:

— O senhor vai me bater?

Quando me ouviu falar em tom desafiador ele paralisou, aproveitando-me de sua surpresa continuei:

— Não é o senhor que pregava a bondade e generosidade? Por acaso o que o senhor ensinava se aplicava somente aos brancos? Será que o senhor nunca pensou que servia para os negros também?

Parado, me olhando fixamente ele retrucou:

— Cale a boca escravo sujo!

— Está bem, se o senhor quer me bater então vou deixar que me bata!

Naquele momento criei um tronco, correntes, e uma chibata, olhando fixamente em seus olhos me

encostei no tronco como quem está pronto para ser castigado, mostrando profunda serenidade falei:

— Olhe, veja sinhô Belizário, estou no tronco!

Ele mais uma vez retrucou enraivecido:

— Mas não adianta! Precisa ser acorrentado! Não posso te chicotear se não estiver com as correntes! Onde estão essas correntes?

— Pois então vou me acorrentar, é assim que o senhor quer?

Em seguida fiz com que meus punhos e tornozelos fossem acorrentados, e perguntei:

— Está bom assim? Veja, estou acorrentado!

Puxando meus braços ele gritou:

— Saia daí seu negro! Sou eu quem deve colocar as correntes!

Descendo do tronco ajuntei as correntes e ofereci:

— Então tá, tome sinhô Belizário, pegue as correntes!

Ele não conseguia segurá-las, pois a substância da qual eu usava para criar as correntes era muito mais

sutis que aquelas que ele estava acostumado, percebendo sua confusão, perguntei:

— Então como o senhor quer fazer? Quer que eu fique imóvel para que me bata? Então tá, eu fico imóvel, pronto! Estou pronto!

Dando as costas me segurei no tronco, mostrando que estava preparado para o castigo, cada vez mais confuso ele olhava ao redor, procurava e reclamava:

— Assim não dá! Preciso de cordas! Onde estão as cordas?

— Agora o senhor quer cordas? Pois bem, continuaremos nesse empasse!

Desci do tronco e criei cordas, correntes e joguei-as em seus pés:

— Sinhô, já tentou se perguntar por que bate em escravos?

Então ele fez um discurso falando sobre a inferioridade dos escravos, parecia que revivia os tempos na fazenda.

— Pois muito bem, mesmo com toda nossa inferioridade conseguimos fazer isso, olhe!

Fiz aparecer inúmeras cordas e correntes de todos os tipos, que se amontoaram a sua frente, olhando em seus olhos perguntei:

— Com toda sua superioridade consegue fazer aparecer tudo isso?

Coçando a cabeça, ele olhava para as cordas e correntes a seus pés,

— Não consigo!

Fiz ele desanimar e com isso desviar sua atenção da criação mental que ele mantinha, aos poucos tudo se desfez. Aproveitando a oportunidade de conscientizá-lo comecei:

— O sinhô gosta de maldade! Olhe para seu corpo, veja seu estado! O senhor está morto!

Ele olhou para o próprio corpo:

— É mesmo! Parece que estou podre!

Era necessário ser firme com as palavras, na situação em que ele se encontrava outro tipo de abordagem não adiantaria, aquele homem viveu muito tempo afastado de qualquer tipo de sentimentos elevados, seu desejo de maldade estava cristalizado,

seria impossível tocar seu coração sem causar dor, pela tristeza ele chegaria ao arrependimento.

— O senhor está pior que a sinhá Ana! Seu apego a matéria fez com que ficasse muito tempo preso em seu corpo de carne que estava morto, agora o senhor é espírito!

Balançando a cabeça negativamente ele se recusava aceitar a situação:

— Não! Devo estar doente! O homem morre apenas uma vez! Foi Deus quem disse!

— Escute Belizário, vou embora, se quiser sair daqui reze para Jesus, mas que seja de coração! Não adianta fazer como nos tempos de encarnado, quando pegava aquela bíblia em sua casa, discursava com belas palavras, mas na prática aplicava a lei do: faça o que digo, mas não faça o que faço!

Por enquanto continuará aqui, pode ir embora quando quiser, basta que se arrependa das atrocidades que cometeu e abra esse coração para o amor de Cristo. — Sinhô Belizário, ainda não tem um capeta por aqui, mas se continuar assim logo terá! E será com chifres, rabo e tudo mais!

Ele que até então não parava de reclamar e blasfemar parou com olhar fixo na escuridão, eu segui meu caminho dando tempo para que ele refletisse, para levá-lo era necessário que tomasse consciência, e até aquele momento ele não demonstrava qualquer sinal de arrependimento.

A passagem do tempo é diferente em cada plano de existência, varia conforme a elevação mental de cada ser, sendo assim Belizário prolongou muito sua permanência naquela região, período que para ele pareceu uma eternidade. Eu continuei tentando conscientizá-lo, entre um trabalho e outro sempre retornava, conversava, tentava elucidar, fui mais de cem vezes tentar resgatá-lo, no entanto, era praticamente impossível demovê-lo da ideia de escravização, ele continuava batendo naquele escravo que criou, e ainda mantinha na mente a imagem de sinhá Ana tentando impedi-lo, a cena repetia-se como se sinhá ainda estivesse com ele.

Em 1925 formamos um grupo de estudos e pesquisas, nosso destino era uma colônia próximo a crosta terrestre, situada sobre a região de Minas gerais,

o objetivo era conhecer e auxiliar nos trabalhos realizados pelos irmãos desse lugar.

Ao chegar na colônia fomos apresentados e designados ao trabalho, quando seguia para realizar minhas tarefas, de longe, avistei sinhá Ana e suas duas filhas, sinhazinha Cecília e Beatriz, as duas desencarnaram alguns anos depois de mim, agora aparentavam senhoras com aproximadamente sessenta anos, senti imensa alegria ao reencontrá-las.

Segui na direção das sinhás, que surpreendidas pela minha presença seguiram apressadamente ao meu encontro, felizes pelo reencontro nos abraçamos, no entanto, todos estávamos conscientes de nosso compromisso na colônia, não podíamos nos desviar de nosso trabalho. Sinhá Ana ainda estava em recuperação, mas já conseguia auxiliar do amparo dos que chegavam em estado muito pior. Cecília, desejosa de aproveitar minha companhia rapidamente se ofereceu para me auxiliar nos trabalhos. Aceitando a oferta, me despedi de Ana e Beatriz.

Cecília me guiou pela colônia explicando como o trabalho era realizado, enquanto isso colocávamos os assuntos em dia:

— Sabe Severino, depois que desencarnei passei um período nas regiões do umbral, agora estou estudando, aprendendo como é o plano espiritual.

— Sinhazinha, o que aconteceu com a fazenda?

— Severino, por favor, não precisa me chamar de sinhazinha, esse tempo passou! A fazenda ficou como herança para meus filhos e netos, mas com o passar dos anos as terras foram se perdendo, aconteceram muitas reformas agrárias, o patrimônio se arruinou, hoje resta pouca coisa.

— E como vão seus estudos aqui?

Cecília me olhou com doçura, aquele olhar tocou fundo em meu coração, ela ainda tinha muitas dúvidas sobre a nova realidade, demonstrando inocência ela me perguntou:

— Severino, por que sua luz é diferente da nossa?

Me comovi com a pergunta, a verdade era que sua caminhada evolutiva em busca de luz ainda seria longa. Olhei para seu rosto, que agora trazia a aparência de uma senhora, acariciando sua face falei com carinho:

— Minha pequena filha, você será sempre minha sinhazinha!

Sua expressão mudou, abrindo um largo sorriso seu corpo se iluminou, naquele momento sua aparência se alterou, ela voltou a ser a jovem e linda sinhazinha de outrora. Abraçando-me carinhosamente perguntou:

— Severino, por que você é diferente? Sinto seu calor!

— Minha sinhazinha, você vai aprender tudo na hora certa, se ainda sente temperatura, isso é sinal de que precisa evoluir um pouco mais, isso faz parte do nosso avanço! — Eu não sou diferente, aqui não existem diferenças entre as pessoas, todos aguardam o momento de voltar para terra.

— É verdade Severino! Estou aprendendo que a evolução do espírito nunca cessa!

Com o olhar compenetrado em minha luz, ela concluiu que mesmo na condição de escravo eu estava em um grau de evolução mais adiantado que ela, por isso minha luz era diferente:

— Severino, posso saber o que fez você conseguir tanta luz?

— Minha filha, são as várias caminhadas pela terra! — Se na luz caminhar, luz terá! Se nas trevas andar, trevas terá!

— Compreendo, ainda tenho muito que caminhar para um dia ser como você!

— É assim para todos, uma longa caminhada, onde alguns estão a frente e outros um pouco atrás, mas sempre no mesmo caminho, rumo a evolução!

— É verdade!

Tentando desviar o assunto perguntei:

— Me diga Sinhazinha, soube que João vem lhe visitar! É verdade?

Mudando completamente o semblante, ela sorriu com alegria:

— Sim Severino, foi ele quem me resgatou! Agora não ficamos mais o tempo todo juntos, mas

sempre nos visitamos. — Agora venha, vou lhe mostrar o restante da colônia!

O local era especializado em resgates, ofereciam os tratamentos iniciais aos irmãos resgatados, em seguida os encaminhavam para outros locais de tratamento. Aproveitei a oportunidade para ensinar um pouco mais a Cecília:

— Você sabe minha sinhazinha, existem vários tipos de colônias! Algumas mais humildes que essa, e outras muito mais avançadas!

— Já ouvi falar Severino, pode me dizer como são?

— Muitas são bem semelhantes a terra, no entanto, muito mais avançada tecnologicamente! Nessas colônias existem casas, centros de estudos, de tratamento, salões de jogos para recreação, são verdadeiras cidades, bem estruturadas e organizadas!

— Aqui é um local temporário, nosso trabalho é receber, ajudar e confortar os irmãos que chegam, quando estão reabilitados são enviados para locais de aprendizado e recuperação.

Eu ouvia atentamente as explicações que ela me dava, conhecia muito bem as diretrizes daquele tipo de colônia, mas ouvi-la me trazia boas lembranças de quando ela nos ensinava o BE-Á-BÁ na senzala:

— Sabe Severino, muitos não compreendem que estão desencarnados! Necessitam de longos tratamentos, sofrem por manter apego as pessoas ou bens materiais! Somente depois de vencer essa etapa é que podem partir daqui para um lugar melhor. — Nosso trabalho não se restringe a colônia, também saímos em resgate, seguimos em caravanas, carregamos uma bandeira branca com uma cruz vermelha.

Durante nosso passeio Cecília me mostrou toda colônia, em seguida me deixou em um aposento humilde e confortável, onde eu poderia ter alguns momentos de descanso.

Mais tarde nos reunimos, acompanháramos as trabalhadoras da colônia até uma faixa umbralina mais densa, muito próximo a crosta onde espíritos apegados a terra perambulam entre os encarnados, ajudaríamos no trabalho de resgate.

O local estava repleto de irmãos em sofrimento, vários imploravam por ajuda há muito tempo. Muitos já haviam sido remanejados inúmeras vezes, trabalho realizado por guardiões que, na tarefa de proteger encarnados recolhiam e levavam esses espíritos até zonas compatíveis com suas vibrações e apropriadas a suas necessidades de conscientização, nesses locais muitos se arrependiam de seus erros e adquiriam luz suficiente para serem recolhidos, no entanto, muitos retornavam a crosta, insistiam em continuar interferindo na vida dos encarnados, esses ou eram capturados por escravizadores, ou por guardiões que os levavam novamente até as zonas umbralinas. Nessa excursão muitos foram resgatados.

Nossa localização era muito próxima ao lugar onde estava sinhô Belizário, aproveitando a oportunidade mais uma vez fui até o local onde ele estava.

Ao chegar logo percebi que ele continuava preso na fantasia umbralina que criou, a cena se repetia, ele chicoteava o escravo preso no tronco, sinhá Ana implorava que parasse, ele a empurrava e

continuava a bater, tudo igual às dezenas de vezes que fui tentar resgatá-lo.

Aproximei-me, quando ele levantou a mão para bater mais uma vez no escravo eu toquei seu braço, passando boas energias, luz. Surpreendido ele me olhou como quem acordava de um pesadelo, o cenário de imediato desapareceu, baixei minhas vibrações o máximo que consegui, pois só assim ele poderia me ver, parados os dois naquele umbral eu falei:

— Acorde sinhozinho! O senhor está tendo um sonho ruim!

Ele apenas me olhava paralisado, apliquei-lhe passes que o induziram a um sono profundo, amparei o corpo e me coloquei ao seu lado, algum tempo depois ele despertou lentamente, em estado de entorpecimento tentou se levantar, segurando seu braço o ajudei a ficar em pé:

— O senhor está bem?

Ele arregalou os olhos, espantado:

— Severino? Você não tinha fugido?

— Sim, eu fugi, mas voltei!

Ele me olhava confuso, acreditava que eu estivesse em seu sonho:

— Sinhô Belizário, me escute, não posso ficar muito tempo aqui, logo preciso ir embora! — O senhor precisa sair desse pesadelo!

— Onde estou?

— Está no lugar que precisa! Vou explicar, mas antes precisará ouvir com atenção o que tenho para falar! — O senhor se lembra da última coisa que estava fazendo?

— Sim, estava batendo em um escravo fujão!

— O senhor tem certeza de que estava batendo em um escravo de verdade? — O que o senhor estava fazendo antes?

— Lembro que já estava aqui, em minha fazenda, é estranho que sempre está noite, não vejo o sol! Será que troquei a noite pelo dia? Que dei para dormir de dia e trabalhar a noite?

— O senhor está perdido, toda essa raiva que tem em seu coração fez com que viesse para esse lugar!

— É verdade, tenho muita raiva, sei que não é bom para mim!

— Antes de vir para esse lugar, o senhor lembra o que aconteceu?

— Lembro que tive muitas dores no peito.

Ele ainda não conseguia compreender que estava desencarnado, precisava fazê-lo compreender para em seguida tentar tirá-lo daquele umbral. Uma abordagem cautelosa não teria muito êxito, seria necessário ir direto ao ponto crucial e falar-lhe que estava morto, durante as inúmeras tentativas já havia tentado vários tipos de abordagem, essa ainda era a que mais se aproximava de um bom resultado:

— Então sinhozinho, quando teve aquelas dores no peito o senhor morreu! Bateu as botas! Agora o senhor entendeu?

— Mas o que você está falando?

— Sinhô estamos falando de anos e anos, o senhor morreu antes da Lei Aurea, agora já estamos em 1930! Faz mais de cinquenta anos que o senhor morreu! — Se não compreender isso nunca sairá desse lugar! Se olhe, veja seu estado que não é nada bom,

olhe para suas roupas, estão sujas, seu corpo, parece um cadáver!

Ele olhou para o próprio corpo, confuso tentava compreender o que estava acontecendo, sua reação dessa vez foi diferente, anteriormente ele sequer aceitava ouvir, olhando-me perguntou:

— Não é possível! Como posso estar morto se estou falando com você?

— Em partes tem razão, em espírito o senhor não está morto, o que morreu foi o corpo de carne. — O problema é que o senhor acreditava que morreria e ficaria dormindo até o dia do julgamento final, mas não é assim que as coisas acontecem!

— Não estou entendendo! Não estou morto! Sinto meu corpo, não posso estar morto!

— Se o senhor não acredita então venha comigo! Vamos dar umas voltas, andar pela fazenda!

Sáimos andando até chegar à porteira da fazenda, ao atravessarmos a passagem não existia nada do que ele conhecia antes, era apenas um lugar inóspito, demos mais alguns passos e chegamos a um pequeno barranco, olhando a frente via-se um

gigantesco vale lamacento cercado por colinas, onde vários espíritos caminhavam sem rumo parecendo-se com mortos vivos. Enquanto ele olhava abismado perguntei:

— Sinhô, isso estava aqui antes?

— Não! Que lugar é esse?

— Comece a acordar para a nova vida! O que o senhor está vendo se chama Vale Profundo, é um lugar de assassinos, escravizadores, para onde vem os desencarnados com baixíssimas vibrações, e o senhor pertence a esse lugar, é o resultado de todas as maldades que fez na terra, o apego a matéria, as perversões, tortura e morte de vários escravos!

Naquele momento fiz meu pé desaparecer e perguntei:

— O senhor lembra desse cotoco? Esse pé que o senhor mandou cortar porque eu fugi?

Ele não me respondia, apenas olhava fixamente.

— Me diga sinhozinho, agora o senhor entende por que está aqui?

Franzindo o rosto ele esbravejou:

— Não posso acreditar! Você está mentindo!

Em um surto de raiva pegou um punhado de lama e atirou contra mim, no entanto, nada aconteceu, a lama densa apenas atravessou meu corpo flúidico, era como se não tivesse atirado, pois não conseguia me atingir.

— Acalme-se sinhozinho! Vou-me embora, voltarei outro dia, mas para levá-lo desse lugar o senhor precisa compreender o que aconteceu, ou não sairá daqui!

Fui embora, não podia fazer nada naquele momento, mais uma vez ele havia surtado, só me restava esperar para ver até onde ele iria agora que sabia que estava desencarnado. Naquele dia, com a consciência de que estava desencarnado seu padrão vibratório mudou, com isso consegui gravar suas vibrações e me mantive sintonizado a ele, dessa maneira qualquer alteração vibracional eu receberia e poderia ajudá-lo.

Aproximadamente um ano depois, sinhô Belizário alcançou o mais profundo desespero, depois de nossa última conversa ele passou a perambular pela

região, logo encontrou vários perseguidores, muitos eram escravos com sede de vingança, que o aguardavam desde que ele ainda era moço.

A consciência de que estava morto, os perseguidores, e o medo fizeram com que se arrependesse dos crimes praticados, lentamente suas vibrações comesçassem a aumentar, foi quando captei seu sofrimento e segui direto para o lugar onde ele estava.

Chegando, o encontrei acuado no fundo de uma caverna, se escondia de uma horda de espíritos que queriam escravizá-lo, olhando para ele perguntei:

— O sinhozinho está bem?

— Severino, é você? — Também quer me escravizar?

— Sim, sou eu, Severino, não quero escravizá-lo, vim ajudar! — O sinhô está se escondendo do que?

— De outros escravos, eles ganharam liberdade! Estão todos livres!

— O senhor lembra que está morto? Eles também estão, foi o senhor mesmo quem mandou

matá-los! — Espere que vou lá fora ver a situação e volto para lhe falar!

— Você pode ir lá fora Severino? Então vá! Converse com eles que te dou roupas novas, quero sair daqui!

Fui até o lado de fora da caverna, havia muitos irmãos sofredores, um pior que o outro, caminhavam como cegos no escuro, desnorreados sem saber para onde iam, usavam a mesma roupa de escravo, mas agora imundas, lamacentas, vários entre eles eram os que sinhô mandou matar, buscavam vingança, a situação era lastimável. Voltei para junto de sinhô Belizário e lhe falei:

— Sinhô, dei uma olhada lá fora, é um verdadeiro motim! São tantos que nem consegui contar! Na verdade, não sei contar, o senhor nunca permitiu que nós aprendêssemos não é mesmo? Em números não sei dizer, mas vou falar em cabeças, tem muito mais cabeças de escravo do que as de gado que o senhor tinha!

O medo que ele sentiu foi tanto que entrou em pânico, colocou as mãos no rosto e começou a gritar implorando por ajuda.

— Sinhô Belizário! Se acalme, eu sou sua ajuda!

— Você? Mas você é escravo! Não sei por que ainda não me bateu!

— Sou seu amigo, tudo que o senhor fez está perdoado!

— Mas eu mandei arrancar seu pé!

— É verdade! Mandou que arrancassem meu pé, e com uma peixeira!

Naquele momento mostrei meu pé refeito para ele ver.

— Quando é que o senhor vai entender que morreu? Que tem um espírito, e esse continua vivo! — Sinhô, esse negócio de morrer e ficar aguardando juízo final é engano! — A verdade é que o senhor está vivo em espírito e está sendo perseguido por vários espíritos que já foram seus escravos!

Comecei a lhe falar o nome de todos que estavam do lado de fora da caverna.

— Se quer minha ajuda eu lhe dou! — Lembra quando o senhor falava para suas filhas rezar? Por que o senhor não faz o mesmo agora? Comece a rezar!

Assim que terminei de falar fui embora, ele precisava se conscientizar da necessidade de orar, clamar por piedade e perdão. Do lado de fora da caverna os escravos continuavam andando em círculos como cegos na escuridão.

Pouco tempo depois sinhô Belizário lembrou das orações que mandava as filhas fazer, e logo começou a orar e suplicar, rezava Creio em Deus, Ave Ana, Pai Nosso, implorava a todos os santos, até o rosário começou a rezar. Nesse instante percebi que ele estava pronto, poderia ser recolhido.

Naquele momento, eu era o único que estava disposto a tirá-lo daquele lugar, seus guias, guardião, mentor há muito tempo haviam se afastado, aguardavam até que criasse consciência. Eu me dispunha a resgatá-lo porque queria ajudá-lo, ajudar aquele que praticou tantas crueldades comigo só faria minha luz se tornar ainda mais forte.

Voltei até a caverna, quando cheguei ele continuava acuado, mas agora rezando.

— Sinhozinho, tudo bem? O sinhô se arrependeu?

— Severino! Faço o que você quiser, mas me tire daqui! — Eu estava cego, não sabia o que fazia!

— Sabia sim sinhô Belizário! Por isso esse monte de escravos lhe persegue! — Se acredita em Jesus Cristo, em Deus Todo Poderoso então poderá ser recolhido. — E digo mais, além de se arrepender, precisa perdoar todos que estão lá fora!

— Peço perdão a Deus! Quero que eles me perdoem também!

— O perdão deles não poderá ter agora, isso terá que aguardar, é outra história! — Vou levá-lo para um local próximo, onde receberá a ajuda que precisa.

Espíritos em condições semelhantes e de sinhô Belizário, para serem resgatados por seus guias, mentores, guardiões ou caravanas precisa atingir um grau mínimo de vibração, pois somente assim são localizados. Ele ainda não tinha atingido esse estado, se eu não o levasse certamente ficaria muito tempo

aguardando e implorando até que conseguisse elevar seu padrão vibratório a ponto de ser ajudado. Sendo assim, decidi levá-lo para um posto de auxílio na região.

Assim que chegamos avistamos uma grande fortificação, portões grossos e altos, guardados por dois sentinelas. Com o dedo indicador desenhei no ar meu ponto riscado, que deixava um rastro de energia, logo fui reconhecido pelos amigos que eram os guardiões do lugar. Com muito respeito os dois cavalheiros me reverenciaram, em seguida um deles falou:

— O senhor pode entrar, mas ele não, precisa esperar mais um pouco!

Amparando Belizário olhei para o guardião com respeito, e serenamente pedi:

— Meu irmão! Ele se arrependeu de todo mal que fez, agora compreende que se continuar praticando as atrocidades de antes, as coisas ficarão ainda piores. — As caravanas vão demorar, permita que ele entre comigo, peço que me deixe ajudá-lo, assumo a responsabilidade!

Os Guardiões trabalham sob uma Lei Maior, sabiam que por meio da dor, Belizário encontraria a elevação. No entanto, devido a minha insistência permitiram que Belizário entrasse. Assim que entramos ele foi amparado e encaminhado para as câmaras de recuperação, onde permaneceu por aproximadamente cinco anos. Durante muito tempo teve constantes acessos de fúria, momentos em que culpava os escravos por tudo que lhe aconteceu, acreditava cegamente que todo sofrimento que passou nas zonas umbralinas eram de responsabilidade dos negros. Ainda inconsciente do amparo e amor Divino, blasfemava e gritava:

— Se esses escravos fizessem as coisas certas não precisariam apanhar! Eu era obrigado a castigá-los! Se hoje não estou no céu é porque tive que os corrigi-los! Malditos! Se não fosse por esses negros sujos eu teria me tornado anjo! — A culpa é deles!

No posto de atendimento todos conheciam o passado de Belizário, bastava observar a quantidade de escravos que o perseguiam para supor quantas maldades havia praticado. Quando começava a falar

insanidades logo era encaminhado para as câmeras de recuperação para evitar tumultos, lá permanecia até se acalmar.

Eu sabia que Belizário estava dando muito trabalho aos irmãos do posto de socorro, realmente ele ainda não havia se arrependido o suficiente, no entanto, quando o recolhi, minha intenção era de também ajudar os escravos que o perseguiam, eu sabia que removendo Belizário naquele vale seria como tirar o mel das abelhas, logo sairiam daquele pensamento de ódio, e assim eu poderia iniciar os trabalhos de conscientização e aos poucos recolher aqueles irmãos que já haviam sofrido tanto. Aqueles escravos já haviam passado por tudo que necessitavam, mas ainda guardavam no coração o desejo de vingança. Minha estratégia era remover a erva daninha mais resistente, em seguida seria mais fácil retirar os outros que somavam mais de cinquenta escravos.

Durante os cinco anos em que Belizário alternava entre momentos de pouca lucidez e surtos graves eu resgatava os irmãos, sempre que possível ia visitá-lo, tentava lhe dar conselhos, mas ele se

mantinha cego, passava a maior parte do tempo na enfermaria, separado por uma cortina de energia que o impedia de perturbar a paz do lugar.

Sinhá Ana continuava seu trabalho, junto com as filhas trabalhava em um plano mais elevado, as três faziam parte de um grupo de socorro formado por mulheres. Unidas em força de trabalho percorriam as zonas do umbral, resgatando aqueles irmãos que já haviam se conscientizado, independente das causas que os levaram a tais zonas.

A dedicação de sinhá Ana e das filhas foi muito bem vista, e dessa forma lhes foi concedida a escolha de reencarnar ou permanecer no plano espiritual, todas optaram por dar continuidade ao trabalho que iniciaram.

Com o tempo, a dedicação e amor aos irmãos resgatados as três evoluíram, e dessa maneira chegaram a um grau de elevação que necessitam aguardar momento oportuno para reencarnar na terra. Sinhá Ana usava dos seus bônus horas para visitar o marido, ela também tentava clarear sua consciência, lamentava a situação em que Belizário se mantinha,

sabíamos que a única maneira de o ajudar seria submetê-lo a nova reencarnação, no entanto esse processo não seria simples.

Decididos a ajudar Belizário, nos reunimos em esfera mais elevada, com amparo de outros irmãos estudaríamos a fundo o melhor processo reencarnatório para Belizário.

Todos os escravos que o perseguiram foram resgatados, e também precisariam reencarnar, a maior preocupação era como remanejar todos para lugares e famílias que oferecessem as condições necessárias as suas evoluções, além disso precisaríamos organizar tudo de tal forma que evitássemos encontros entre eles e Belizário durante a vida na terra, pois as reminiscências do passado poderiam vir à tona despertando ódio entre todos, fazendo com que se torassem obsessores em vida, ou após o desencarne. Apesar de todos os atos impiedosos que Belizário cometeu em vida, ele continuava sendo filho de Deus, também merecia a oportunidade de reencarnar em condições que lhe permitissem reparar seus erros e evoluir.

Alguns escravos foram convidados a trabalhar no plano espiritual, outros foram encaminhados para planos onde estudariam sobre a reencarnação. O restante dos escravos foi encaminhada para reencarnação, o plano era enviá-los alguns anos antes de Belizário, nasceriam em regiões diferentes, tudo para evitar que no futuro se encontrassem acarretando novas dívidas, ou ao desencarnar esses irmãos voltassem a persegui-lo. Uma verdadeira sincronização para que não se obsedassem.

Entre as décadas de vinte e trinta, boa parte dos escravos reencarnou, alguns por afinidade espiritual nasceram na mesma família, a maioria retornou com o compromisso de suportar os preconceitos, pois nasceriam pobres e negros, era necessário que passassem por certas dificuldades para alcançarem a evolução.

Alguns escravos um pouco mais evoluídos moralmente foram enviados na década de quarenta e cinquenta, reencarnaram em famílias de brancos com o propósito de se opor ao preconceito contra os negros, e ensinar que todos são irmãos.

Nessa mesma condição reencarnaram Didi e Pedrinho, os dois filhos rejeitados por Belizário, nasceram em famílias de imigrantes europeus com a intenção de ensinar como tratar os negros, pois na época o preconceito racial ainda era muito forte.

Belizário reencarnou muitos anos mais tarde, no final da década de noventa. O tempo que passou nas regiões umbralinas, somados aos anos que passou nas câmaras de recuperação contaram mais de cento e cinquenta anos.

Esse reencarnou em condições muito diferentes da vida que tinha como senhor de escravos. Nasceu negro, em uma família de ex-quilombolas, descendentes daqueles que foram seus próprios escravos, muito pobre, com dificuldades de aprendizagem, desde cedo sofreu com o preconceito racial, e assim segue a encarnação atual lutando contra as dificuldades benditas que lhe darão a oportunidade de se elevar.

Eis que o semeador saiu a semear.

E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho; foi pisada, e as aves do céu a comeram.

Outra caiu sobre a pedra;
e, tendo crescido, secou por falta de umidade.

Outra caiu no meio dos espinhos;
e estes, ao crescerem com ela, a sufocaram.

Outra, afinal, caiu em boa terra;
cresceu e produziu a cento por um.

Dizendo isto, clamou: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

Lucas 8:5-8



CAPÍTULO IV

Iluminando caminhos

Na década de quarenta, durante os trabalhos no plano espiritual recebi a visita de Benta, assim que avistei minha companheira senti o coração se encher de alegria, se aproximando ela sorriu falando:

— Como é que você está meu nêgo?

Indo ao encontro de Benta a abracei com carinho, ela logo começou a falar:

— Severino, preciso conversar com você!

— Pois fale, o que aconteceu?

— Me propuseram ajudar um irmão que voltará para terra, é um escravo que voltará como mulher para que possa ter novas experiências, desenvolverá o amor que acompanham os laços de maternidade, e assim dará oportunidade para que outros irmãos voltem a terra. Reencarnará na região nordestina, pois foi onde passou toda sua última vida:

— Severino, fui convidada a ser uma de suas guias, trabalharei auxiliando seus mentores, guardiões e outros irmãos, que juntos se comprometeram em

ajudá-lo em sua evolução. A intenção é que mais tarde se engaje nos trabalhos da umbanda, isso acrescentará em seu processo evolutivo.

— Benta, se você vai ficar mais tempo por lá então irei com você! Sempre que me for possível estarei ao seu lado, ajudarei no que me for permitido.

— Vou aceitar o trabalho, minha missão será conduzir esse irmão pelos caminhos do bem.

— Está certa minha nega! Tem meu apoio e cooperação.

Benta seguiu para seu novo trabalho, logo o irmão reencarnou, nasceu uma menina que crescia em condições normais, como qualquer encarnado passava por dificuldades, sua família contava com boa quantidade de bens, no entanto em dado momento perderam todas as posses, passaram por períodos de dificuldades, e Benta mantinha-se ao lado de sua protegida, sempre inspirando bons pensamentos, enquanto ela acompanhava o crescimento da pequena eu continuava meu trabalho nas zonas baixas, sempre buscando e resgatando irmãos que foram escravos em sua última existência.

O fim da segunda guerra mundial possibilitou a recuperação e crescimento de muitas nações, no entanto o cenário no plano espiritual se tornou ainda mais obscuro, nas zonas umbralinas se formaram inúmeras colônias de espíritos revoltados, comandados por entidades antigas e poderosas que edificavam construções parecidas com castelos medievais, cercados por muralhas, e de lá comandavam seus grupos que eram chefiados por escravizadores, inquisidores, e até membros do clero, espíritos malignos que subjugavam os mais fracos para que seguissem suas ordens.

Os grupos se organizavam em milícias que disputavam territórios, gerando um cenário de guerras entre facções, batalhas marcadas por extrema violência, pois esses espíritos não guardavam qualquer tipo de moralidade, piedade ou compaixão, eram totalmente desprovidos de sentimentos nobres, ou de amor para com o próximo, sendo assim eram atrozés, impiedosos e cruéis com aqueles que capturavam. Era comum capturarem espíritos que viveram em regiões africanas, onde aconteciam guerras tribais, usavam do

ódio já existente entre esses desencarnados para criar grupos com afinidades, que continuavam suas batalhas no plano umbralino. Os derrotados e capturados eram arrastados para dentro dos muros dos castelos, onde eram torturados, escravizados ou utilizados para trabalhos contra os encarnados na terra.



Vários desses espíritos estão a milhares de anos nessas regiões, que se formaram em épocas remotas desde os antigos Lemurianos.

Os primeiros passos do homem na terra logo foram acompanhados por espíritos malignos que aos poucos se uniu por afinidades, formando grupos no plano espiritual inferior, conforme a raça humana crescia, mais pessoas desencarnavam, gradativamente aumentando o número de espíritos nessas regiões baixas.

O exílio de vários espíritos para a terra contribuiu para o aumento de poder nas regiões profundas do umbral, que passou a ser dominada e comandada por espíritos com conhecimentos transcendentais, rebeldes e imorais, que se recusavam a

reencarnar em corpos que julgavam inferiores, decidindo permanecer em zonas profundas acompanhando o processo evolutivo do homem, interferindo e prejudicando de todas as formas possíveis.

Milhares de anos mais tarde com o fim da civilização de Atlântida, milhões de espíritos voltaram ao plano espiritual, alguns foram instantaneamente para as zonas profundas, entre eles espíritos com altos graus de conhecimentos que logo passaram a dominar certas regiões umbralinas, outros Atlantes retornaram ao seu orbe de origem, uma parte dessa civilização continuou nos planos superiores com a promessa de retornar a terra com o compromisso de ajudar na evolução da humanidade, e assim séculos mais tarde reencarnaram entre os Gregos como os filósofos que deixaram vastos conhecimentos para humanidade. Os poucos sobreviventes da civilização Atlante se dividiram em várias regiões da terra, se multiplicando e originando outros povos e tribos, que séculos depois vieram a travar batalhas por territórios.

Assim a humanidade cresceu e se expandiu, sempre entre batalhas e guerras, os povos migravam de uma região para outra, criando novas nações, que futuramente entravam em novas batalhas, desde os Lamanitas, passando pelos Nativos Norte Americanos até a segunda guerra mundial milhões de espíritos morreram em guerras sangrentas, desencarnando em estado de profunda revolta e ódio, aumentando cada vez mais as falanges comandadas por entidades trevosas que encontravam nesses a mão de obra ideal para pôr em prática seus planos contra a humanidade.

Muito antes da vinda de Cristo a região umbralina era bem estruturada, comandada e organizada por espíritos poderosos malignos, detentores de vastos conhecimentos, sempre contando com a contribuição da humanidade, que ignorante e inconsciente fornecia, e continua fornecendo pôr meio dos pensamentos desequilibrados, a matéria prima para a construção e manutenção dessas regiões.

Os trabalhadores do plano superior sempre se mantiveram em constante observação nas mudanças e atividades das zonas inferiores, respeitando as leis

divinas sabem que tudo tem o momento certo para acabar. Trabalhando sempre, impedindo que tragédias maiores afetem a humanidade, no entanto nunca puderam interferir na condição de livre arbítrio dos encarnados, que por sua própria escolha de conduta são atraídos ou conduzidos a essas regiões umbralinas, onde por vezes são aprisionados, escravizados, e usados como armas contra encarnados, prejudicando e até mesmo aniquilando suas chances de evolução na vida atual. O trabalho é constante, enquanto os encarnados em sua maioria vivem alheios a suas atitudes mentais e condutas morais os trabalhadores da seara do bem se dedicam no trabalho de resgate, recuperação, proteção, instrução e elevação tanto dos encarnados como dos desencarnados.

Assiduamente são organizadas reuniões em planos mais elevados, onde Pretos Velhos, Boiadeiros, Caboclos, Exus, e várias linhas de trabalho organizam estratégias de combate, resgate, e expansão de consciência. Por vezes se organizam em grupos para resgatar espíritos que estão aprisionados em cidadelas protegidas por muralhas, comandadas por espíritos de

alta hierarquia, que se mantém em seus castelos planejando e ordenando ataques de vingança, perseguição contra encarnados que ocupam posições elevadas no plano terrestre, sempre com a intenção de levar as populações a condições caóticas. Os resgates feitos nessas localidades sempre representam riscos aos trabalhadores, que podem ser capturados e submetidos a torturas, portanto é imprescindível que se movimentem com sabedoria, inteligência, cautela e estratégia.

Normalmente os Exus Mirins são enviados como espiões, transfiguram suas aparências e se infiltram dentro dessas cidadelas, coletam informações sobre a estrutura do lugar, dados sobre os chefes das falanges, e soldados. Em seguida inicia-se o trabalho dos Exus que já sabendo quem e onde abordar se concentram no resgate dos prisioneiros.

De tempos em tempos são organizadas grandes expedições com vários trabalhadores, com o intuito de dismantelar essas cidadelas que são substituídas por postos de socorro. Nessas operações os centros de umbanda são de grande importância,

pois atuam como pontos de luz, servindo de ponto de apoio.

Além dessas operações ainda é realizado o trabalho de proteção nos postos de socorro, que sofrem constantes ataques, tanto por parte de falanges que não aceitam um posto de socorro em seu território, como ataques de grupos mais fracos, que desesperados e amedrontados por oponentes mais fortes tentam a todo custo invadir o lugar para se proteger. A entrada desses espíritos é proibida, pois são revoltados que se negam a seguir as regras, ou cooperar na execução dos trabalhos, quando são acolhidos geralmente causam transtornos e prejudicam a recuperação daqueles que já alcançaram algum grau de consciência.

As facções no umbral assemelham-se as encontradas na terra, no entanto as batalhas são muito mais violentas, se parecendo com as guerras medievais. Entre essas facções a diferença se encontra no local em que se estabelecem, pois escolhem regiões próximas da crosta terrestre onde ocorrem massacres, guerras, e violência descontrolada, geralmente essas

regiões na crosta são com um espelho que refletem o que está no plano espiritual que a circunda, o grande número de desencarnes causados pela violência fornece novos trabalhadores para as falanges desses umbrais.

Certas regiões do globo, permeadas por constantes conflitos, contam com a interferência da alta hierarquia espiritual. Esses irmãos tentam influenciar os líderes dessas nações, impedindo maiores catástrofes. No entanto, nem sempre são ouvidos pelos encarnados que se mantêm alheios ao bem de todos. Por vezes se faz necessário a intervenção de Arcanjos, pois esses são os únicos que conseguem investir contra as regiões umbralinas formadas nesses locais, organizam-se em grandes agrupamentos e seguem para batalha contra as força sombrias que atuam sobre esses locais e dessa maneira conseguem mudar a situação que poderia chegar a fins drásticos para toda humanidade.

Atualmente toda terra é permeada pelo umbral, cada região mantém um plano umbralino condizente com os hábitos, práticas e grau evolutivo da sua

população, sendo assim as regiões do umbral são diferentes em cada lugar, sejam cidades, estados ou países.

Formam um universo paralelo e infinito, que se divide em vários planos, compostos por vales, cidades, cópias do plano terreno. Os umbrais situados na Europa, e Ásia são os mais perturbadores, pois são dominados por espíritos muito antigos, imperadores romanos, inquisidores, dominadores. As energias desses umbrais é demasiada pesada, tornando o trabalho difícil, quando equipes de trabalho são enviadas em missões nessas regiões geralmente são obrigadas a travar batalhas para conseguir executar a tarefa de desocupação.

São infinitas as zonas umbralinas, pois se constituem de planos dentro de planos, variando em grau vibratório que vai desde o menos denso até as regiões abissais onde se encontram as faixas umbralinas com maior densidade, moradia dos espíritos mais trevosos. Nesses locais são poucos os irmãos enviados em missão de trabalho, pois esses precisam ter alto grau de evolução e conhecimentos.

Apesar de tantas formações umbralinas a terra conta com a guarda e proteção do Cristo, que tem ao seu lado vários irmãos de alta evolução que formam um plano superior, toda nação conta com o apoio e proteção de um plano espiritual superior, composto por postos de socorro, transição, proteção, colônias espirituais.

As colônias espirituais se formam sobre pontos estratégicos, onde existe alta concentração de energia benéfica, criada pelos encarnados que oram com amor e fé, locais por onde Jesus passou até hoje são pontos com alto poder magnético deixado pelo Cristo, tanto é, que muitas pessoas quando visitam esses locais são curadas de suas doenças, pois unindo a fé verdadeira que sentem ao eletromagnetismo do lugar a concentração de energia se torna alta o suficiente para atingir o corpo físico e promover cura.

Esses locais são os que mais recebem proteção. Na palestina podemos citar a colônia espiritual que se estabeleceu sobre o Muro das Lamentações. Sobre o Vaticano encontra-se outra colônia espiritual, sendo esse um dos pontos mais protegidos na crosta, todo o

local é cercado por falanges de Exus, que montam guarda constante. Nesses locais a espiritualidade maior atua sobre os cardeais, bispos, influenciam para que façam as melhores escolhas e assim beneficiem a evolução da humanidade, principalmente em momentos decisivos a espiritualidade investe toda sua benevolência sobre os irmãos que tem a decisão de nomear o novo representante da Igreja Católica, para que seja escolhida a pessoa certa para o momento em que a terra se encontra.

Em nosso país, Pátria do Evangelho, entre os inúmeros vales do umbral, alguns merecem destaque, pois mostram as características morais da população desse país, se existem, e estão situados sobre determinados lugares, é porque os encarnados, em sua maioria, alimentam e criam essas regiões, existem infinitas moradas para os espíritos após o desencarne, sendo que as mais conhecidas em nosso país são, o Vale do Sexo que recebe os irmãos, que em vida se entregaram aos prazeres carnis, onde se reúnem espíritos sexólatras, pedófilos, zoófilos, prostitutas todos aqueles que abusaram da sexualidade desregrada

e inconsciente. Essas regiões são diariamente visitadas por encarnados, que durante o sono são atraídos por afinidade até essas regiões, ou seguem guiados por espíritos afins.

A conduta sexual inconsequente sempre acarreta graves enfermidades espirituais, tanto a encarnados como a desencarnados, os primeiros são atacados por obsessores que se mantêm próximo por afinidade de pensamentos, sofrem com a intromissão de larvas astrais que em curto ou longo prazo acarretam doenças que se manifestam no corpo físico, sem que consigam encontrar a origem ou cura para patologia. Nos segundos as consequências se manifestam no corpo espiritual, onde pode-se notar deformidades de todos os tipos, que normalmente se manifestam na região dos órgãos sexuais, dando ao desencarnado um aspecto bizarro, levando esses espíritos ao desequilíbrio e loucura.

Outro vale conhecido, onde muitos irmãos de nossa nação passam longos períodos é conhecido como o Grande Barril, local para onde seguem

alcoólatras, dependentes químicos, recebe também espíritos viciados em prostituição e sexo.

Esse vale, assim como tantos outros é formado por cavernas, cercado por montanhas, local úmido, sem luz do sol, onde ficam aqueles que necessitam passar por um período de purificação até que possam ser recolhidos.

Assim como em todo mundo as regiões umbralinas são compostas por inúmeros vales, cada um condizente com as necessidades expurgatórias dos que para lá seguem. Com o passar dos milênios esses vales foram recebendo nomes, hoje há o vale dos suicidas, vale dos genocidas, dos arrependidos entre outros.

As pessoas são atraídas magneticamente para esses vales por terem afinidades vibratórias com o lugar ou com outros desencarnados que lá se encontram. É muito comum vermos vales com pessoas que mantêm os hábitos semelhantes, por exemplo, a gula, esses irmãos dominados por estados alucinatorios vem no barro pratos de comida, famintos se atiram na lama acreditando estarem comendo aquilo

que mais apreciavam em vida, comem e bebem o lodo imundo e fétido sem perceberem a realidade do que estão ingerindo.

Em outros vales, muito comuns no oriente médio o desencarnado é atraído para o meio do deserto, nesse ambiente umbralino, sofre com sol forte e causticante que sempre se mostra encoberto por neblina escura, são acometidos pela fome, sede, cansaço, dor, e esgotamento, sofrem como se estivessem em um corpo material enquanto perambulam entre as infinitas dunas de areia.

Como os umbrais são formados pelo estado de consciência do espírito as criações são infinitas, pois surgem conforme aquilo que o espírito alimenta em seus pensamentos.

Enquanto existirem mentes desequilibradas existirão umbrais e sofredores, e enquanto existir sofredores nosso trabalho continua.

É dessa maneira que vivemos na erraticidade, sempre servindo a Cristo, amparando e levantando aqueles que caem durante a caminhada, guiando aqueles que abrem seus corações para nossa

Guardião: a luz na escuridão, por Lilian Campos

companhia, e cuidando e protegendo nossos filhos
que hoje estão na terra.

SOBRE O LIVRO

Formato: 14 x 21 cm

Tipologia: Garamond 10/12/14/26

1ª edição: 2019
